



O Jardim do Éden

Barbara Cartland

Coleção Barbara Cartland n° 66



Livros Abril
Título original: **"Moon Over Eden"**
Copyright: © Cartland Promotions 1976
Tradução: Lygia Junqueira
Copyright para a língua portuguesa: 1983 Abril S.A. Cultural e Industrial — São Paulo
Composto e impresso em oficinas próprias

Lorde Hawkston era bonito e elegante, um verdadeiro cavalheiro. Por isso, Dominica aceitou seu estranho pedido para casar com o sobrinho dele e ir viver numa remota plantação de chá. Se o rapaz fosse parecido com o tio... Mas cada fibra de seu corpo estremeceu de repulsa, quando conheceu o noivo: Gerald era grosseiro, cruel e beerrão. E o misterioso e selvagem Ceilão perdeu todo o encanto para ela. Tornou-se apenas um lugar perigoso, onde leopardos espreitavam seus passos. Como poderia suportar que aquele homem repugnante a tocasse, quando era com os lábios de lorde Hawkston que ela sonhava?

CAPÍTULO I

1888

Lorde Hawkston respirou o ar quente, úmido. Olhou para o céu estrelado e compreendeu o quanto, no frio da Inglaterra, tinha sentido falta desse calor que parecia impregnar todo seu corpo, fazendo com que cada um de seus músculos ficasse relaxado e flexível.

Atravessou o gramado, lentamente, sentindo o perfume das magnólias, dos jasmims e dos oleandros, cujos galhos davam uma sombra agradável durante o dia.

Nos vinte e seis dias de viagem, desde a Inglaterra, ele antecipara o prazer de rever o Ceilão, quase como um menino que vai passar as férias em casa.

Não era de estranhar, já que passara dezesseis anos de sua vida no lugar que os maometanos chamavam de “Ilha Paraíso”, pois acreditavam que Adão e Eva lá tinham buscado refúgio, depois de expulsos do Jardim do Éden.

Na Inglaterra foi fácil rir dessas descrições, como a dos brâmanes, “Lanka, a resplandecente”; ou a dos budistas, a “pérola caída na frente da Índia”; ou a dos gregos, “a terra das flores de lótus”.

Mas, voltando ao Ceilão, ao rever aquelas belezas, Lorde Hawkston achou que não havia exagero nessas descrições.

Não que fosse um homem romântico. Era conhecido como ultra-reservado, um patrão exigente e implacável, quando necessário.

Tinha que ser assim, porque sua vida não havia sido fácil! Na realidade, tivera que lutar pelo que queria, palmo a palmo, sendo bem-sucedido por saber exatamente o que desejava.

Enquanto caminhava pelo magnífico jardim do Palácio da Rainha (como era conhecida a casa do governador, em Colombo), ia pensando que, quando seguisse para o norte, para a sua fazenda de chá, seria maravilhoso

rever os amigos e a bela casa que ele construía no lugar do pequeno bangalô que era seu lar, quando comprara a fazenda.

Imerso em seus pensamentos, lorde Hawkston de repente percebeu que não estava mais só, no jardim.

Tinha esperado até que o governador e os outros hóspedes se retirassem para os quartos, para então sair para a noite enluarada, tendo o desejo irresistível de ficar sozinho com seus pensamentos e com a emoção da volta.

Agora, alguém atravessava o gramado.

Instintivamente, lorde Hawkston parou atrás de uma moita de bambus, para que sua presença não fosse notada.

O homem se aproximou, e, agora, como o luar lhe iluminava o rosto, viu que era um jovem militar que viajara com ele no mesmo navio, da Inglaterra para o Ceilão. O capitão Patrick O'Neill era um dos muitos oficiais que voltavam de licença.

Lorde Hawkston tinha conversado com eles às refeições, porque também sentavam à mesa do capitão, mas, a não ser por isto, pouco convivia com os passageiros mais jovens, que provavelmente o achavam muito velho para tomar parte nas conversas deles e nas brincadeiras que estavam sempre fazendo uns com os outros.

Mas lorde Hawkston achava que Patrick O'Neill parecia um pouco mais responsável do que os demais e um oficial competente. Imaginou que talvez estivesse encarregado das sentinelas que guardavam o governador e tinha vindo verificar se estavam cumprindo bem sua tarefa. Surpreso, viu o capitão O'Neill se encaminhar diretamente para a casa do governador.

Assim como muitas casas coloniais, o Palácio da Rainha tinha uma fachada imponente e, nos fundos, longas varandas em dois andares, onde os residentes dormiam, nos meses quentes de verão.

Sabendo que não havia perigo de ser descoberto ali, à sombra dos bambus, lorde Hawkston observou o capitão chegar aos fundos da casa, olhar para a varanda superior e assobiar baixinho.

Lorde Hawkston esperou, admirado, e viu um vulto branco saindo do quarto e aparecer na varanda sob a qual se achava O'Neill.

Era uma mulher! Os cabelos estavam soltos, caindo como uma nuvem dourada, quando ela se debruçou sobre a grade.

Não percebeu se disse alguma coisa, mas o capitão começou a subir

para a varanda. Não era difícil, porque os pilares eram de ferro forjado, fornecendo bons pontos de apoio para os pés, até mesmo para o mais desajeitado dos montanheses. Dali a segundos, o capitão passou uma perna sobre a grade e depois outra, entrando na varanda. Lorde Hawkston viu-o pegar a mulher nos braços e apertá-la contra o peito, apaixonadamente.

Por um momento, ali ficaram, ao luar, como a eterna encarnação do amor, abraçados, lábios unidos, os cabelos louros da mulher encostados no ombro largo dele. Depois, desapareceram na escuridão do quarto.

Lorde Hawkston ficou de respiração suspensa. Sabia perfeitamente quem era a mulher e, por um momento, sentiu, não cólera, mas grande surpresa com a audácia de ambos.

A mulher que o capitão havia beijado e com quem entrara no quarto era a nobre srta. Emily Ludgrove, que viera para o Ceilão em companhia de lorde Hawkston, para casar com o sobrinho dele, Gerald Warren!

Dezoito anos antes, lorde Hawkston se chamava Chilton Hawk e estava com vinte e um anos. Era o filho mais moço de um filho mais moço. Não havia a mínima possibilidade de herdar o título e os bens da família. Seu pai, que tinha muito pouco dinheiro, não podia proporcionar-lhe a chance de uma vida confortável, na Inglaterra.

Mas o rapaz herdou duas mil libras, quando atingiu a maioridade e, animado com um artigo que leu sobre o sucesso das plantações de café no Ceilão, resolveu ir para lá, tentar fortuna.

Naquele tempo, o Ceilão parecia muito distante, e falava-se da ilha como se ficasse no fim do mundo.

Dez anos antes, em 1860, houve um grande incremento no café, depois que os plantadores britânicos levaram para lá seu espírito empreendedor, assim como capital para investir nas plantações.

Chilton Hawk tinha estado em Oxford, com um escocês que fora para o Ceilão três anos antes e que lhe mandava cartas entusiasmadas sobre as oportunidades que havia lá para rapazes com energia e ambição.

O pai ficou surpreso com a decisão de Chilton de se tornar plantador de café, embora esperasse que ele fosse viajar, depois de receber a herança da avó.

— Não se comprometa, meu rapaz — avisou-o. — Examine tudo, antes de mais nada. Talvez Singapura ou a Índia lhe convenham mais.

Mas, assim que chegou ao Ceilão, Chilton Hawk compreendeu que era

ali o lugar onde queria viver e trabalhar.

E de fato trabalhou!

Não soube o quanto era duro, até comprar quinhentos e sessenta acres de terra, a uma libra o acre, e perceber que teria que destocar o terreno. Isto significava empregar oitenta homens, e, no íntimo, sempre tinha medo de que o dinheiro acabasse.

Começava o dia ouvindo o ruído dos machados, da queda das árvores, das serras e dos martelos. Depois, tudo precisava ser levado embora e queimado.

Não se tratava apenas de derrubar as árvores, como também de limpar o terreno e prepará-lo para o plantio.

Teve a sorte, assim que chegou, de ser apresentado por seu amigo de Oxford a um plantador escocês experiente, de trinta e cinco anos, chamado James Taylor.

Taylor era um dos plantadores que entrariam para a história do Ceilão e já era bastante importante na época para merecer o respeito dos outros fazendeiros.

Aos dezoito anos, James Taylor, um homem forte, um verdadeiro gigante, assinou um contrato de três anos com os agentes londrinos do Loolecondera Estate, que ficava situado uns cem quilômetros a sudoeste de Kandy. A vantagem de estar perto de Kandy era que a estrada de ferro para Colombo tinha ficado pronta em 1867. Isto dava aos plantadores um meio de transporte muito mais rápido do que os carros de boi que levavam semanas para levar o café pela estrada militar até o porto.

Taylor simpatizou com o rapaz que acabara de chegar da Inglaterra e aconselhou-o a comprar terras perto do Loolecondera Estate, na região montanhosa central. Chilton Hawk tinha ficado encantado com a beleza da natureza naquela região e logo se adaptou ao estranho ambiente.

James Taylor mostrou-lhe como obter os serviços dos cules locais e sugeriu-lhe onde deveria construir seu primeiro bangalô. Encorajou-o durante os primeiros anos de serviço árduo, nos quais Chilton trabalhou tão intensamente quanto seus empregados, para não dizer mais!

Apesar disso, ao olhar para trás, Hawk achava que tinham sido os melhores anos de sua vida. Estava construindo alguma coisa; era seu próprio patrão e, se perdesse tudo o que possuía, não poderia culpar ninguém, a não ser ele mesmo.

E teria perdido tudo, se não fosse amigo de James Taylor.

Durante dez anos, a alta do café fez com que Hawk acreditasse que estava a ponto de ficar rico. A terra passou a valer vinte e oito libras o acre, as culturas se estendiam ao longo de novas estradas, que antes tinham sido apenas caminhos primitivos.

De repente, os dias de glória pareceram contados. Uma terrível doença própria do café, a ferrugem, ameaçou toda a indústria.

Ainda agora, lorde Hawkston se lembrava do horror que sentira, quando vira pela primeira vez o fungo em suas plantações.

Os fungos eram microscópicos; os esporos eram levados pelo vento, indo germinar nas folhas de outros pés de café.

Foi uma catástrofe para todos os fazendeiros. Nada podiam fazer, exceto limpar a área infectada, pulverizar com cal e enxofre as árvores que sobravam e rezar para que não se repetisse a tragédia, quando novos esporos fossem trazidos pelo vento.

Foi uma esperança que não se concretizou. A doença do café acabou com a maioria dos plantadores europeus e todos os cingaleses. Nada puderam fazer para salvar as plantações arruinadas, a não ser mandar alguns pedaços de troncos dos cafeeiros para a Inglaterra, para servirem de pernas de mesinhas de chá.

Mas, para Chilton Hawk, a amizade com James Taylor foi uma tábua de salvação.

Em 1866, Taylor ganhou algumas sementes de chá, das mãos do superintendente do Jardim Britânico Real, de Peradeniya.

Na plantação Loolecondera, dezenove acres foram reservados para uns cem quilos de sementes de chá. Quando ajudou Hawks a comprar e preparar sua fazenda, Taylor convenceu o amigo a usar o mesmo número de acres para o plantio do chá. Foi o que o salvou da ruína total.

No resto da fazenda, Hawk teve que começar tudo de novo. Arregaçou as mangas e plantou chá.

Neste meio tempo, seu amigo Taylor estava ocupado com um novo projeto, uma casa de chá completamente equipada com uma calandra, a primeira deste tipo a ser feita em Ceilão.

Após a instabilidade financeira causada pela catástrofe do café, as esperanças renasceram, quando se soube que, na propriedade Taylor e na vizinhança, o chá estava dando lucro.

Plantadores desiludidos foram até lá para aprender os métodos da nova cultura; logo começaram a aparecer arbustos de chá no meio dos pés mortos. Trabalhando quase vinte e quatro horas por dia, Chilton Hawk começou a reconstruir a fortuna perdida.

Nunca, nem mesmo em sonhos, tinha acreditado que um dia poderia herdar o título ou as propriedades da família, na Inglaterra.

Havia seis vidas entre ele e a chance de herdar do tio. Mas, devido a mortes no campo de batalha, a acidentes e à velhice, pouco a pouco os que o precediam foram desaparecendo.

Mesmo assim, teve um choque, em 1886, ao saber que o tio tinha morrido e que era o novo lorde Hawkston.

Nada podia fazer, a não ser ir para a Inglaterra. Mas deixar a plantação, agora de mil e duzentos acres, largar os amigos e, principalmente, James Taylor, foi para ele como ter uma perna ou um braço amputados.

Ao mesmo tempo, tinha-se tornado auto-suficiente. Às vezes, passava três ou quatro semanas sem ver ninguém, além dos empregados. Ficava sozinho na casa grande que mandara construir no alto de um morro, para que pudesse receber a brisa de todos os lados, no calor.

Mas no inverno a casa era fria, e tinha mandado fazer lareiras grandes, à lenha.

Chilton habituou-se a ficar sozinho. Gostava de ler, mas, em geral, depois de um jantar bem feito e bem servido, ia para a cama, levantando-se de madrugada e se entregando ao trabalho que o absorvia.

Quando voltou para a Inglaterra, viu que esquecera que um cavalheiro podia levar uma vida folgada, calma, sem pressões e sem outra ambição, exceto se divertir nas horas de lazer.

O tio tinha estado doente nos últimos anos de vida e muitas coisas haviam sido negligenciadas. Novos métodos de cultivo precisavam ser introduzidos nas propriedades, novas máquinas compradas, casas consertadas. E, acima de tudo, ele tinha que rever seus parentes.

No Ceilão, Hawk era um líder e um organizador do trabalho. Mas na Inglaterra, como lorde Hawkston, esperavam que fosse o chefe de uma família grande, com uma maioria de parentes pobres, todos gananciosos e avaros.

Assim que chegou à Inglaterra, sua primeira preocupação foi encontrar alguém que pudesse tomar conta de sua plantação no Ceilão.

Esta propriedade seria, no futuro, um bem de família, fazendo parte da herança dos futuros detentores do título.

Achou que tinha encontrado a pessoa ideal em seu sobrinho, Gerald Warren, filho único de sua irmã mais velha, um rapaz inteligente, de vinte e quatro anos.

Como estava preocupado por ter deixado a fazenda nas mãos de seu administrador cingalês, lorde Hawkston mandou Gerald para lá de um modo um tanto precipitado, o que não teria feito, se não fosse um caso tão urgente.

Achou que Gerald, com vinte e quatro anos, seria capaz de cuidar de uma propriedade que estava bem organizada e dando lucro, e onde não havia mais o trabalho braçal pesado de dezesseis anos atrás.

O rapaz concordou de boa vontade. Mais tarde, lorde Hawkston ficou sabendo que ele não se sentia feliz na Inglaterra, não mantendo um bom relacionamento com a maioria dos parentes.

Pouco antes de embarcar, Gerald disse ao tio que estava noivo da filha de um nobre da vizinhança, Emily Ludgrove, mas que a família da moça os convencera a não casar antes de o rapaz partir.

Os pais de Emily tinham desencorajado qualquer conversa sobre um noivado oficial, pela simples razão de Gerald ter poucas perspectivas na vida, não demonstrando interesse em ganhar dinheiro e contentando-se com a pequena mesada que a mãe viúva lhe dava.

O convite do tio abria-lhe novas perspectivas e, embora o noivado não fosse anunciado, ficou estabelecido que ele e Emily casariam dentro de um ano.

— Eu mesmo a levarei para o Ceilão — prometeu lorde Hawkston.

— Será que precisamos esperar um ano? — perguntou Gerald.

— Infelizmente, creio que sim. Tenho tanta coisa que fazer aqui, que acho que não ficarei livre antes de doze meses.

Na realidade, passaram-se dezoito meses, até ele ter uma chance de sair da Inglaterra. Emily não parecia ter pressa.

A família da moça também achava que não havia pressa e, mesmo depois de lorde Hawkston estar pronto para partir, alguns detalhes do enxoval de Emily os prenderam por mais dois meses.

Finalmente, embarcaram em Southampton, e lorde Hawkston telegrafou ao sobrinho que fosse esperá-lo em Colombo. Tinha notado que as cartas de Gerald haviam ficado cada vez mais raras, nos últimos nove meses.

A princípio, o rapaz escreveu regularmente: de quinze em quinze dias, chegava uma carta com detalhes completos sobre a plantação. Só nos últimos doze meses foi que lorde Hawkston ficou imaginando se Gerald escrevia o que achava que ia agradar, em vez do que estava realmente acontecendo.

Depois, as cartas só chegavam uma vez por mês e, finalmente, não passavam de bilhetes, de dois em dois ou mesmo de três em três meses.

O rapaz está ocupado, pensou lorde Hawkston. Com certeza, Emily recebe suas cartas regularmente.

Raramente via a futura esposa de Gerald. Nada tinha em comum com o pai da jovem, achando-o muito maçante. Além do mais, havia muito que fazer na propriedade para que perdesse tempo com compromissos sociais.

Fosse como fosse, achava-os cansativos.

Estava tão habituado a ficar só, que as conversas sociais e os mexericos mesquinhos o entediavam.

Sabia que os parentes não apenas o achavam de gênio difícil, como o temiam um pouco. Não se importava com essa atitude. Pelo contrário, preferia que fosse assim.

Certa vez, quando entrava numa sala de visitas, ouviu uma das primas dizer:

— Ele é um homem difícil. Nunca sei o que está pensando e, para dizer a verdade, não estou interessada em saber.

Todos riram, e ele também achou divertido.

No navio, esforçou-se para ser o mais reservado possível. Sabia perfeitamente que as amizades efusivas feitas a bordo não duravam, depois que os passageiros chegavam em terra firme.

Percebeu que Emily, que viajava acompanhada por um coronel e sua esposa que voltavam para o Ceilão, era muito assediada pelos jovens oficiais. Não havia dúvida de que gostava muito de dançar, dos jogos, dos bailes a fantasia, dos concertos. Mas lorde Hawkston não notou que o capitão Patrick O'Neill se mostrava mais assíduo em suas demonstrações de interesse.

Agora, no jardim da casa do governador, ele saiu das sombras dos bambus e atravessou o gramado.

Era uma situação inesperada, e ficou imaginando o que podia fazer a respeito. De uma coisa estava certo: não tinha intenção de permitir que Emily casasse com o sobrinho.

Talvez tivesse sido bom que Gerald não os esperasse em Colombo,

conforme havia sido planejado.

A carta que Hawks recebeu ao chegar lhe contou que Gerald não tinha podido viajar por estar doente, mas que esperava já estar bom, quando o tio e Emily chegassem a Kandy.

Ao ler a carta, lorde Hawkston ficou aborrecido. Planejava fazer com que os dois casassem assim que chegassem a Colombo. Sua intenção era mandá-los viajar, em lua-de-mel, e ir sozinho para a plantação.

Estava ansioso para ver o que havia sido feito, discutir algumas inovações com o capataz, reencontrar os cules, sendo que alguns trabalhavam com ele desde o primeiro dia em que começara a limpar o terreno. Mas seus planos foram perturbados e achou que a cerimônia deveria se realizar em Kandy.

Foi um golpe perceber que não haveria mais casamento e que teria que dizer a Gerald que procurasse esposa em outro lugar.

Menina endiabrada! Por que não podia se comportar?

Enquanto refletia sobre isso, achou que em parte ele era culpado por não ter voltado antes para o Ceilão. Dezoito meses era muita coisa na vida de dois jovens! Há muitos anos, também ele pensava assim.

Por outro lado, se Emily era leviana a ponto de ficar atraída pelo primeiro rapaz bonito que a cortejava, então era preferível que isso tivesse acontecido antes do casamento.

Vou mandá-la de volta para a Inglaterra no primeiro navio, decidiu.

A beleza da noite, para ele, ficou estragada. Dirigiu-se para a frente da casa, procurando não pensar naqueles dois jovens abraçados no quarto, lá em cima.

Na manhã seguinte, lorde Hawkston tomou o desjejum cedo. Quando terminou, vieram lhe dizer que alguém desejava vê-lo.

Surpreso com a visita matinal, acompanhou o criado a uma saleta, onde teve o grande prazer de encontrar James Taylor à sua espera.

Aos cinquenta anos, James Taylor era um homem grande, de barba longa. Pesava mais ou menos cento e dez quilos e tinha mãos enormes. Quando sorria, o rosto de olhos fundos e nariz comprido tinha um estranho encanto.

— Soube que você chegou ontem, Chilton — disse, estendendo a mão.

— James! Eu estava com esperança de encontrá-lo, mas não tão cedo! Como vai? Parece que não nos vemos há séculos.

— Senti muito a sua falta, Chilton. Já estava com medo de que tivesse se tornado importante demais para nós.

— Não imagina como eu estava louco para voltar. Mas trabalhei em casa quase tanto quanto aqui, só que de um modo diferente. Não foi fácil.

James Taylor sorriu.

— Nada do que nós fizemos foi fácil, Chilton, mas espero que você tenha tido sucesso.

— Eu também. — Lembrou-se depois de Emily, e seu rosto adquiriu uma expressão sombria. — Que me diz de meu sobrinho?

— É esta uma das razões de eu vir procurá-lo — disse Taylor.

Qualquer coisa em seu tom fez com que lorde Hawkston o olhasse vivamente.

— O rapaz se adaptou bem aqui e tem trabalhado direito? Quero saber a verdade.

— Toda a verdade?

— Sabe que eu não me contentaria com menos.

— Muito bem. Somos velhos amigos, Chilton, e, como sempre fomos francos um com o outro, vim lhe dizer que precisa dar um jeito naquele rapaz.

— Que quer dizer com isso?

James Taylor hesitou por um momento.

— Acho que, ao contrário do que acontece com você e comigo, ele não se adaptou à solidão. Nós dois sabemos que é difícil viver sozinho, enfrentar as noites longas, sem ter com quem conversar, andar vários quilômetros para encontrar uma cara conhecida.

— O que ele anda fazendo? Bebendo? Taylor inclinou a cabeça.

— Que mais? — perguntou lorde Hawkston.

— Está fazendo uma confusão dos diabos.

— De que maneira?

Houve um momento de silêncio. Hawkston insistiu:

— Diga-me a verdade, James. Não quero saber de meias palavras.

— Muito bem. Para ser franco, ele violou uma das regras, em relação a uma jovem nativa.

Lorde Hawkston contraiu-se.

— Como é que ele pôde fazer isso?

— Nós dois sabemos, Chilton, que é hábito, e nada censurável, que um

rapaz arranje uma amante numa aldeia vizinha ou em outra fazenda.

Lorde Hawkston concordou movendo a cabeça. O proibido era um plantador envolver-se com uma de suas empregadas.

– Um mês depois de chegar aqui, seu sobrinho arranhou uma amante, uma jovem cingalesa. Agora, ele a abandonou e se recusa a dar-lhe uma compensação.

– Não posso acreditar!

– Mas é verdade, e causou um certo escândalo.

Lorde Hawkston ficou em silêncio durante alguns minutos.

– Conte-me tudo. Quero saber.

Sabia que as regras de coabitação entre um branco, proprietário ou administrador de uma fazenda, e uma nativa eram um costume antigo e, como tal, aceito tanto pelos plantadores quanto pelos próprios nativos.

Os portugueses e os holandeses que tinham precedido os ingleses no Ceilão haviam convivido com nativas e, em muitos casos, casado com elas.

Os ingleses tinham outro tipo de arranjo. Um fazendeiro que vivesse sozinho arranjava uma amante, segundo os termos geralmente decididos pelo pai dela. O fazendeiro convidava a jovem a ir visitá-lo, quando dela precisava, mas a nativa continuava vivendo numa aldeia vizinha, ou até mesmo na colônia da fazenda, mas não abertamente com o proprietário das terras.

As moças eram muito atraentes, suaves e amorosas. Muitas vezes, plantadores jovens encontravam verdadeira felicidade, ao lado delas.

Os cingaleses consideravam uma honra uma de suas mulheres ser amante do *durai*, ou o dono da fazenda, e se ele se cansava da amante, isto não a estigmatizava. Ela voltava para sua gente, com um dote que permitia que casasse com um de seus patrícios, porque, aos olhos deles, era uma mulher rica.

A quantidade de rúpias dadas como compensação era uma lei tácita, aceita por ambas as partes.

Se da união houvesse filhos, ficavam com a mãe, e muitos iam para uma vila no morro, conhecida como Nova Inglaterra. Eram em geral crianças muito bonitas, de pele escura e olhos azuis, às vezes até de cabelos louros.

Isto de vez em quando causava aborrecimentos, porque os pais da mulher compreendiam que um filho era uma boa desculpa para extorquir dinheiro do fazendeiro.

O preço era alto, até mesmo extorsivo. Um camponês astuto fazia com que houvesse um acordo preparado por um advogado, às vezes obrigando o pai a pagar alimentos pelo resto da vida.

Mas, na maioria dos casos, essas uniões eram agradáveis, e, contanto que se fizesse justiça, não havia conseqüências incômodas.

Lorde Hawkston achava compreensível que Gerald tivesse infringido essas leis.

Os plantadores no Ceilão eram conhecidos como os mais inteligentes, os mais cavalheiros e os mais confiáveis de todos os colonizadores britânicos. Nas fazendas de café, chá e borracha, encontrava-se um microcosmo da Grã-Bretanha: rapazes de escolas públicas, de universidades, homens de negócio, advogados, militares, conservadores, liberais, ingleses, escoceses, gauleses e irlandeses.

Trabalhavam arduamente, mas também se divertiam muito e, depois que se aclimatavam, aproveitavam bem a vida.

Poucos tinham que ser pioneiros, como aconteceu com James Taylor e Chilton Hawk.

Mesmo assim, era uma vida dura e, para subir de novato para *perya durai*, ou chefe, como diziam os cules, era necessário trabalhar das seis da manhã às seis ou sete da tarde.

Mas um *perya durai* morava num bangalô espaçoso, ou numa casa no alto do morro, com grandes jardins. Fiscalizava o serviço no campo, a cavalo. Quando tinha licença, podia caçar elefantes selvagens, alces, búfalos, ursos e leopardos. Podia pescar, nadar, jogar críquete, tomar parte em gincanas ou em torneios de pólo e freqüentar os clubes ingleses que ficavam a apenas um dia de viagem da maioria das plantações.

James Taylor explicou cuidadosamente o que tinha acontecido.

Gerald começou a beber, assim que chegou. Logo se fartou dos negócios da fazenda, deixando tudo por conta do capataz.

A princípio ia para Kandy, onde havia alguns divertimentos; depois, juntou-se aos fazendeiros conceituados que se divertiam em Colombo e davam pouca ou nenhuma atenção às suas propriedades.

Isso o manteve ocupado durante algum tempo, mas o dinheiro foi acabando e ele não podia se dar ao luxo daquelas visitas dispendiosas.

Finalmente, vendo-se sem tostão, foi obrigado a ficar em casa, bebendo. Sua única distração era Seetha, a nativa pela qual se interessou

assim que chegou.

— Que aconteceu? — perguntou lorde Hawkston.

— Parece que houve uma cena, há um mês, quando Gerald andava bebendo muito. Acusou a moça de ter roubado um anel de sinete que ele sempre usava. Depois, parece que a jóia foi achada embaixo de um móvel da sala. — Taylor fez uma pausa e continuou, severo: — A princípio, Gerald ficou irredutível. A moça estava muito zangada e sentida com a injustiça.

Lorde Hawkston podia imaginar a indignação da nativa. Os cingaleses que trabalhavam na plantação eram em geral muito honestos e, além do mais, teriam medo de roubar alguma coisa da casa do patrão.

Ele próprio nunca sentira falta de nada, durante todos os anos em que vivera ali.

— Gerald disse à moça que desse o fora — continuou Taylor. — E, como a acusava de ladra, recusou-se a lhe dar o dinheiro que de costume se dá quando uma mulher é despedida.

Lorde Hawkston andou de um lado para o outro do quarto.

— Idiota! Maldito idiota!

— Concordo com você — disse Taylor. — Quando eu soube o que aconteceu, fui até lá falar com o rapaz, mas, na ocasião, ele não estava em condições de entender o que eu queria dizer. Acontece que vi seu cabograma, Chilton, em cima da escrivaninha. Li-o, fiquei sabendo que você ia chegar e vim lhe contar o que está acontecendo.

— Foi muita gentileza sua, James.

— No cabograma você dizia: “Emily e eu devemos chegar sexta-feira”. Quer dizer que trouxe uma esposa para Gerald? Ouvi dizer que era isso o que ia fazer. Como bem sabe, numa comunidade pequena, a gente fica sabendo de tudo.

— Trouxe uma jovem que estava noiva de Gerald, na Inglaterra — respondeu lorde Hawkston, com dureza. — Infelizmente, descobri que está interessada por outro homem e não vou consentir no casamento.

James Taylor deu um assobiozinho.

— Mais problemas... Pois bem, acho que é uma pena. Se há uma coisa que poderia salvar Gerald, seria uma mulher sensata que o impedisse de beber e aliviasse a solidão que, obviamente, ele não pode suportar sozinho.

— Vou procurar arranjar uma esposa para ele — disse lorde Hawkston. Acrescentou, baixinho: — Mas não será Emily Ludgrove.

Taylor consultou o relógio.

— Preciso voltar para casa. Pretendo tomar o trem da manhã pára Kandy, mas queria prepará-lo, Chilton, para o que o espera. Desejo sinceramente que consiga arrumar as coisas. Depois, venha me procurar. Tenho umas novas experiências muito interessantes para lhe mostrar.

— Nada me dá maior prazer. Obrigado, James, por provar mais uma vez que é um verdadeiro amigo.

— Gostaria de ter melhores notícias. Mas há uma coisa que lhe vai causar prazer: a exportação de chá, este ano, ultrapassará as duzentas e cinqüenta mil toneladas.

Lorde Hawkston sorriu.

— Era isto o que eu desejava ouvir.

— Minha fazenda vai de vento em popa — disse Taylor. — O mesmo deve acontecer com a sua, assim que sentir novamente seu toque mágico. Precisamos de você aqui, Chilton. Todos nós precisamos, e o Ceilão também precisa.

— Não me tente! Sabe que prefiro estar aqui a estar em qualquer outra parte do mundo.

Havia nestas palavras uma nota de profunda sinceridade. Taylor pôs a mão no ombro do amigo.

— Logo nos veremos, Chilton. Falaremos disto, então.

Lorde Hawkston acompanhou-o até a porta e depois voltou, de expressão carregada.

Sabia agora que precisava falar com Emily Ludgrove. Depois, teria que decidir o que fazer com o sobrinho.

Não era uma perspectiva agradável. Mas aqueles que o conheciam bem teriam percebido, pela súbita contração do queixo, que ele ia entrar numa batalha e que, como sempre, sairia vitorioso.

Dali a vinte minutos, Emily Ludgrove entrou na saleta onde lorde Hawkston a esperava. Ele teve que reconhecer que a moça estava muito bonita. O vestido que tinha comprado em Londres estava na última moda, revelando a perfeição do corpo esbelto, ao passo que a cor acentuava o azul dos olhos e dourado dos cabelos.

Pela primeira vez, lorde Hawkston compreendeu que talvez fosse absurdo ela vir se enterrar numa fazenda de chá a quilômetros de distância dos inúmeros admiradores que devia ter.

– Bom dia, milorde! – disse Emily, coquete, com o olhar que sempre lançava a qualquer homem, moço ou velho, com quem se visse a sós.

– Bom dia, Emily! Faça o favor de sentar. Quero falar com você.

– Isso é assustador! Aconteceu alguma coisa?

– Quero informá-la de que estou providenciando sua passagem de volta à Inglaterra no primeiro navio possível.

Emily arregalou os olhos, incrédula. Antes que dissesse qualquer coisa, ele continuou:

– Acontece que eu estava no jardim, ontem à noite, quando o capitão O'Neill foi visitá-la de um modo um tanto irregular.

A moça ficou imóvel. Depois, disse:

– O capitão O'Neill me pediu em casamento.

– Acho que é o mínimo que ele podia fazer – comentou lorde Hawkston, seco.

– E eu estava justamente pensando se devo aceitar o pedido.

– A escolha é simples: ou aceita, ou volta para a Inglaterra.

– Então, milorde, acho que sabe qual será minha resposta. Tenho certeza de que apresentará minhas desculpas a Gerald, mas duvido de que pudéssemos ser felizes, após uma tão longa separação.

Levantou-se, e lorde Hawkston não pôde deixar de pensar que ela aceitava a situação com um equilíbrio do qual não a julgara capaz.

– Se não tem mais nada a dizer, milorde, vou me retirar e escrever uma carta ao capitão O'Neill, dando-lhe a resposta que, pelo que ele me disse, o fará o homem mais feliz do mundo!

– Nada mais tenho a dizer. Creio que não estaria interessada em ouvir minha opinião sobre o seu comportamento.

– Por que haveria de estar? Não compreende, ou esqueceu, o que é ser jovem! A mocidade é curta, e pretendo aproveitá-la enquanto puder. E há rapazes ansiosos para cooperar neste sentido.

Lorde Hawkston não encontrou resposta. Inclinou-se, ironicamente. Emily dirigiu-se para a porta. Lá chegando, virou-se, dizendo, em tom adocicado:

– Faça o favor de dizer a Gerald que lamento desapontá-lo e que espero que continuemos amigos.

Saiu da sala, antes que lorde Hawkston encontrasse palavras adequadas. Apesar de zangado, não pôde deixar de rir. A moça tinha um

topete com o qual ele não contara! Se alguém pudesse manter Gerald na linha seria Emily!

Ao mesmo tempo, achava que ela estava com a razão. Nunca teria suportado a solidão de uma fazenda no morro e mesmo que ela e Gerald fossem para Colombo, ou voltassem para a Inglaterra, Emily não se contentaria com Gerald.

De um jeito ou de outro, faria com que outros homens depositassem o coração a seus pés e, se isso ferisse os sentimentos do marido, ele teria que se habituar...

Lorde Hawkston suspirou. Capítulo encerrado.

Agora, tinha que enfrentar o sobrinho e achava que James Taylor estava certo, ao dizer que o rapaz precisava era de uma esposa sensata!

A questão era: onde encontrá-la?

Ficou olhando para o jardim. As flores eram uma orgia de cores. Havia orquídeas roxas, hibiscos vermelhos, jasmims brancos e perfumados. Parecia um ambiente perfeito para o amor, mas achou que era a última pessoa capaz de escolher uma noiva para o sobrinho.

Afinal de contas, não tinha podido escolher uma para si mesmo! Aos trinta e sete anos, havia chegado à conclusão de que continuaria solteiro.

Quando esteve na Inglaterra, percebeu que os parentes achavam que devia casar e foi convidado a reuniões para ser apresentado a várias mulheres atraentes, viúvas ou solteiras que, por um motivo qualquer, não tinham conseguido casar na flor da mocidade.

A família esperava ansiosamente que ele se apaixonasse por alguém e ficou desapontada quando tal não se deu.

Sua tia chegou mesmo a recriminá-lo.

— Afinal de contas, Chilton, você sabe tão bem quanto eu que devia casar e arranjar um herdeiro. Sempre achei que é muito melhor quando o título é herdado em linha direta.

— Não pode dizer que o título veio em linha direta, no que me diz respeito — replicou lorde Hawkston, sorrindo.

— Sei disso, e é justamente por este motivo que acho que você deve providenciar um herdeiro o mais depressa possível.

— Primeiro, preciso encontrar uma esposa.

— Estive olhando para você e há várias damas que considero adequadas.

– Tenho a desagradável sensação de que seus planos vão fracassar. Não tenho a mínima intenção, tia Alice, e quero deixar isto bem claro, de casar por causa do título, da propriedade ou da árvore genealógica da família.

– Ora, Chilton, não seja teimoso! Não estou sugerindo que case sem gostar, mas já está meio passado para perder a cabeça por uma carinha bonita!

– Nisso, tem razão – concordou ele, com um sorriso.

– Então, se eu lhe arranjar uma mulher encantadora, entre vinte e cinco e trinta anos, ou talvez um pouco mais, que o divertirá, meu sobrinho, e o ajudará a passar o tempo agradavelmente, ela certamente acabará conseguindo fazer com que seu coração vibre!

A questão era que as mulheres que a tia considerava adequadas não faziam seu coração vibrar nem tampouco sua mente.

Refletiu que talvez esperasse demais da vida. Mas, embora parecesse reservado e insensível, no fundo desejava um amor que pudesse significar para ele tanto quanto a beleza do Ceilão.

Muitas vezes, quando ficava no terraço de sua casa e olhava para os morros à volta, e também para a água cristalina que corria no vale, sentia que a beleza do cenário despertava nele uma reação que era quase como o início de um desejo por uma mulher bonita.

É absurdo estar apaixonado por um país! disse a si mesmo.

Apesar disto, sabia que amava o Ceilão como um homem ama a esposa.

A beleza, a maciez, a suavidade do ambiente, tudo isso, combinado com o ar cálido e úmido, era quase feminino, inspirando um sentimento mais espiritual, tal a sua intensidade.

É assim que o amor deve ser!, pensou, tentando rir de suas fantasias.

CAPÍTULO II

Lorde Hawkston resolveu falar com o governador sobre o problema de encontrar uma esposa para Gerald. Ficou imaginando o que dizer a respeito de Emily Ludgrove, mas, assim que iniciou a conversa, percebeu que ela se adiantara a ele.

Sir Arthur Gordon, neto do conde de Aberdeen, que lorde Hawkston ficara conhecendo ligeiramente antes de sair da Inglaterra, era um homem de austera dignidade que inspirava aos subordinados tanto receio quanto respeito.

Quando assumiu o cargo, no Ceilão, em 1883, a ilha se encontrava abalada pela crise econômica devido à queda do café, mas a maré estava virando lentamente e os fazendeiros exploravam as possibilidades não apenas do chá mas também da cinchona.

Sir Arthur interessava-se pessoalmente por essa evolução, principalmente pelo estabelecimento da indústria do chá. Mandou inspetores a Loolecondera e à fazenda de lorde Hawkston, ficando muito impressionado com os relatórios. Mais tarde, iria visitar pessoalmente algumas plantações.

Tanto James Taylor quanto lorde Hawkston gostavam dele e não tiveram dificuldade em convencê-lo de que o chá traria de novo prosperidade ao Ceilão.

O que mais agradava a lorde Hawkston em *sir* Arthur era sua imparcialidade em questões de racismo. Na realidade, pouco antes de lorde Hawkston partir para a Inglaterra, o governador ameaçara desligar-se de um clube de Colombo que tinha tentado vetar a entrada de certos cingaleses.

Um de seus traços mais simpáticos era proteger os interesses dos capatazes nativos e os direitos de propriedade dos templos budistas. Era o governador mais esclarecido e mais progressista que o Ceilão tinha tido em muitos anos.

Empreendeu a restauração da irrigação de muitos canais, terminou o quebra-mar do porto de Colombo, cuja pedra fundamental tinha sido lançada pelo príncipe de Gales em 1875, ampliou a estrada de ferro e começou a construção de quase quatrocentos quilômetros de novas estradas.

Lorde Hawkston refletiu que era difícil para as pessoas, na Inglaterra, avaliar o poder de um governador no Ceilão. Não somente reinava, como

governava, cercado por todo o fausto da realeza. Tinha residência em Colombo, Nuwara, Sliya, Kandy e Jaffma. Tinha uma guarda cingalesa mais imponente do que a guarda da Torre de Londres e um regimento de cavalaria *sikh* que o precedia em visitas oficiais. Tinha uma guarda pessoal e um trem especial para suas viagens.

Todos os documentos dirigidos à rainha passavam por suas mãos. A última palavra era dele, e ninguém sabia qual era essa última palavra.

Era impossível esquecer que *sir* Arthur era um aristocrata e muito cômico de sua autoridade, de modo que lorde Hawkston estava em dúvida sobre o que seria sensato lhe contar a respeito de Emily Ludgrove.

Resolveu não contar seu comportamento com o capitão O'Neill, não porque estivesse particularmente interessado em proteger a reputação de Emily, mas porque gostava de O'Neill e achava que, escolhendo tal esposa, ele já iria ter muitos problemas na vida.

Depois que entrou no escritório do governador, ficaram a sós, tendo o secretário se retirado, e *sir* Arthur disse, com um sorriso:

— Sei o que veio me contar, Hawkston. A srta. Ludgrove já me informou que deseja casar com o capitão O'Neill.

Lorde Hawkston nada disse, e *sir* Arthur continuou:

— Acho que isso deve ser aborrecido para você, considerando-se que a trouxe para casar com seu sobrinho. Pelo que ouvi dizer, o rapaz precisa da influência firme de uma esposa.

Lorde Hawkston não estranhou que o governador estivesse tão a par do comportamento de Gerald. Era muito mais astuto do que pensavam e, embora no esplendor do Palácio do Governo parecesse imune às coisas corriqueiras da vida, na realidade pouco acontecia em Colombo, e também em outras partes do país, de que ele não tivesse conhecimento.

— Receio, Excelência, que meu sobrinho tenha agido como um tolo.

— Isso acontece com muitos rapazes, logo que vêm para cá. Como você e eu sabemos, Hawkston, há muita gente disposta a ajudar um homem a fazer loucuras; principalmente, quando ele tem dinheiro.

— É verdade — concordou lorde Hawkston, a contragosto.

Lembrava de certas farras que fizera em Colombo, mas tinha cuidado demais com seu precioso dinheiro para gastá-lo com mulheres de reputação duvidosa e com divertimentos dúbios, que eram oferecidos aos rapazes imaturos que chegavam da Inglaterra.

Mais tarde, entretanto, tivera uma ligação agradável com uma portuguesa bonita de Kandy, que ia visitar sempre que podia. A ligação durara anos, mas ele tinha sido muito discreto.

Seu orgulho ficou ferido, ao perceber que o mau comportamento de Gerald era do conhecimento do próprio governador.

— Gostaria que tivéssemos cuidado melhor de seu sobrinho, quando ele chegou aqui — disse *sir* Arthur, pensativo. — Ele jantou ou almoçou aqui, várias vezes, mas, como você bem sabe, as refeições no palácio não inevitavelmente formais e devem ter parecido maçantes para o jovem. Soube por meu secretário que Gerald foi convidado para um baile que demos no Natal, mas não respondeu ao convite.

Lorde Hawkston apertou os lábios.

Se havia uma coisa que detestava, era a falta de educação. No curto prazo em que conviveu com Gerald, na Inglaterra, pensou que, pelo menos, o rapaz soubesse se comportar como um cavalheiro.

— A questão agora é: que vai você fazer com ele? — continuou o governador.

— Pretendo arranjar-lhe uma esposa, Excelência. Trouxe para cá a moça que ele mesmo escolheu, mas, como os planos goraram, preciso cobrir essa deficiência arranjando-lhe outra mulher.

Sir Arthur .riu.

— Isso é bem de você, Hawkston! Tem fama de ser invencível. Só o que posso dizer é que Gerald Warren tem sorte em ter um tio como você.

— Naturalmente, vou precisar de sua ajuda, Excelência. O governador riu de novo.

— Não creio que possa ser de grande ajuda. Garanto-lhe que há uma carência de moças, interessantes e livres, neste estabelecimento! Seja como for, acho que não será difícil encontrar alguém, numa das famílias inglesas que moram em Colombo. — Sentou e pôs a mão na testa. — Deixe-me pensar. Não dei muita atenção, até agora, às famílias dos militares, mas acho que há uma ou duas filhas de oficiais que ainda não foram fisgadas por algum subalterno.

— Prefiro uma jovem que já viva em Colombo há algum tempo — disse lorde Hawkston. — Estou tão habituado com as belezas deste país, que esqueci que algumas pessoas novas aqui podem encontrar defeito neste tipo de vida diferente.

— Está pensando na solidão de uma pessoa ficar isolada numa plantação durante meses a fio — observou *sir* Arthur, sério. — Vai precisar encontrar uma moça excepcional para suportar esse tipo de vida. Permita-me dizer que, assim que fiquei conhecendo a srta. Ludgrove, achei que não era o tipo certo.

— Agora compreendo isto, mas foi Gerald quem a escolheu, não eu.

— E acha que ele vai aceitar a sua escolha, Hawkston, sem ser consultado?

— Fará o que eu resolver, a não ser que queira ser despachado para a Inglaterra. Neste caso, terá que pagar a passagem, porque não tenho intenção de fazê-lo!

Hawkston falou no tom implacável, determinado, que as pessoas que trabalhavam com ele conheciam bem. O governador olhou-o atentamente e depois disse:

— Querer fazer o papel de Deus, quando se trata de amor e de casamento, é um negócio arriscado. Você pode se sair mal.

— Estou ouvindo seu aviso, Excelência, mas ainda preciso de sua ajuda.

— Estive examinando a lista das pessoas que vêm jantar aqui, hoje. Nenhuma das jovens tem os requisitos necessários. Acho melhor você dar uma olhada na congregação, amanhã cedo. — Notou a expressão de Hawkston e disse, com um sorriso: — Sabe muito bem que, estando hospedado na casa do governador, todos esperam que me acompanhe à igreja.

— Estou pronto a cumprir meu dever.

— Não vai ser tão mau como parece. Eu disse ao vigário que o sermão não deve durar mais de quinze minutos.

Na manhã seguinte, na Igreja de São Pedro, de pedra cinzenta, lorde Hawkston olhou à volta. Viu os genuflexórios cheios de pessoas elegantes que teriam surpreendido aqueles que achavam que o Ceilão era o fim do mundo, sem contato com a moda.

Vestidos de tafetá, de cetim, de bombazina, enfeitados de rendas, galões, botões ou fitas, não só estavam na última moda, mas eram muito luxuosos! Assim também as toucas e os chapéus enfeitados de flores e de plumas, nos cabelos bem penteados das devotas.

Lorde Hawkston sempre tinha ouvido dizer que o domingo em

Colombo era um dia de desfile de elegância, mas nunca havia comparecido a um serviço religioso, e ficou surpreso por ver ali tantos europeus. Notou que muitas das mulheres eram bastante atraentes.

Mas achou que as mais elegantes deviam ser esposas de oficiais ou de funcionários do governo.

Atrás dos europeus, com uma fileira de separação, estavam os cingaleses, ainda mais resplendentes com seus saris coloridos, seus trajes de seda e de algodão tintos com um processo que era especialidade dos tecelões locais.

As cores e os tecidos exóticos, desde gazes simples até fazendas ricamente bordadas, faziam com que os cingaleses parecessem um buquê de flores contra as paredes cinzentas da igreja.

O governador foi recebido, à porta, pelo padre de sobrepeliz, sendo levado de maneira tradicional até o seu lugar especial, no altar-mor, onde se viam almofadas de veludo e livros de orações com brasão da Inglaterra.

Na frente dos lugares do governador e de seus acompanhantes, ficava o coro, e atrás havia um órgão. Assim que o serviço começou, lorde Hawkston percebeu que o órgão era tocado por uma jovem que usava um vestido branco de algodão e uma feia touca preta amarrada com fitas pretas.

A moça parecia muito austera, comparada com as outras mulheres da congregação. Depois, ele percebeu, com surpresa, que o mesmo tipo de vestido era usado por outras cinco jovens sentadas atrás do coro. Todas usavam idênticos vestidos brancos, toucas e luvas pretas, e faixas também pretas na cintura.

A princípio, pensou que fosse algum uniforme para as mulheres do coro, mas, enquanto olhava para elas, o governador sussurrou em seu ouvido:

— O vigário tem seis filhas!

— Seis!

— A mulher morreu há dois anos — disse o governador, falando por trás do livro de orações. — Isso fez com que ele procurasse nos tornar ainda mais cômicos de nossos pecados e do fogo do inferno que está à nossa espera.

Lorde Hawkston olhou, interessado, para o vigário. Era um homem magro, esquelético, que devia ter sido bonito quando moço. Mas agora era de uma magreza exagerada, rosto cadavérico, dando a impressão de um homem que se afastou de todos os prazeres da vida.

Tinha um ar de fanatismo, refletiu lorde Hawkston, que ficou imaginando se as filhas sofreriam por levar uma vida que, tinha certeza, seria de severidade e de privação voluntária.

Olhou para as moças, com novo interesse. A mais velha, de frente para ele, tinha um rosto bonito, pelo que se podia ver sob a aba do chapéu. As outras, ainda adolescentes, tinham pele rosada, narizinho arrebitado e olhos curiosos, que encaravam com firmeza a congregação.

A mais velha, que tocava o órgão, parecia ter olhos atrás da cabeça. Quando a mais moça começou a se remexer, inquieta, ela se virou, vivamente, para repreendê-la. Ao mesmo tempo, entregou a um menino do coro, um cingalês, um livro de orações aberto, pois ele parecia perdido, não encontrando a página certa.

Quando não estava tocando, a moça ficava voltada para trás, tomando conta do coro. Era, sem dúvida, uma jovem muito competente, pensou o lorde, vendo-a de novo abrir um livro de orações e entregá-lo a um menino que não tinha a mínima idéia de quais respostas devia dar.

Quando se levantou, lorde Hawkston percebeu que era esbelta e elegante, pois o vestido de algodão grosseiro não disfarçava completamente seu corpo.

Tendo vivido muito tempo no Ceilão, ele sabia que os vestidos das filhas do vigário eram feitos com o tecido branco mais barato, usado apenas pelos cingaleses mais pobres.

O governador tinha dito que a mãe delas morrera dois anos antes. Isto significava que o vigário queria que ficassem de luto durante muito tempo, como era moda na Inglaterra, que os chapéus continuariam a ser usados, até que se tornasse imperativo comprar outros. O coro cantava os salmos, e lorde Hawkston percebeu que, apesar de muito velho, o órgão era tocado com habilidade. A filha mais velha do vigário era, sem dúvida, uma musicista. Durante todos os serviços, continuou fazendo especulações sobre a família, imaginando como seria a vida deles.

Quando ouviu o sermão, teve uma idéia melhor do ambiente em que as moças haviam sido educadas.

O governador tinha razão, ao dizer que o homem estava obcecado com a idéia do pecado e do castigo que seria infligido a todos os pecadores e do qual era impossível escapar. Ele falava com um ardor inconfundível, com um fogo que vinha de uma sincera convicção.

Como padre, era dedicado, mas, como pai, devia ser duro de agüentar.

O vigário hesitou uma vez, durante o sermão, quando, sem o perceber, virou duas páginas de suas notas ao mesmo tempo. A filha mais velha virou a cabeça para o púlpito, e lorde Hawkston viu seu rosto de frente, pela primeira vez. Era oval. com um narizinho reto e olhos grandes, que, daquela distância, pareciam cinzentos. Tinha sobrancelhas arqueadas, e lorde Hawkston calculou que os cabelos, de um louro-acinzentado, deviam estar presos atrás, sob o chapéu preto, de um modo que não enfeitaria ninguém.

O vigário encontrou o ponto certo do sermão e a filha pareceu relaxar. Virou de novo a cabeça para ver o que estava acontecendo no coro e inclinou-se para repreender um menino que brincava com um estilingue. Ele o tinha tirado do bolso sob a sobrepeliz, mas, assustado com a atitude da moça, deixou o estilingue cair, assim como a pedra que pretendia arremessar.

O brinquedo caiu no chão com ruído. A filha do vigário inclinou-se, evidentemente para dizer ao menino que o deixasse onde estava até o serviço terminar, mas foi tarde demais. Temendo perder o mais precioso de seus bens, o garoto se arrastou por entre as pernas de seus vizinhos, procurando recuperar seu tesouro. Encontrou-o e escorregou de novo para seu lugar, olhando, ansiosamente, para a filha do vigário.

Ela fitou-o com serenidade. Depois, quando o garoto abaixou a cabeça, contrito, ela encontrou o olhar de uma das irmãs e sorriu. Houve em seu rosto uma total transformação, e, neste momento, lorde Hawkston tomou uma decisão. Aquele era o tipo de mulher para Gerald. Uma jovem que dava conta de um pai fanático, de uma porção de meninos travessos e de um bando de irmãs certamente seria capaz de dar conta de Gerald, de um modo bastante competente.

Quando voltava para o palácio de carruagem, ao lado do governador, lorde Hawkston perguntou:

— Que me diz do vigário? Fale-me sobre ele.

— É um sujeito difícil. Está sempre se queixando das iniquidades que acontecem no porto e em outras partes menos agradáveis da cidade. Tenho que lhe explicar que não compete ao governador impedir que os homens gastem seu dinheiro como bem entendem e que, a não ser que estejam infringindo a lei, não posso interferir.

— E quanto à família dele?

— Mal a conheço. De vez em quando as meninas são convidadas para

um ou outro divertimento, mas o pai conserva o luto pela esposa de um modo que, creio eu, exclui tudo, menos a oração. Então, só vemos a filha mais velha quando há reuniões relativas à escola paroquial, ou nas ocasiões em que o vigário procura levantar fundos para suas obras de caridade.

— Parece uma vida muito sombria.

— Creio que a maioria das moças, hoje em dia, a acharia intolerável — respondeu o governador.

— Li em algum lugar que a difusão do cristianismo e da educação no meio do povo do Ceilão é maior do que em qualquer outro Estado oriental.

— Creio que é verdade — disse *sir* Arthur. — No último censo, verificou-se que temos duzentos e vinte mil católicos romanos, cinqüenta mil protestantes e mais ou menos dois milhões de budistas! — Fez uma pausa e acrescentou, com um brilho no olhar: — Em outras ocasiões, estão incluídos mil quinhentos e trinta e dois dançarinos de Satanás, cento e vinte e um encantadores de serpente, seiscentos e vinte batedores de tambor e cinco mil faquires ou mendigos devotos!

Lorde Hawkston riu.

— Uma coleção heterogênea!

Não conversaram mais, porque a carruagem parou à porta da casa do governador.

Depois do almoço, lorde Hawkston foi procurar o secretário do governador, um homem idoso que passara toda a sua vida em Colombo. Havia trabalhado para vários governadores sucessivos, que tinham achado de valor incalculável seus conhecimentos sobre assuntos locais.

— Quero saber tudo o que puder me contar sobre o vigário de São Pedro.

— Ele se chama Radford. Está em Colombo há vinte e dois anos. Casou aqui e está convencido de que nós, da casa do governador, somos um bando de pessoas calejadas e sem sentimentos, que não queremos cooperar com ele em seu desejo ardente de purificar a cidade de Colombo.

— Ele devia compará-la com outras cidades da costa, do mesmo tamanho — comentou lorde Hawkston, seco. — Ficaria surpreso por ver que, em comparação, Colombo é, na minha opinião, um exemplo de bom comportamento.

— Eu não diria tanto, milorde, mas aqui há realmente pouco vício e, de um modo geral, o povo se comporta direito.

– Foi o que sempre pensei. Fale-me agora da sra. Radford.

– Era uma mulher encantadora. Se é que alguém podia fazer com que o vigário se mostrasse humano, esse alguém era ela. Era de uma boa família da Inglaterra; o pai cuidava dos Jardins Botânicos em Kew. Veio para cá com o pai, quando ele chegou para orientar o governador da época sobre determinadas plantas que provavelmente se dariam bem em nosso solo. Ficou conhecendo o vigário, que naquele tempo era apenas cura, e se apaixonou por ele. – O secretário explicou: – Quando conheci Radford, ele era um rapaz atraente, mas já inflamado por um entusiasmo profético que sempre achei muito desagradável, na convivência.

– Tiveram seis filhas?

– O vigário sempre sentiu desgosto por não ter um filho. Depois que a srta. Dominica e a srta. Fé nasceram, ele deu à terceira filha o nome de Esperança. Infelizmente, houve mais três meninas, srtas. Caridade, Graça e Prudência.

– Deus de piedade! Que nomes para elas carregarem durante toda a vida!

– Dominica teve sorte – continuou o secretário. – Nasceu num domingo, de modo que o nome pareceu apropriado, mas, para as outras, é mais uma cruz que têm que carregar.

– Posso bem imaginar – comentou lorde Hawkston.

– São todas umas meninas muito agradáveis. Minha mulher gosta delas. Às vezes conseguem licença para vir tomar chá com minha filha, que é inválida. A não ser por isso, poucos divertimentos têm. O pai não aprova distrações mundanas.

– Pretendo ir visitar o vigário. Posso citar o seu nome, à guisa de apresentação?

O secretário sorriu.

– Mencione o do governador, milorde. Apesar de tudo, o vigário se impressiona com Sua Excelência.

– Seguirei seu conselho.

Lorde Hawkston chegou à casa paroquial às quatro horas da tarde, achando que não só era a hora correta para uma visita, como também que o vigário não estaria ocupado na igreja.

A porta foi aberta por uma das meninas, que aparentava catorze anos e que ele achou que devia ser Caridade.

Olhou-o, assustada. Quando ele disse que queria falar com o vigário, levou-o para a sala da frente, parecendo um tanto constrangida e dizendo que ia chamar o pai.

Lorde Hawkston olhou ao redor e achou que tudo ali era muito pobre, mas de bom gosto. As cortinas eram de uma fazenda ordinária, mas feitas com capricho e tendo um belo tom azul. O chão, lavado e esfregado, muito limpo, estava coberto por alguns tapetes de artesanato local. As paredes caiadas estavam nuas, a não ser por uma aquarela, uma paisagem. Havia um vaso de flores numa mesa simples, perto da lareira.

Como era domingo, as persianas estavam descidas, vendo-se apenas uma fresta de luz na parte de baixo de cada janela. Lorde Hawkston sabia que era hábito na Escócia, e em algumas partes da Inglaterra, descerem as persianas no domingo, mas não esperava encontrar isto no Ceilão.

Quando viu o vigário aparecer, compreendera que cometera uma transgressão, vindo visitá-lo no domingo.

— Deseja falar comigo? — perguntou, parecendo ainda mais esquelético e mais severo do que na igreja.

As vestes sombrias, as maçãs do rosto salientes, os cabelos grisalhos, quase brancos nas têmporas, faziam com que parecesse um dos antigos profetas, pronto a deblaterar contra os habitantes de Sodoma e Gomorra.

— Sou lorde Hawkston.

O vigário inclinou ligeiramente a cabeça.

— Estou hospedado no palácio do governador. Vim vê-lo porque preciso de sua ajuda e tenho um assunto importante a discutir com o senhor.

Do lado de fora da sala, Caridade fechou a porta e subiu a escada, correndo.

Dominica estava no quarto que dividia com Fé. Tirava o chapéu, tendo acabado de voltar da escola dominical, que dirigia e para onde tinha ido logo depois do almoço.

Caridade irrompeu no quarto, e Dominica olhou-a, surpresa.

— Dominica... Quem é que você acha... Quem é que você acha que está aqui?

— Que aconteceu? Por que está tão excitada?

— Um cavalheiro veio visitar papai e apareceu numa das carruagens

do governador. É o mesmo que estava hoje na igreja. Você deve tê-lo visto, o que estava sentado ao lado do governador. Vi que ele achou graça, quando Ranil deixou o estilingue cair no chão.

— Não foi nada engraçado — disse Dominica. — Papai ouviu o barulho e ficou muito zangado. É difícil fazer com que compreenda que os meninos do coro nunca escutam seus sermões.

— Por que haveriam de escutar? — disse Caridade, desinteressada. — Garanto que o governador também não escuta.

— Que será que ele quer com papai? — perguntou Dominica.

— É muito distinto, mas não creio que nos tenha vindo convidar para algum baile.

— Caridade! — repreendeu-a Dominica. Depois, riu. — Sabe que isso é tão improvável como sermos convidadas para ir à Lua! Fosse como fosse, papai não permitiria que comparecêssemos.

— Quando eu for grande como você e Fé, vou dançar, diga papai o que disser!

— Então, é melhor não deixar que ele a ouça agora, ou lhe dará uma surra! — disse uma voz à porta.

Fé entrou no quarto. Lorde Hawkston teve razão, ao achar que era uma moça bonita. Sem o chapéu feio que sombreava o rosto, via-se que tinha cabelos louros, olhos azuis e uma expressão angelical, mas também, embora isto não fosse aparente, um espírito malicioso. Assim como Caridade, estava pronta a se rebelar contra as restrições que lhes eram impostas pelo pai.

— Que significa tudo isto? — perguntou Fé. — É verdade que há um moço aqui em casa?

— Não é lá muito moço — respondeu Caridade. — Mas é elegante e está hospedado em casa do governador.

— É aquele que estava hoje na igreja? A irmã fez que sim.

— Dei uma boa espiada nele e achei-o muito atraente — confessou Fé. Dominica riu.

— Você acha todos os homens atraentes, e bem sabe disto!

— Não tenho muita oportunidade de vê-los, a não ser na igreja. Tinha esperança de ver hoje aquele tenente que andou me namorando no domingo passado, mas deve estar de serviço. Não havia sinal dele.

Dominica relanceou o olhar para a porta.

— Tenha cuidado, Fé. Sempre tenho medo de que papai ouça você

falar desse jeito.

— Papai está ocupado demais, procurando o pecado na cidade, para tentar descobri-lo em sua própria casa — disse a outra, displicente.

— Não tenho muita certeza disso! — avisou-a Dominica.

— Que será que aquele cavalheiro está dizendo a papai? — perguntou Caridade. — Vocês acham que devo ir escutar atrás da porta? Se papai me descobrir no vestibulo, posso dizer que estava esperando para acompanhar o visitante, quando saísse.

— Sim, vá — concordou Fé. Dominica protestou:

— Você não vai fazer nada disso! É falta de educação escutar atrás da porta e você sabe muito bem!

— Mas que será que ele quer com papai? — perguntou Caridade.

— Vocês saberão quando chegar a hora — disse Dominica, calmamente. Depois, deu um gritinho. — Deus do céu! Acham que ele vai ficar para o chá? Ontem eu pretendia fazer um bolo, mas não tive tempo, e também, para dizer a verdade, o dinheiro da casa tinha acabado e eu não quis pedir mais a papai.

— Não se preocupe — disse Fé. — Podemos preparar uns sanduíches, e Caridade pode ir apanhar umas frutas no jardim. Com certeza, ele se empanturrou com a comida exótica e deliciosa da casa do governador e não está interessado em nossa comida modesta.

— Fé, por favor, não fale assim diante das meninas — pediu Dominica. — Você sabe muito bem que papai acha que o luxo exagerado desperta maus pensamentos.

— A julgar pelo que comemos, é extraordinário que ainda possamos pensar! Tenho certeza de que sofro de subnutrição.

Dominica riu.

— Pois não parece! O último vestido que fiz para você precisa de mais dois centímetros e meio na cintura!

— Isso é por causa do crescimento natural — respondeu Fé, com ar digno.

Dominica ia falar, quando ouviu uma voz, chamando-a:

— Dominica, venha cá! Quero falar com você! Era o pai, e ela olhou para as irmãs, consternada.

— Pelo amor de Deus, vá fazer mais sanduíches! — pediu para Fé. — Você, Caridade, procure algumas frutas. Encha a cestinha de vime. Dá boa

impressão, mesmo que as frutas não sejam lá grande coisa. Ontem acabamos de comer a única papaia madura.

Ainda dando suas instruções, abriu a porta do quarto e desceu a escada, correndo.

— Você me fez esperar, Dominica — disse o pai, em tom de censura.

— Desculpe, papai, mas eu estava dizendo a Fé e a Caridade o que fazer, caso nosso visitante fique para o chá.

— Para o chá? — perguntou o vigário, como se nunca tivesse ouvido falar em semelhante refeição. — Sim, sim, é claro. Talvez seja correto oferecer-lhe uma xícara de chá.

— Quer que vá preparar, papai?

— Não, as outras podem fazer isso. Lorde Hawkston quer falar com você.

Dominica demonstrou surpresa, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, o pai abriu a porta da sala e a fez entrar.

Na igreja, de manhã, tinha notado o estranho ao lado do governador. Mas tantas vezes havia censurado as irmãs por olharem com curiosidade para a congregação, que ela própria se disciplinara para não fazer isto; e, principalmente, para não olhar para o grupo da casa do governador.

Apesar disto, reconheceu o homem que tinha visto no altar-mor e achou que era mais bonito do que lhe parecera na igreja. Era também, na opinião de Dominica, muito elegante.

Nunca tinha falado com os jovens oficiais que despertavam o interesse de Fé, mas de vez em quando entrava em contato com os filhos dos funcionários civis e com outros dignitários ingleses que residiam no Ceilão.

Quando isto acontecia, sempre tinha a impressão de que estavam constrangidos em seus melhores trajes e colarinhos altos, quase como se usassem fantasias com as quais não estavam habituados.

Mas agora notou que as roupas de lorde Hawkston, embora muito elegantes, pareciam fazer parte dele. Usava-as com naturalidade, mas tinham uma elegância que indicava que haviam sido feitas em Londres. Dominica percebeu que ele a observava com atenção. O vigário, entrando depois dela, disse:

— Esta é a minha filha Dominica, milorde.

Lorde Hawkston inclinou-se, e a jovem fez uma profunda reverência.

Houve um momento de silêncio. Dominica ficou imaginando por que

nenhum dos dois homens falava. Tinha a impressão de que estavam procurando as palavras.

Finalmente, limpando a garganta, o vigário disse:

— Dominica, lorde Hawkston veio fazer uma proposta inesperada e estranha, e pediu-me para que você ouvisse o que ele tem a dizer.

Ela ergueu os olhos cinzentos para o pai.

— Sim, papai? Houve nova pausa. Depois, como se achasse a situação um tanto constrangedora, lorde Hawkston falou:

— Senhor, espero que não ache incorreto eu lhe pedir para falar com sua filha a sós. Acho que gostaria de fazer minha proposta, conforme o senhor se expressou, a ela diretamente.

O vigário pareceu aliviado.

— Claro, milorde. Acho que é melhor eu ir dizer às minhas outras filhas que preparem o chá.

— Obrigado.

O vigário saiu, fechando a porta. Dominica olhou para o visitante, apreensiva. Não podia imaginar que proposta poderia ele querer fazer.

— Não acha melhor sentarmos? — perguntou ele, fazendo com que a moça corasse.

— Eu... desculpe, milorde. Devia tê-lo convidado a sentar, mas fiquei tão surpresa, que esqueci as boas maneiras.

— Acho que o que vou dizer vai surpreendê-la mais ainda, mas quero que me ouça e que não decida nada precipitadamente.

Sentou no sofá duro, colocado contra a parede, e fez sinal a Dominica para que sentasse a seu lado. Foi o que ela fez, após um minuto de hesitação, constrangida ao notar que ele a examinava de um jeito que ela não compreendia.

Como lorde Hawkston supunha, a moça tinha cabelos de um louro-acinzentado, com reflexos prateados. Estavam puxados para trás, presos num coque muito grande, dando a impressão de que eram muito compridos e fartos.

Os olhos eram cinzentos, com pestanas escuras; as sobrancelhas, arqueadas, também escuras. Mas a pele era muito clara e fresca, muito pálida também. De modo que, quando ela corava, o rosto adquiria uma súbita beleza.

Era muito magra. O vestido, de algodão grosseiro, era justo revelando

a curva dos seios e a delicadeza da cintura que, na opinião de lorde Hawkston, caberia nas mãos de um homem.

Os dedos, que tinham tocado o órgão com tanta habilidade, eram compridos e elegantes. Ela colocou as mãos no colo, como uma criança na escola, pronta para recitar uma poesia.

— Creio que está imaginando por que vim procurar seu pai — disse ele, com sua voz grave.

— Raramente temos visitas aos domingos.

— Minha desculpa é a pressa que tinha em conhecê-la e explicar a seu pai quais as minhas intenções a seu respeito.

— A meu respeito?

— Pode parecer um tanto brusco, mas vim perguntar a seu pai se você estaria disposta a considerar a minha proposta, isto é, casar com meu sobrinho Gerald Warren!

Dominica ficou imóvel, os olhos arregalados, fitando o visitante com ar incrédulo.

Dali a um minuto, perguntou:

— O senhor está... falando sério?

— Muito sério! Mas deixe que explique melhor. Meu sobrinho, que trabalha em minha fazenda, perto de Kandy, está morando aqui há dois anos. Anteontem cheguei da Inglaterra em companhia de uma jovem de quem ele estava noivo. O casamento deveria se realizar assim que ela chegasse, mas, infelizmente, quando chegamos a Colombo, fiquei sabendo que a tal moça havia mudado de idéia!

— Por que ela não quis casar com ele?

— Ficou conhecendo, a bordo, um rapaz de quem gostou. Seja como for, acho que ela não seria a esposa adequada para meu sobrinho.

Dominica não disse nada, e ele continuou:

— Meu sobrinho precisa de alguém que tome conta dele, que lhe faça companhia e alivie a solidão e o tédio que, como você bem sabe, afligem os fazendeiros, quando ficam sozinhos durante meses a fio. Quando a vi na igreja, tocando órgão tão bem, dando conta das travessuras dos meninos do coro e, ao mesmo tempo, dando atenção a seu pai, tive certeza de que era a pessoa que eu procurava.

Dominica respirou fundo.

— Como pode ter certeza disto, milorde? O visitante sorriu.

— Digamos que tenho o instinto do que é certo. Sobrevivi à crise do café porque tive a sorte de plantar chá em minha fazenda. Agora, estou tendo um bom lucro. Mas, se meu sobrinho não quiser morar definitivamente no Ceilão, tenho certeza de que daqui a alguns anos poderá voltar para a Inglaterra.

Houve uma pequena pausa. Dominica disse, então:

— Agora há pouco, o senhor falou que chegou na sexta-feira e que esperava que seu sobrinho casasse com a moça que veio da Inglaterra, assim que chegasse aqui. Ele não ficou perturbado, ao saber que a noiva tinha mudado de idéia?

Lorde Hawkston gostou de ver que ela percebera o significado do que havia acontecido e soube que acertara, ao pensar que ela era inteligente. Estava aí a prova.

— Tem razão de fazer essa pergunta, srta. Radford. Vou ser franco e lhe dizer que meu sobrinho não tem a mínima idéia de que houve uma mudança nos planos. Acontece que está doente e não pôde vir nos encontrar em Colombo. Recebi uma carta dele, dizendo que espera me ver em Kandy, dentro de poucos dias.

— E vai dizer-lhe que, já que não pode ter a noiva que escolheu, o senhor escolheu outra para ele?

A pergunta foi feita com suavidade, mas lord Hawkston não pôde deixar de pensar que, se tivesse sido feita em outro tom, teria sido sarcástica.

— Acho que, quando perceber que escapou de um casamento infeliz, Gerald ficará satisfeito com o arranjo que fiz para vocês dois.

Dominica virou o rosto e olhou para a luz que entrava pelas persianas semicerradas.

Lorde Hawkston viu-lhe o perfil e achou que tinha traços bonitos e firmes. Vestida de um modo mais atraente e com um penteado menos severo, seria muito bonita.

— Espera, realmente, milorde, que eu concorde em casar com um homem que nem conheço?

— Espero que acredite em mim, se eu lhe disser que meu sobrinho é simpático. Para dizer a verdade, muitas mulheres o acham bonito. Tem quase um metro e oitenta de altura, distinguia-se nas caçadas em Londres e parece que é também um bom dançarino.

— Suponhamos que ele... não goste de mim? — perguntou a jovem,

baixinho.

— Acho que, nas circunstâncias em que vive atualmente, recebera de braços abertos a companhia de uma jovem atraente, que se interessará pelos negócios dele e tornará sua vida confortável e agradável.

— Lorde Hawkston fez uma pausa e continuou: — Afinal de contas, suponhamos que você o tivesse encontrado duas ou três vezes. Suponhamos que tivesse dançado com ele. Isto seria bastante para ele pedi-la em casamento e para você aceitá-lo. Só o que lhe peço é que dispense essas formalidades e concorde em casar, confiando em que fiz uma descrição justa.

Dominica não respondeu. Dali a pouco, ele insistiu:

— Tenho certeza de que percebe que seu pai, tendo seis filhas, não achará fácil encontrar maridos adequados para todas. Se casar com meu sobrinho, pretendo dar-lhe um dote razoável, e haverá muito mais, depois que eu morrer.

Dominica olhou-o, vivamente.

— Isso certamente não acontecerá tão cedo, milorde.

Lorde Hawkston sorriu.

— Estou me aproximando da meia-idade e garanto-lhe que não tenho intenção de casar. Vivo sozinho há tanto tempo e estou tão habituado com a minha companhia, que me agrada continuar solteiro. Neste caso, Gerald herdará o título e as propriedades da família, na Inglaterra, que são consideráveis.

Dominica desviou o olhar.

— Mamãe sempre dizia que esperar pelos sapatos de um morto não dá sorte.

— Mas eu lhe prometi que viverá com conforto, antes de eu morrer. — Ela continuou olhando para o outro lado. — Eu a escolhi, Dominica... e espero que permita chamá-la pelo primeiro nome... porque, quando a observei na igreja, achei que era uma moça sensata. Espero que use esse bom senso, ao estudar minha proposta.

Ficou observando-a, enquanto falava, e gostou de, sua expressão calma e sensível.

— Sei que isto é incomum, pouco convencional mesmo, mas não vejo razão para você recusar. Permita que a leve para Kandy e para a minha fazenda. Quando ficar conhecendo meu sobrinho, tenho certeza de que verá que os dois têm muita coisa em comum.

Dominica levantou-se e começou a andar pela sala. Abriu uma das persianas e ficou olhando para o jardim.

O sol entrou, e lorde Hawkston notou a encantadora silhueta da jovem.

Ela olhava para fora com olhos que, achou ele, nada deviam ver.

— O que a está preocupando? — perguntou lorde Hawkston, finalmente.

— Estava pensando em mamãe e imaginando o que ela me aconselharia a fazer.

— Sua mãe ia querer que casasse. Seu pai me disse que tem mais de vinte anos. Muitas moças, nesta idade, já estão pensando no vestido de noiva.

— Mamãe tinha apenas dezoito anos, quando casou. Mas apaixonou-se por papai, assim que o conheceu.

— Como tenho certeza de que você se apaixonará por meu sobrinho. Deixe-me pedir-lhe mais uma vez que seja sensata a este respeito. Ouvi dizer que seu pai não permite que você e suas irmãs freqüentem reuniões sociais. Como é que poderão casar, se nunca ficam conhecendo rapazes, se não têm licença de ir a bailes e a festas? Pretende realmente passar a vida inteira nesta casa, tomando conta de suas irmãs e de seu pai, controlando os meninos do coro e ensinando na escola paroquial, como me disseram que faz, todos os domingos? Que espécie de vida seria?

— Acho que mamãe gostaria que nos divertíssemos um pouco. E também que ficássemos conhecendo mais gente do que agora, mas papai se zanga, quando faço esta sugestão. — De repente, virou-se para lorde Hawkston. — O senhor não gostaria que Fé casasse com seu sobrinho? Ela está louca para casar. Quer conhecer rapazes. Garanto que aceitaria, feliz, a sua proposta.

Ele sacudiu a cabeça.

— Pelo que seu pai me disse, Fé só tem dezoito anos, e receio que não tenha o seu bom senso nem a sua inteligência. Seja como for, estou decidido: quero que seja você. Quero que concorde em ir contigo para Kandy, assim que tivermos comprado o seu enxoval.

— Enxoval?! É preciso que compreenda, milorde, que não estou em condições de ter mais vestidos do que tenho agora, nem de comprar coisas novas. Papai nunca o permitiria; além do mais, não temos dinheiro para isso. O senhor precisa compreender que somos muito Pobres.

— Sei disso. E prometo-lhe, Dominica, que vai ter um enxoval lindo, o melhor que se puder arranjar em Colombo, e que não lhe custará um níquel!

— Quer dizer que o senhor pagaria?

— Mas. claro!

— Não creio que papai... — começou, hesitante.

— Deixe seu pai por minha conta. Como já lhe disse, Dominica, sempre consigo o que quero. Posso facilmente convencer seu pai de que, no tocante ao enxoval, meu plano é o melhor. — Fitando-a bem no rosto, continuou: — Meu plano é também o melhor no que diz respeito a você. Não quer deixar tudo nas minhas mãos, Dominica? Tenho certeza de que não se arrependerá.

— Como pode ter certeza?

— Já lhe disse qual a alternativa. Não acha melhor ser a esposa de um rapaz encantador, com algum dinheiro e perspectiva de vir a ter muito mais, do que suportar um futuro no qual será uma solteirona frustrada, matando-se para equilibrar o orçamento da família e raramente vendo seus esforços reconhecidos?

Este argumento foi muito astuto e ele sabia que ia causar efeito. Depois da conversa com o vigário, lord Hawkston deduziu que o pai não reconhecia os esforços da filha e que não estava nada agradecido por ela conseguir fazer a casa andar, depois da morte da mãe.

Percebeu a indecisão de Dominica e soube, embora ela não o demonstrasse, que seus argumentos a haviam perturbado enormemente e que não conseguia pensar com clareza.

Habitado a liderar e a conseguir o que queria dos homens, aplicou a mesma técnica com Dominica.

— Vamos lá, você tem tudo a ganhar e nada a perder — disse, em tom bondoso. — Dê-me sua mão e diga que a resposta é “sim”.

Estendeu a mão. De um modo hesitante, porque era isto o que ele esperava dela, Dominica colocou a mão na dele.

Lorde Hawkston percebeu que os dedos da jovem estavam frios e trêmulos.

— A resposta é “sim”, não é? — insistiu.

— Sim... milorde — respondeu, num tom de voz que não passava de um murmúrio.

CAPÍTULO III

Lorde Hawkston não esperou pelo chá preparado pára ele com tanto trabalho. Aprendera, no mundo dos negócios, que, tendo concluído uma transação difícil, era sempre bom ir embora antes que a outra parte começasse a se arrepender.

— Não precisa incomodar seu pai — disse ele. — Volto amanhã de manhã, a fim de levá-la para comprar o enxoval.

Dominica não respondeu e ele teve a impressão de que ela não conseguia falar.

— Fico-lhe muito grato por ter concordado em casar com meu sobrinho.

Inclinou-se diante da moça e ela abriu a porta da frente.

A carruagem do governador, com o brasão do Consulado Britânico e belos cavalos ricamente ajaezados, parecia resplandecente, diante da aparência pobre da casa do vigário.

Dominica não pôde deixar de pensar que os lacaios, com suas magníficas libres, deviam achar desprezível aquele ambiente.

Um lacaio abriu a porta da carruagem descoberta, e lorde Hawkston entrou. Depois de colocar uma manta leve nos joelhos do amo, o lacaio pulou para a boléia e a carruagem partiu.

Lorde Hawkston tirou a cartola, em despedida, e Dominica fez uma nova reverência.

Ficou olhando, até a carruagem partir, não sabendo que o visitante de seu pai tinha apreciado o modo como ficara ali imóvel, a cabeça erguida um tanto desafiadoramente, enquanto procurava ganhar coragem.

Uma jovem muito sensata!, pensou ele, enquanto a carruagem seguia em frente. Seria a salvação de Gerald e provavelmente se dariam muito bem.

Depois que a carruagem desapareceu, Dominica entrou em casa, fechou a porta e ficou encostada nela, como se precisasse de um apoio para a

súbita fraqueza que sentia.

Depois, correu para a cozinha, nos fundos da casa, onde sabia que ia encontrar as irmãs.

Estavam todas lá. Fé preparava sanduíches e Caridade e Esperança arranjavam as frutas numa cesta de vime. Conversavam animadamente, mas, assim que Dominica entrou, ficaram em silêncio, virando-se para ela com olhares interrogativos.

— O que ele queria? — perguntou Caridade. Largando a faca de manteiga, Fé disse:

— Não diga que ele foi embora sem esperar pelo chá que estamos tendo tanto trabalho para preparar! Como é que deixou que saísse, Dominica, sabendo que todas nós queríamos conhecê-lo?

— Ele foi embora — respondeu Dominica, em voz estranha, indo até a mesa e sentando em uma das cadeiras duras.

— O que queria? — insistiu Esperança.

Não era tão bonita como Fé, mas tinha os mesmos olhos azuis e cabelos louros. Mas, aos dezesseis anos, estava na idade da molecagem, e vivia despenteada e de unhas sujas.

— Sim, que foi que ele disse? — perguntou Caridade, impaciente.

— Veio me pedir para casar com o sobrinho dele!

Dominica sabia que, no princípio, elas não acreditariam. Depois, como se a seriedade da irmã mais velha as tivesse convencido, fitaram-na de olhos arregalados, com um espanto que pareceria ridículo, se Dominica não sentisse a mesma coisa.

— Ele pediu o quê? — perguntou Fé finalmente.

— Que case com o sobrinho dele. É um plantador de chá, e a moça que lorde Hawkston trouxe para casar com ele, da Inglaterra...

A exclamação de Caridade a interrompeu.

— Lorde Hawkston? Quer dizer que é um lorde?

— Um lorde! — disse Fé. — E veio aqui em casa! Oh! Dominica, como é que deixou que fosse embora?

— Vai voltar amanhã, para comprar meu enxoval.

Houve uma balbúrdia. Ninguém entendida nada! As palavras “enxoval”, “lorde”, “casamento” eram repetidas inúmeras vezes, até que Dominica pôs as mãos nos ouvidos e gritou:

— Parem! Preciso pensar! Preciso ter certeza de que fiz o que é... certo.

— Se quer dizer que vai casar com o sobrinho de um lorde, não sei o que precisa pensar — disse Fé. — É a coisa mais emocionante, mais excitante que jamais ouvi na vida!

— Claro que é! — concordou Esperança. — Nós todas podemos ir passar uns tempos com você. Acha que ele me emprestaria um cavalo? E há boas pescarias nas montanhas! Eu não daria trabalho. Você vai me convidar, Dominica?

Como a outra nada dissesse, Fé respondeu:

— Ela vai convidar todas nós, mas agora vamos deixá-la em paz. Caridade, dê-lhe uma xícara de chá. Dominica, coma um sanduíche. São muito bons e você não comeu quase nada no almoço.

— Não havia muito para comer! — disse Graça.

Era pequena, gorda e gulosa, e sempre se queixava de que não havia comida suficiente.

— Pois bem, você, pelo menos, não passa fome — replicou Esperança, secamente. — Nunca passa fome.

— Parem de discutir, vocês duas — ordenou Fé. — Não vêem que Dominica está preocupada?

Pôs dois sanduíches num prato e colocou o prato na frente de Dominica. Caridade pôs uma xícara de chá ao lado do prato.

— Beba — disse, com ar encorajador. — Depois, você nos conta tudo.

Prudência, a caçula, que só tinha nove anos, foi para perto da irmã mais velha.

— Não vá embora, Dominica — disse, em tom súplice. — Não podemos viver sem você.

A moça abraçou a irmãzinha.

— É disto que tenho medo! Oh, meninas, será que tomei a decisão certa? Quando disse a lorde Hawkston que aceitava o pedido de casamento, pensei que pudesse ajudar a todas vocês!

— Podemos ir passar uns tempos lá — disse Esperança.

— E você pode nos mandar suas roupas usadas — sugeriu Fé.

— Com certeza, ele tem montes de dinheiro — observou Caridade. — Os lordes, em geral, são muito ricos.

Dominica tomou um gole de chá, como se isto a sustentasse, e disse:

— Lorde Hawkston falou que, se eu casar com seu sobrinho, ele nos dará dinheiro para termos conforto. Poderei ajudar vocês e preciso dar um

jeito de convencer papai a fazer com que Mallika venha trabalhar aqui todos os dias, em vez de só uma vez por semana, como agora.

— Ela vai ter que ajudar na cozinha — disse Fé, vivamente. — Você sabe como sou ruim nisso! Nem mesmo consigo acender o fogão!

— Será que papai vai concordar? — perguntou Dominica. — Eu devia ter recusado! Além do mais, é errado casar com um homem que a gente nunca viu!

— Com certeza, ele é alto e bonito como o tio — disse Caridade. E, quando ele a vir, Dominica, vai ficar loucamente apaixonado por você e você por ele. Como num conto de fadas!

Dominica levantou-se.

— Não acredito que seja verdade! Será que lorde Hawkston veio mesmo aqui, ou apenas sonhei. Caridade?

— É verdade! É verdade! Fui eu que o recebi! Eu que fui chamar papai! Pense, Dominica, como vai ser emocionante haver um casamento na família! É papai quem vai celebrar o casamento?

Dominica fitou a irmã, perturbada.

— Não creio. Acho que lorde Hawkston pretende me levar para Kandy, e o casamento será realizado lá.

— Então, não podemos ser damas de honra — disse Fé, decepcionada.

— Oh, Dominica, eu gostaria tanto de ser sua dama!

— Por que é que o rapaz, seja qual for o nome, não veio esperar o tio em Colombo? — perguntou Esperança.

— Porque está doente. E seu nome é Gerald Warren.

— Acho Gerald um nome romântico — murmurou Caridade.

— Mas Warren é sem graça — comentou Fé. — Sra. Warren...

Bom, não é assim tão mau! É uma pena que não seja um lorde.

— Vai ser, um dia, se o tio não casar — disse Dominica, em voz baixa.

— E o tio disse que pretende ficar solteiro.

As três irmãs mais velhas soltaram uma exclamação excitada. Caridade disse:

— E você vai ser uma *lady*! Pense nisso, Dominica! Vai ser uma *lady* e sentar à direita do governador, quando for jantar no Palácio do Governo.

Dominica sorriu pela primeira vez.

— Esta possibilidade é muito remota. Afinal de contas, lorde Hawkston não é velho.

– Hoje, na igreja, achei que deve ter uns trinta e cinco ou trinta e seis – disse Fé. – Sou boa para calcular a idade das pessoas.

– Pois achei que tem muito mais do que isso – observou Caridade. – Mas é muito distinto. Gostaria de vê-lo com uma coroa na cabeça.

– Não creio que ele viaje carregando uma coroa – observou Dominica, sorrindo.

– Que mais ele disse... ? – começou Fé, mas foi interrompida pelo som estridente da campainha da parede. – Papai! Caridade, vá ver o que ele quer.

– Não. Vou eu – disse Dominica. – Tenho certeza de que é comigo que quer falar.

Ninguém protestou. Todas elas, com exceção de Dominica, tinham medo do pai e só a lembrança dele foi suficiente para que mudassem de assunto e de tom de voz.

Dominica pegou a xícara de chá e tomou o que restava, como que para criar forças. Depois, saiu da cozinha, sem nada mais dizer.

Seguiu pelo corredor estreito que levava à parte da frente.

A casa paroquial tinha sido construída cinquenta anos antes, no grandioso estilo colonial, dando ao primeiro vigário que ali residira um ambiente de pompa e de importância.

Ele era um homem rico, mas os que o sucederam eram pobres, sem fortuna pessoal para complementar a modesta remuneração que lhes era permitida pelos chefes da Igreja, na Inglaterra.

Somente Dominica, assim como a mãe, antes dela, sabia como era duro manter limpa uma casa grande, mas aceitava o trabalho como parte de sua vida diária e não se queixava.

O escritório do vigário era enorme, dando para o jardim. Embora as melhores peças de mobília estivessem ali, mesmo assim eram poucas e inadequadas.

O vigário estava sentado à escrivaninha. Quando Dominica entrou e fechou a porta, ele disse, secamente:

– Por que não me chamou para me despedir de lorde Hawkston?

– Ele não quis ficar para o chá, papai, e vai voltar amanhã.

– Ele lhe disse qual a sua proposta?

– Sim, papai.

– Aceitei-a, Dominica, porque achei que era o melhor para você.

Afinal de contas, como lorde Hawkston disse, tenho seis filhas, que um dia vão precisar de marido.

— Sim, papai.

— Eu gostaria de conhecer o rapaz, antes. Mas lorde Hawkston elogiou o sobrinho e tenho certeza de que sua mãe, Dominica, teria ficado contente por você casar com um inglês que não foi corrompido pelo pecado e pela depravação que encontro tantas vezes neste país.

— Sim, papai.

— Lorde Hawkston lhe falou de seus planos? Que deseja levá-la para Kandy e que o casamento se realizará lá?

— Eu gostaria que meu casamento fosse feito por você, papai.

— Foi o que sempre esperei, mas sabe tão bem como eu que não disponho de tempo. E, mais ainda, não estou em condições de gastar.

— Não, claro que não, papai.

— Eu lhe darei minha bênção, antes de você partir. E agora, Dominica, acho que devemos rezar para que Deus lhe dê forças para suportar sua nova vida e para que não esqueça os ideais e os padrões de moral que lhe ensinei desde criança.

Ao dizer isto, o vigário caiu de joelhos ao lado da escrivainha.

Dominica ajoelhou-se também.

Estavam habituadas a ver o pai rezar a qualquer hora do dia, quando isso lhe ocorria, além de todas tomarem parte nos longos serviços religiosos que ele conduzia todas as manhãs e todas as tardes.

Dominica não se sentiu absolutamente constrangida. Ajoelhou-se sem se apoiar em nada, cruzou as mãos e fechou os olhos.

Enquanto o pai fazia uma longa exortação ao Todo-Poderoso, para preservá-la do pecado e da tentação, ela fazia suas orações particulares, muito simples e mais reconfortantes:

— Ajudai-me, ó Deus, a ter certeza de que fiz o que devia e o que mamãe teria aprovado! Parece estranho e até mesmo errado casar com um homem que nem conheço, mas vou poder fazer alguma coisa por minhas irmãs! Por favor, fazei com que papai compreenda que elas poderão cuidar da casa sem que Mallika venha todos os dias. E fazei com que Fé seja capaz de tomar conta de Graça e de Prudência.

Estava tão concentrada, que não percebeu que o pai tinha terminado sua exortação e esperava que ela respondesse.

– Amém! – disse a jovem, vivamente.

– A resposta devia ser “mas livrai-nos do mal” – observou o pai, irritado.

– Desculpe, papai. Mas livrai-nos do mal.

– Amém!

O vigário levantou-se.

– Vamos fazer uma oração maior, quando estivermos todos juntos, hoje à noite. Sinto que nossas orações serão como uma couraça para protegê-la das dificuldades e das tentações que talvez a esperem.

– Obrigada, papai.

Dominica saiu e, em vez de ir para a cozinha, foi para o quarto. Havia ali um retrato de sua mãe. Tinha sido desenhado por um artista amador, que insistira em retratar a sra. Radford, logo depois de seu casamento.

A especialidade do pintor eram as aquarelas, mas fora suficientemente hábil em reproduzir a beleza do modelo, e Dominica podia lembrar do que ele não havia desenhado.

A sra. Radford era uma mulher bonita. Tinha os olhos azuis e os cabelos louros de Fé, mas Dominica herdara seu nariz pequeno e reto, assim como o formato dos lábios.

Dominica tinha o mesmo rosto oval e suas sobrancelhas arqueadas, que lhe davam o ar de equilíbrio que lorde Hawkston tinha considerado “sensato”.

A jovem olhou para o retrato.

– O que você me aconselharia, mamãe?

Ficou imóvel, como se esperasse uma resposta, mas ouviu apenas o zumbido das abelhas nas roseiras trepadeiras que chegavam até o peitoril da janela do quarto.

– Digamos que, ao conhecê-lo, eu o odeie – murmurou – Suponhamos que ele não goste de mim.

Depois, como se tivesse obtido uma resposta, refletiu que, caso isto acontecesse, ela poderia voltar para casa.

Iria para Kandy e, se ela e o rapaz antipatizassem um com o outro, tinha certeza de que lorde Hawkston compreenderia que o projeto era inviável e pagaria sua passagem de volta a Colombo.

– Neste caso, nada tenho a perder. E, se eu gostar dele, as coisas serão muito diferentes – disse a si mesma.

O importante era que pudesse ajudar as irmãs. Estava cada vez mais difícil conviver com o pai. Desde a morte da mãe, ele tinha tornado as coisas quase insuportáveis para as filhas.

Em primeiro lugar, chorava cada níquel gasto com comida. A Quaresma seria no mês seguinte, e Dominica sabia que ele ia insistir para que jejuassem duas vezes por semana. Até mesmo fora da Quaresma, jejuavam uma vez por semana e o dinheiro economizado era dado aos pobres de Colombo, muitos dos quais, na opinião de Dominica, passavam melhor do que os da família do vigário.

Graça estava sempre com fome e Prudência precisava que a obrigassem a comer. Dominica tinha certeza de que ficaria fraca, se passasse um dia inteiro só tomando água!

— Por que Prudência está comendo ovo? — perguntava Graça. — Pensei que fosse dia de abstinência!

— No que diz respeito a Prudência, é remédio — era a resposta invariável de Dominica. — Papai gastaria muito mais, se tivéssemos que chamar o médico. Tenho certeza de que ela está anêmica.

— Também estou anêmica — protestava Graça.

— Você é gulosa, isto sim! — dizia Fé.

— Não vejo razão para ficarmos sem comer, só para agradar a papai.

— Não é para agradar a papai, e sim, para nos disciplinarmos, como boas cristãs — dizia Dominica maquinalmente.

— Pois bem, eu preferia ser uma má cristã a sentir fome! — dizia Fé. — Em todo caso, há algumas bananas no jardim e, mesmo que meia dúzia de anjos com espadas chamejantes as protejam, preciso comer uma. Pelo menos, meu estômago vai parar de roncar!

Dominica muitas vezes ficava imaginando o que seria delas, se não houvesse frutas no jardim, bananas, papaias, mangas e muitas outras frutas e verduras naturais do Ceilão.

O vigário, naturalmente, seguia o jejum à risca e, depois de um dia de abstinência, parecia ainda mais ríspido e agressivo ao condenar o mal e os pecados da sociedade.

— Depois que casar, vou levar as meninas para minha casa e procurar arranjar um bom marido para Fé — disse Dominica a si mesma. — As outras levarão uma vida normal, numa casa onde não seja preciso rezar para agradecer cada migalha de pão e onde não se tenha uma consciência

permanente dos pecados da humanidade.

Sentiu remorso por estes pensamentos rebeldes, mas sabia que as irmãs mais velhas não tinham paciência com o fanatismo do pai e que nenhuma delas sentia uma verdadeira afeição por ele.

— Procurei tomar conta delas, como você, mamãe — disse ela, olhando para o retrato. — Mas tem sido difícil, muito difícil!

Sabia que seria pior para as irmãs, depois que ela partisse. Mas, por outro lado, poderia fazer com que, cedo ou tarde, escapassem às restrições impostas pelo pai.

Que pena lorde Hawkston não aceitar sua sugestão de levar Fé para casar com o sobrinho! Seria uma noiva muito mais satisfeita do que ela.

Uma noiva!

Teve uma sensação estranha, assustadora, ao pensar que seria a noiva de um homem que nunca vira e de quem não ouvira falar até uma hora antes.

No dia seguinte, lorde Hawkston chegou antes da hora em que Dominica o esperava.

Ela achou que não chegaria antes das dez e meia ou onze horas. Ele entrou sem tocar a campainha, encontrando-a de joelhos, esfregando o chão da cozinha.

A jovem deu um gritinho, quando viu as botas luzidias caminhando em sua direção. Sentou nos calcanhares e olhou para ele, corando violentamente.

— Não estava à minha espera?

— Não... milorde. Não deve passar das nove e meia, e pensei que viesse mais tarde.

— Sou madrugador Dominica, e temos muito que fazer. Quanto mais cedo começarmos, melhor.

— Vou me aprontar, milorde — disse, baixinho.

Não podia deixar de ter consciência da escova em sua mão, dos pedaços de sabão grosseiro no chão, do balde de água quente a seu lado e do avental marrom, de saco, sobre o vestido de algodão.

Pegou o sabão e ia levantar-se, quando lorde Hawkston perguntou:

— Você precisa fazer isso?

— Papai só pode pagar uma faxineira uma vez por semana. E a cozinha se suja facilmente.

— Sim, compreendo. O que vai acontecer, quando não estiver mais aqui?

Dominica estava agora de pé. Colocou o sabão na beirada da mesa, antes de responder.

— Prometi a Fé, que detesta trabalhos domésticos, que vou tentar convencer papai a fazer com que Mallika, nossa faxineira, venha todos os dias, em vez de só uma vez por semana. Mas não sei se ele vai concordar.

Dominica tinha um ar preocupado. Começou a tirar o avental grosseiro.

— Estou vendo que sua ausência causará uma série de problemas, que eu não tinha previsto — declarou lorde Hawkston. — Acha que as coisas ficariam mais fáceis, se eu promettesse pagar o ordenado de Mallika? Afinal de contas, devo alguma coisa a seu pai, por tirar-lhe, não só a filha, como também a “empregada para todos os serviços”!

Disse isto com certa ironia. Sabia que em nenhuma outra casa, em Colombo, a dona da casa lavava o chão. Dominica corou novamente.

— Creio que papai é orgulhoso demais para permitir que o senhor pague pelos serviços de uma empregada dele — disse, com ligeira hesitação. Depois acrescentou: — Não, isto não é verdade. O que penso realmente é que, se o senhor lhe desse o dinheiro para pagar Mallika, ele daria a alguma família que achasse mais necessitada do que a nossa. Neste caso, Fé ainda teria que limpar a casa, ou deixá-la suja.

Lorde Hawkston sorriu.

— Vejo que tenho que encontrar outra solução. Você pagará Mallika com o dinheiro que eu lhe der. É mais satisfatório?

— Sim, é! Mas o senhor... está em condições de... fazer isso?

— Estou. Acontece, Dominica, que sou um homem rico, de modo que não precisa ter escrúpulos de aceitar, não apenas o dinheiro do ordenado de Mallika. como também o do seu enxoval, que vamos comprar agora.

Ela respirou fundo. Ia dizer qualquer coisa, mas mudou de idéia.

— Vou trocar de roupa. Não quero deixá-lo esperar. Saiu da cozinha, antes que ele pudesse responder.

Lorde Hawkston olhou ao redor, notando o fogão primitivo, o chão nu, as cadeiras duras, a louça barata, empilhada no armário. Depois, foi para

a sala, onde, na véspera, tinha conversado com o vigário e com Dominica.

Não precisou esperar muito tempo. Ouviu os passos da jovem na escada sem passadeira e logo Dominica entrou. Estava com o mesmo vestido que tinha usado na igreja, o mesmo feio chapéu preto e luvas de algodão pretas.

— Desculpe-me por não estar pronta quando chegou, milorde.

— Onde está o resto da família?

— Minhas irmãs estão com as professoras, com exceção de Fé, que acompanhou papai, porque vou sair com o senhor. Quer dizer que ela não pôde ter uma lição de francês. — Notou o ar de surpresa dele e explicou: — Mamãe sempre fez questão de que, por mais pobres que fôssemos, tivéssemos uma boa educação. Às vezes, papai reclama da despesa. Até quis que Fé parasse com as lições, assim que completou dezoito anos. Mas consegui convencê-lo a deixar que ela continuasse até o fim do ano.

— Parece que você sente falta das suas aulas — observou lorde Hawkston.

— Mais do que eu possa dizer! Era como entrar num outro mundo. — Deu um suspirozinho. — Se ao menos eu conseguisse mais livros! — Ocorreu-lhe de repente uma idéia, e seus olhos se iluminaram. — Há livros na sua fazenda?

— Havia muitos, quando fui para a Inglaterra. Mas os que você não encontrar nas minhas estantes podem ser encomendados. Sei que há uma livraria em Kandy e várias em Colombo. Precisa me dizer mais as suas preferências, Dominica. Eu gostaria de saber.

Conversando, dirigiram-se para a porta da frente, que estava aberta, e a jovem viu a carruagem que o esperava lá fora.

Dominica não pôde deixar de ficar emocionada, quando sentou na vitória acolchoada e o laçao colocou uma manta em seus joelhos.

Lorde Hawkston sentou ao lado dela.

— De que tipo de leitura você gosta?

— De tudo. Mas, principalmente, a história de outros países e, mais ainda, a da Inglaterra.

— Nunca esteve lá?

— Não. Mamãe costumava nos contar o que fazia em menina e também nos falava da mansão, em Gloucester.

— Você gosta do Ceilão?

– Claro. Foi sempre o meu lar, e gosto de Colombo, do povo, das flores, do mar. Mamãe sempre dizia que, se fôssemos para a Inglaterra, íamos sentir falta do sol, mas que haveria outras compensações.

– E quais eram, na opinião dela? – perguntou lorde Hawkston, com ar cético.

– Creio que minha mãe achava que suas raízes estavam na Inglaterra e que, portanto, esse país fazia parte dela. Tenho certeza de que tinha razão e que a nacionalidade é algo muito mais profundo e mais fundamental do que ter um determinado passaporte.

Olhou-a. Não era esse o tipo de comentário que se esperava de uma jovem.

– Então, gostaria de viajar?

– Tanto quanto tenho viajado com minha mente – respondeu ela. – Mas, naturalmente, o último método é mais barato!

Riu, ao dizer isto, e lorde Hawkston percebeu que o rosto dela se iluminava.

Ficaram durante algum tempo em silêncio. A carruagem passou pelo hipódromo e, quando chegaram diante do mar, Dominica perguntou:

– Tendo vivido tanto tempo no Ceilão, a que país o senhor acha que pertence?

– É uma pergunta que fiz muitas vezes a mim mesmo. Quando saí do Ceilão, há dois anos, achei que estava deixando tudo o que me era familiar, tudo o que considerava um lar. Apesar disto, quando me vi na Inglaterra, percebi que havia lá muita coisa que me importava, porque fazia parte da minha infância, da minha adolescência e do tempo em que, pela primeira vez, me considerei adulto.

– E, então, gostou de lá tanto quanto gostava do Ceilão!

– Sim, creio que é verdade – disse ele, quase com surpresa, como se não tivesse pensado nisso antes.

Tinham chegado às ruas mais movimentadas, cheias de pessoas de várias raças e com trajes orientais. Havia cingaleses, tanto os homens quanto as mulheres com os cabelos presos atrás, as mulheres com grampos enfeitados. Havia também indianos. Hindus de todas as castas acotovelavam-se com mouros de sangue árabe que tinham introduzido o café no Ceilão. Havia negociantes afegãos, policiais malaaios, persas de nariz comprido, chineses de olhos enviesados, assim como eurasionos descendentes de

holandeses, portugueses ou ingleses.

Era um caleidoscópio de cores, movimentos, ruídos e confusão.

— Para onde está me levando? — perguntou Dominica.

— O eficiente secretário do governador me informou de que a costureira mais elegante e mais importante do Ceilão é *madame* Fernando.

Dominica fitou-o, de olhos arregalados.

— E é mesmo, mas previno-o, milorde, de que é também muito careira.

— Já lhe disse, Dominica, que vai ter o enxoval mais bonito que uma jovem pode desejar. Vou, portanto, apresentá-la a *madame* Fernando, dizer que as contas me devem ser enviadas e depois vou deixá-la sozinha para que escolha o que desejar.

Dominica ficou de respiração suspensa.

Lorde Hawkston tinha certeza de que estava imaginando, excitada, o que iria comprar. Que moça, vestida pobremente como estava vestida, com uma roupa de tecido barato e provavelmente feita por ela mesma, resistiria à tentação de vestidos iguais aos usados pelas senhoras mais elegantes de Colombo?

Chegaram à loja de *madame* Fernando, que nada mais exibia na vitrina, além de um chapéu elegante, enfeitado de plumas de avestruz.

Era, evidentemente, mais decorativo do que apropriado para o uso de uma dama elegante, mas Dominica olhou-o com um olhar avaliador que fez com que lorde Hawkston imaginasse se seria sensato confiar no gosto dela.

Quando o lacaio pulou da boléia para abrir a porta, a moça falou, impulsivamente:

— Por favor, milorde, não quer escolher para mim? Garanto que vou cometer erros e o senhor terá vergonha de mim.

Lorde Hawkston ficou admirado. Tinha planejado o que faria, depois que a deixasse na loja. Nunca lhe ocorrera a idéia de ficar sentado na sala de uma costureira, escolhendo vestidos para uma jovem, nem que fosse fazer outra coisa em relação ao enxoval, a não ser assinar os cheques.

Com um leve sorriso, tomou uma decisão.

— Por que não? — disse, mais para si mesmo do que para Dominica.

— Afinal de contas, sempre achei que, se uma pessoa quer uma coisa bem feita, ela mesma deve fazê-la. Mas não se culpe, se tivermos idéias divergentes sobre o que deve usar.

Notou a expressão agradecida do olhar dela e compreendeu que Dominica estava não apenas preocupada com possíveis erros, mas também intimidada por ficar sozinha numa loja tão elegante.

Madame Fernando parecia uma criatura dominadora, e lorde Hawkston logo percebeu que, se Dominica estivesse sozinha, pouca opinião poderia ter dado na escolha de seu enxoval.

Francesa de nascimento, *madame* tinha vindo para Colombo pouco depois de casar com um plantador português. Mas logo se cansou da vida da fazenda e começou a fazer roupas de baixo, bordadas com arte, para as senhoras da cidade. Teve a sorte de agradar à mulher do governador e, dali por diante, seu sucesso foi garantido.

A princípio, trabalhava noite e dia para entregar suas encomendas; depois, arranjou ajudantes cingaleses, a quem ensinou a bordar. Em dez anos, estava estabelecida como costureira, com uma loja, várias ajudantes e uma conta bancária que aumentava a cada ano.

Para o marido, foi uma sorte ela ter dinheiro, quando a ferrugem do café destruiu sua plantação da noite para o dia. Desiludido, ele quis voltar para a Europa, mas a esposa se recusou a acompanhá-lo. Sentia-se feliz no Ceilão e tinha vários admiradores que não pretendia abandonar.

Finalmente, o sr. Fernando partiu sozinho.

Não pensaram em divórcio, porque ambos eram católicos, e *madame* achava que ele encontraria em Portugal muitas mulheres encantadoras para consolá-lo.

Examinou a aparência de lorde Hawkston, tendo sido informada por uma de suas recepcionistas de que ele tinha vindo numa das carruagens do governador.

— Em que posso servi-lo, *monsieur*? — perguntou, com um sotaque que nunca chegou a perder.

— Sou lorde Hawkston e preciso de sua ajuda, *madame*. A mulher fez uma reverência.

— Estou às suas ordens, milorde.

— Esta moça, srta. Dominica Radford, vai casar com meu sobrinho, o sr. Gerald Warren. Precisa de um enxoval completo.

Os olhos de *madame* Fernando brilharam de excitação.

— Será um prazer vestir uma pessoa tão encantadora como *mademoiselle*!

Ao dizer isto, olhou para o vestido de Dominica, desviando depois o olhar, como se o tecido e o modelo lhe causassem horror.

— Há um problema — disse lorde Hawkston. *Madame* Fernando esperou, apreensiva.

— É que queremos partir no máximo até quinta-feira, para Kandy, o que significa que a srta. Dominica precisa ter vários vestidos prontos, até lá. O resto pode ser mandado depois.

Madame deu um suspiro de alívio. Tivera medo de que ele dissesse que não podia pagar logo todas as roupas que encomendasse. A pressa, entretanto, ia custar-lhe mais, porque as costureiras teriam que trabalhar à noite, para entregar a encomenda.

Mas isto não tinha importância.

— Tenho alguns vestidos prontos ou semiconfeccionados que, tenho certeza, ficarão muito bem em *mademoiselle*. Quer que ela os vista, para que o senhor os aprove?

— Estamos em suas mãos, *madame* — respondeu ele, com um ar que a modista achou muito atraente.

Ela disse isto a Dominica, no provador, depois de ter dado uma dúzia de ordens para que trouxessem o que era preciso.

— Seu futuro tio por afinidade, *mademoiselle*, tem uma aparência *três distinguée*. Ele é, como dizem na Inglaterra, um verdadeiro *gentleman*!

— É muito bondoso, mas não quero escolher sempre as roupas mais caras, *madame*.

— Não esquite a cabeça com essas coisas. O custo fica entre mim e *monsieur*. Mas, primeiro, para que seus vestidos possam ser apreciados devidamente, precisamos daquilo que chamo de “base”.

Ajudou a moça a se despir e soltou uma exclamação de horror, quando viu sua roupa de baixo, de algodão.

Pela primeira vez na vida, Dominica viu-se metida num espartilho que deu a seu corpo uma elegância que ela jamais pensara que teria.

— Você é magra. Isto é bom, mas a forma tem que ser perfeita. Cintura fina, busto delineado levemente e quadris bem modelados.

Enquanto isso, ia cuidando de Dominica até que, finalmente, quando a “base” estava pronta, a moça mal pôde acreditar que a seda desse uma sensação tão agradável e que as meias de seda modificassem tanto a aparência de suas pernas.

Finalmente lhe enfiaram um vestido pela cabeça e ela teve uma exclamação de espanto. De seda cor-de-rosa, parecia acentuar o brilho de seus cabelos e a pureza da pele.

— É muito rico! É rico demais! — protestou, impressionada com os babados e os apanhados, as anquinhas e a cauda pequena e elegante. — Nunca vou ter ocasião de usar um vestido tão elegante.

— Vamos primeiro mostrá-lo a milorde — sugeriu a costureira. — Há muitos outros, se ele não gostar deste.

Dominica foi para o salão, bastante constrangida.

Quando viu lorde Hawkston sentado numa poltrona de damasco, muito à vontade, achou que tinha sido ousada em pedir-lhe que ficasse. Mas, ao mesmo tempo, sabia que nunca poderia ter decidido nada, sozinha. *Madame* Fernando a aterrorizava, e tinha certeza de que lorde Hawkston jamais saberia que vestidos ela havia sido obrigada a comprar, a não ser que estivesse presente.

Esperou o veredicto, olhando-o atentamente.

— Encantador! Vai-lhe muito bem, Dominica. Você gosta?

— Nunca terei ocasião de usar este tipo de vestido.

— Eu lhe disse que meu sobrinho é muito sociável. Tenho certeza de que vai querer levá-la a Kandy. E verá que ele tem muitos amigos na vizinhança. — Virou-se para *madame*. Este vestido deve ser incluído no enxoval. Que mais a senhora tem para me mostrar?

Dominica experimentou mais seis vestidos, todos aprovados por lorde Hawkston. Finalmente, *madame* Fernando apresentou sua *pièce de resistance*: um vestido de noiva de renda branca, tão belo, tão fascinante, que, quando Dominica se olhou no espelho, mal pôde acreditar que era sua imagem refletida.

Havia também um véu e uma grinalda de flores de laranjeira.

— Temos que mudar seu penteado, *mademoiselle*. É severo demais para uma jovem da sua idade. Vou lhe mandar um cabeleireiro. Ele lhe mostrará qual o penteado da moda.

— Não... Não o mande, até eu estar pronta para recebê-lo. Não pôde deixar de pensar que seu pai ficaria horrorizado, se visse um cabeleireiro na casa paroquial. Ao mesmo tempo, sabia que *madame* Fernando tinha razão e que o penteado que usava não combinava com a elegância dos vestidos novos.

Para agradar à costureira, que se mostrava insistente, Dominica afrouxou os cabelos sobre as orelhas, prendendo-os na nuca, com um coque.

— Assim está melhor! Mas vai precisar de uns cachos na testa, *mademoiselle*, principalmente à noite. Enfeitam muito!

— Vou pensar nisso — disse Dominica, timidamente.

Sabia que lorde Hawkston concordaria com *madame*. Percebia que ele não estava comprando vestidos tão bonitos só para satisfazê-la. Queria que ficasse tão atraente como a jovem que havia abandonado seu sobrinho.

Com certeza, é muito bonita, pensou Dominica.

Desejou conhecer a moça, para ver em que modelos ela, Dominica, deveria se inspirar. Depois, achou que seria um erro ser apenas a cópia de uma mulher que não cumprira a palavra e que falhara, não somente a Gerald, como também a seu tio.

Além disso, talvez lorde Hawkston ficasse aborrecido, achando-a igualmente frívola e indigna de confiança.

Vou ser eu mesma, pensou. Sou filha de minha mãe, e ela sempre disse que cada pessoa tem a própria personalidade, caráter e padrões. Tentarei fazer o melhor possível, mas sem imitar ninguém.

Entrou no salão vestida de noiva, parecendo ter saído de um conto de fadas.

Lorde Hawkston fitou-a um longo momento e, depois, disse:

— Parece que foi feito para você!

— Tem a sua aprovação, milorde? — perguntou *madame* Fernando.

— Pode incluir este na coleção.

— Obrigada, milorde.

A modista virou-se para dar uma ordem, e Dominica aproximou-se do futuro tio.

— Tem certeza de que devemos comprar este vestido? Não acha que pode... dar azar... agirmos como se fosse certo seu sobrinho me aceitar como... esposa?

— Neste momento, não posso acreditar que um homem não a aceite prazerosamente. Olhe-se no espelho. Pode ver por si mesma como está atraente e encantadora.

Ela lhe deu um leve sorriso, mas seu olhar estava preocupado.

— Já basta por uma manhã — disse ele. — Ponha um dos vestidos novos, que vou levá-la para almoçar no Galleface Hotel.

Dominica ficou surpreendida. Quando disse a *madame* Fernando aonde ia, a modista escolheu para a ocasião um vestido simples, mas encantador, de musseline florida, enfeitado com fitas cor-de-rosa. Havia sapatos novos combinando com os vestidos, além de luvas e bolsas para a maior parte deles. Para o vestido que Dominica ia usar, trouxeram-lhe um chapeuzinho enfeitado com flores de seda cor-de-rosa e fitas de um tom mais suave para amarrar sob o queixo.

— Quer que joguemos fora as roupas que vestia? — perguntou *madame* Fernando.

A moça ficou horrorizada.

— Não, claro que não! Ainda podem durar muito e, tenho cinco irmãs mais moças.

— Vai ter, sem dúvida, roupas muito mais bonitas para dar a elas, futuramente — disse *madame*, com um sorriso.

— É também o que acho. Mas, por enquanto...

Calou-se. Não podia explicar que seu pai ficaria horrorizado com os trajes que estava usando agora. Imaginou como poderia trocar depressa de roupa, assim que chegasse em casa.

Inúmeras vezes, o vigário tinha acusado de pecadoras as mulheres que se vestiam de modo extravagante. Estava certo de que a frivolidade era um pecado e que os trajes bonitos corrompiam a quem os usava.

— Faça o favor de mandar empacotar as roupas com que vim vestida, para eu levá-las.

— Os vestidos que já estão prontos serão mandados para sua casa hoje à tarde, *mademoiselle*. As outras coisas serão enviadas, assim que ficarem prontas, até quinta de manhã. O resto será despachado para Kandy. Vou falar sobre isto a milorde.

Quando saiu do provador, Dominica viu que lorde Hawkston estava assinando um cheque. Sabia que era uma soma enorme e teve remorso por gastar tanto dinheiro em roupas, quando poderia servir para matar a fome de muita gente. Mas era impossível não ficar excitada com sua aparência e por possuir tantas coisas bonitas. Tantas, que tinha perdido a conta.

Lorde Hawkston entregou o cheque à modista e sorriu para Dominica. Esta fitou-o, e ele percebeu que os olhos da jovem tinham uma expressão súplice.

— Que houve?

— Eu queria lhe pedir uma coisa. O senhor pode recusar, mas preciso... pedir.

— Diga-me o que é.

Dominica e ele se afastaram um pouco, para que *madame* Fernando não os ouvisse.

— É que o senhor me deu tanta coisa, muito mais do que eu esperava, com o que jamais sonhei. Será que podíamos devolver um dos vestidos e comprar chapéus novos para minhas irmãs? Estamos usando preto desde que mamãe morreu e elas terão que continuar usando luto durante anos! Todas nós detestamos o preto!

A voz de Dominica se quebrou com um pequeno soluço e seus olhos pediam compreensão.

— Só um vestido, o senhor não precisa gastar mais. Lorde Hawkston sorriu e virou-se depois para a modista.

— *Madame*, tenho outra encomenda para lhe fazer.

— Mas, claro, milorde.

— Há mais cinco moças na família Radford, de várias idades. Gostaria que a senhora fizesse, para cada uma delas, um vestido domingueiro, simples, como o que Dominica está usando agora. Também vão precisar de chapéus combinando com os vestidos, todos de modelos diferentes, de acordo com a idade de cada uma. Acho que seria bom a senhora mandar alguém, hoje à noite, à casa paroquial, para tomar as medidas.

— Será um prazer, milorde.

Madame acompanhou os dois até a porta, com muitos agradecimentos.

Quando finalmente a carruagem partiu, Dominica virou-se para lorde Hawkston.

— Nunca pensei que alguém pudesse ser tão bom, tão maravilhoso! Obrigada, obrigada de todo o coração!

— Foi um prazer, Dominica. — E estava sendo sincero.

CAPÍTULO IV

Atravessando pântanos e arrozais, o trem seguia com grande velocidade, na opinião de Dominica.

Ela olhava para fora, sentindo, como sentira desde o momento em que conhecera lorde Hawkston, que estava vivendo num sonho, que nada tinha realidade nem substância.

Até o último momento, não acreditou que ia mesmo deixar para sempre a casa paroquial e se separar das irmãs.

Elas estavam excitadas demais com os vestidos e os chapéus que tinham ganhado de presente, para se preocupar com a idéia de que a irmã ia deixá-las.

Quando Dominica lhes contou o que havia encomendado na loja de *madame* Fernando, mal puderam acreditar.

— Será que papai vai deixar que usemos essas roupas? — perguntou Fé. — Que será que ele vai dizer, quando vir coisas tão ricas?

Imitando a voz do pai, Caridade respondeu:

— Ele vai dizer: “A vaidade da mulher e seu desejo de trajes luxuosos são uma abominação aos olhos do Senhor!”

— Garanto que vai nos obrigar a continuar usando aqueles vestidos horríveis e os chapéus detestáveis! — comentou Fé, com ar de desespero.

— Também pensei nisso, quando vinha para casa — disse Dominica. — Embora eu esteja errada, vou dizer o que podem fazer.

— O quê? — perguntaram as meninas, em coro.

— Quando as roupas novas chegarem, queimem as velhas!

— Queimar?!

— Sabem muito bem que papai nunca permitiria que comprassem um chapéu novo, se o velho ainda estivesse em condições de ser usado. E vocês não podem ir à igreja de cabeça descoberta!

Fé abraçou a irmã.

— Você é um gênio! É exatamente o que vamos fazer.

— Talvez isto seja tapear — disse Dominica, hesitante —, mas garanto que os vestidos serão lindos, tanto quanto os meus. E lorde Hawkston disse a *madame* Fernando que devem ser todos diferentes.

— É o homem mais maravilhoso do mundo! — exclamou Fé, exultante.

— Tenham cuidado para não lhe agradecer diante de papai — recomendou Dominica.

Elas se lembraram do aviso, achando difícil nada dizer, até o momento em que se viram a sós com ele. Aí, então, os agradecimentos foram efusivos.

— Como o senhor foi amável! É uma maravilha! Mal podemos acreditar que está nos dando um presente maravilhoso!

— Espero ansioso pelo momento de vê-las vestidas como deveriam estar — disse ele. Dominica julgou ver um brilho malicioso em seu olhar.

Prudência, que quase não havia falado, aproximou-se do visitante.

— Acho o senhor muito amável. Vou casar com o senhor, quando crescer!

Lorde Hawkston ficou ligeiramente sobressaltado. Depois, disse:

— Sinto-me honrado por receber o primeiro pedido de casamento que uma dama jamais me fez!

— Vai esperar por mim?

Ele fitou-a e achou que era uma réplica em miniatura de Dominica. Tinha os mesmos cabelos acinzentados, olhos cinzentos e nariz reto. Parecia frágil, e achou que era a mais fraca da família.

— O senhor me espera? — insistiu Prudência.

— Vou-lhe fazer uma promessa — disse lorde Hawkston, após um momento de reflexão. — Quando estiver com dezoito anos, darei um baile, onde poderá ficar conhecendo os rapazes mais bonitos, mais encantadores e os melhores partidos, entre todos os que conheço. Os olhos da menina se iluminaram.

— Preciso aprender a dançar!

— Precisa também ser forte e comer bem — disse Dominica. — Do contrário, não terá forças para dançar a noite toda. Não é verdade, milorde?

— É, sim — respondeu ele, em tom sério. — Dançar muito cansa, e seria uma pena se, assim como Cinderela, você tivesse que sair do baile à meia-noite!

— Vou comer — prometeu Prudência.

Ele foi muito inteligente, dando esse incentivo a uma criança, pensou agora Dominica, olhando pela janela do trem. Sempre tinha dificuldade em fazer com que a irmãzinha se alimentasse direito. A menina era inapetente e, além do mais, a comida da casa do pai era parca e pouco convidativa.

Os arrozais se alternavam com moitas que pareciam ilhotas cercadas pelo verde-esmeralda do arroz novo. Dominica viu os búfalos atrelados aos arados, afundados até os joelhos na terra encharcada.

De Rambukana em diante, o terreno subia muito e uma nova locomotiva foi acrescentada ao trem.

Num ponto chamado Rocha Sensação, a linha férrea atravessava a encosta íngreme e a vista era fantástica. Havia um precipício de uns duzentos metros abaixo deles e, lá embaixo, outra descida de trezentos metros, até os arrozais.

Os morros perto da estrada de ferro estavam cobertos de pés de chá crescendo no meio dos tocos dos pés de café mortos, mas a maior parte do tempo atravessavam florestas.

Lorde Hawkston estava sentado de frente para Dominica, mas, achando que ele não queria conversar por causa do barulho da máquina, ela ficou olhando a paisagem, imersa em seus pensamentos.

Sabia que seu vestido de viagem era muito elegante e que o casaco a seu lado, no banco, tinha um corte perfeito.

Quando as irmãs a viram usando o chapéu novo enfeitado de flores, tinham ficado mudas de espanto, até que Fé quebrou a tensão, perguntando:

— Quantos anos você vai ter que usar esse vestido, até eu poder herdá-lo?

— Vou mandá-lo para você, assim que eu ganhar outro — prometeu Dominica.

Havia tantas coisas para providenciar no último momento, tantas recomendações para fazer a Mallika, que Dominica pouco tempo teve para pensar em seus sentimentos ou para se preocupar com o que a esperava.

Somente na escuridão da noite é que pensava, com medo, que Gerald Warren a aguardava, imaginando se estaria apreensivo a respeito dela, como Dominica estava a respeito dele.

Pelo menos, achava que Gerald devia se parecer com tio e isso já era um consolo.

Mas ele não podia fazer uma idéia dela. Imaginou se estaria zangado e revoltado com a idéia de casar com uma estranha.

Sabia que lorde Hawkston tinha escrito para o sobrinho na segunda-feira e que, para ter certeza de que ele receberia a carta, a mandara por um portador.

Lorde Hawkston não disse a Dominica se tinha recomendado ao portador que esperasse pela resposta. Ela achava que não; que estava certo de que o sobrinho obedeceria sem discutir. Ao mesmo tempo, era impossível não ficar apreensiva quando o trem, após uma viagem de quatro horas, entrou em Kandy, onde haveria uma baldeação, antes do trajeto final.

Sempre tinha ouvido dizer que Kandy era muito bonita e o último reduto dos reis cingaleses, com seu templo sagrado dando para um lago artificial. Mas não esperava um espetáculo tão belo.

Tiveram que esperar duas horas até o trem de conexão entrar na Província Central. Desembarcariam, então, a sete quilômetros e meio da fazenda.

Sabendo que isso iria interessá-la, lorde Hawkston alugou uma carruagem que atravessou a cidade e seguiu pela beira do lago.

Em toda a parte havia jasmins, orquídeas, magnólias, além de plantas exóticas e perfumadas.

— O senhor sabia que Krishna, o deus hindu do amor, coloca flores *champee* na ponta de suas flechas? — perguntou Dominica.

— Isto as torna mais eficazes? — perguntou ele, com um sorriso.

— Os brâmanes acham que sim. — Depois, ousadamente, perguntou: — Já estive apaixonado, milorde?

— Não o suficiente para querer sacrificar minha liberdade.

— Isto quer dizer que a resposta é “não”. Tenho certeza de que, quando uma pessoa está realmente apaixonada, não há sacrifício que não faça, nada a que não esteja disposta a renunciar.

— Parece que andou lendo histórias muito românticas — observou ele, em tom de censura.

— Papai não permite que lá em casa entrem romances. Mas sei que o amor, o verdadeiro amor, é irresistível.

Enquanto falava, percebeu que estava sendo indiscreta, já que ele a convencera a casar com o sobrinho sem amor e nem mesmo afeição. Mas toda aquela beleza à sua volta fazia com que pensasse imediatamente no amor.

Como se quisesse mudar de assunto, lorde Hawkston contou a Dominica como os kandyanos tinham sido corajosos, sendo os últimos habitantes do Ceilão a se renderem aos conquistadores britânicos. Falou da mais espetacular representação, *Esala Perahera*, que se realizava em Kandy havia dois mil anos.

— Você vai gostar. Os elefantes ricamente ajaezados, os tocadores de tambor e os dançarinos, os chefes com seus trajes cheios de pedrarias, tudo isto faz com que seja o espetáculo mais impressionante que já vi.

— Às vezes, fico pensando como, ou por que, o Ceilão possuía o dente de Buda — observou Dominica, olhando as mulheres de saris coloridos subindo nos degraus do templo. Carregavam flores de *champee* para depositá-las no santuário.

— Diz a lenda que a famosa relíquia chegou aqui escondida nos cabelos de uma prisioneira que fugiu da Índia durante a guerra — explicou lorde Hawkston. Fez uma pausa e acrescentou, com um sorriso: — Com certeza, os cabelos dela eram bonitos e compridos como os seus, Dominica.

A jovem corou.

— Como sabe que meus cabelos são... assim?

— Adivinhei que você tem dificuldade em penteá-los.

Dominica pareceu preocupada.

— Talvez eu pudesse fazer um penteado mais moderno, se os cortasse um pouco.

— Não vai fazer nada disso — disse ele, com firmeza. — A mulher deve ter cabelos compridos. Fazem parte de sua feminilidade e os seus são a coroação de sua beleza.

Dominica corou de novo, mas, ao mesmo tempo, teve um estremecimento de prazer. Aquilo era um elogio!

Tinha tantas coisas para perguntar a ele, tanta coisa que queria aprender, que achou que o tempo passara depressa demais, quando chegou a hora de voltar para a estação e tomar o trem para prosseguir viagem.

Depois que o trem partiu, ele disse:

— Isto agora é muito diferente dos tempos em que comprei minha fazenda, quando tinha que ir para Kandy a cavalo. Havia apenas uma estradinha, por onde transportávamos o café, em carros de boi. — Sorriu e acrescentou: — Agora, mal posso imaginar os dias em que o governador North visitava a ilha com cento e sessenta palanquis, quatrocentos cules, dois

elefantes e não sei mais o quê!

— Deve ter sido muito difícil acomodar tanta gente — observou Dominica.

Procurou falar com naturalidade, mas, à medida que o trem avançava, ficava mais nervosa e amedrontada. Sabia perfeitamente que lorde Hawkston esperava que se mostrasse calma e sensata. Por esta razão a havia escolhido para esposa do sobrinho. Se ela se mostrasse histérica, ele a desprezaria.

Assim sendo, procuro me controlar, percebendo que ele procurava deixá-la à vontade e fazer com que tudo parecesse natural.

— Em minha carta a Gerald, disse que não viesse nos esperar em Kandy. Achei que seria difícil para vocês conversarem pela primeira vez num trem barulhento. Conhecerá meu sobrinho na casa que eu mesmo construí e da qual me orgulho.

— Deu muito trabalho?

— Foi um trabalho que me causou grande prazer. A princípio, a casa era muito menor do que agora, e seus planos foram prejudicados, quando houve a crise do café. Depois, quando o chá começou a dar lucro, recomecei a construção. A casa e o jardim só ficaram prontos um ano antes de eu partir para a Inglaterra.

Qualquer coisa na voz dele fez com que Dominica soubesse que era esse um dos motivos que tinham feito com que detestasse sair do Ceilão.

— Talvez, como mulher, você veja que muitas coisas me escaparam, — disse ele, com um sorriso. — Mas, para mim, minha casa é perfeita. Quanto à localização, não há mais nada no Ceilão que se compare!

— Tenho certeza de que vou admirá-la muito.

Ao dizer isto, desejou também poder admirar o atual ocupante da casa.

E se Gerald estivesse desolado por perder a noiva e não suportasse a idéia de outra mulher tomar seu lugar?

Preciso ser muito boa e compreensiva, pensou ela.

Estava habituada a ser suave e compassiva. Depois da morte da esposa, o vigário muitas vezes fazia questão de que Dominica o acompanhasse, quando ia visitar as famílias dos nativos, que ele considerava responsabilidade sua.

Como se lesse os pensamentos dela, lorde Hawkston disse, inesperadamente:

— O que fazia, quando acompanhava seu pai nas visitas às famílias dos nativos?

— Papai estava sempre procurando converter os cingaleses ao cristianismo. Mamãe costumava dizer que ele devia ter sido missionário. Há várias famílias que foram batizadas por ele, e meu pai nunca deixa que se esqueçam de suas promessas. — Sorriu e continuou: — As vezes, quase os obriga a se tornarem cristãos, quer queiram, quer não. A verdade é que é muito severo, caso não vão à igreja no domingo sem uma razão válida.

Lorde Hawkston tinha certeza de que os cingaleses, que eram despreocupados e de bom gênio, se deixavam levar facilmente pelo vigário.

— Você não me contou o que fazia.

— Eu tomava conta das crianças enquanto papai repreendia os pais, ou procurava confortar os velhos e os doentes. Acho que muitos ficavam contentes só de me ver, para terem com quem conversar.

— Acredito — disse ele.

Dominica olhou pela janela do trem. Caminhando ao longo da estrada que beirava a linha férrea, viu um sacerdote budista com trajes cor de açafrão que indicavam quem era.

— Nunca compreendi por que um budista havia de querer se converter ao cristianismo. O budismo é uma religião tão feliz — disse, como falando consigo mesma.

— Você leu sobre isso?

— Li. E conversei com muitos budistas. Não que papai aprovasse, mas eu me interessava muito pela crença deles. Para dizer a verdade, muitas vezes desejei ser budista.

— Talvez você tenha sido, em outra encarnação. Dominica sorriu.

— O senhor, assim como eles, acredita na reencarnação?

— Digamos que a considero uma possibilidade.

Os olhos de Dominica tiveram um brilho de interesse.

— Parece a única explicação justa... a explicação certa para todas as misérias do mundo — disse ela. — Os padres são tão dedicados, mas, ao mesmo tempo, calmos e discretos. Nunca procuram impor suas convicções.

Lorde Hawkston achou que os estava comparando com o pai. Nos últimos dias, começou a compreender que Dominica era muito inteligente e bem mais ponderada do que se esperaria de uma moça da sua idade. De certo modo, achava que isto era devido à sua educação incomum e que, apesar do

pouco conhecimento da vida social, ela possuía uma mente que não podia ficar restrita e que atingiria grandes alturas.

— Vou contar uma coisa que vai lhe causar prazer — disse ele, de repente.

— O que é?

— Escrevi para a livraria de Kandy, para mandarem para a fazenda os últimos livros publicados.

Pelo brilho do olhar dela, viu o quanto ficou satisfeita.

— Quando Gerald estiver no campo, você vai ter muito tempo para ler. Mas preciso lhe dizer uma coisa.

— Sim? — perguntou, nervosa.

— Não deve fazer trabalhos domésticos.

— Por que não?

— Porque terá muitos empregados e, se fizer o trabalho deles, pode parecer um insulto e um sinal de que não os acha competentes.

— E se fizerem coisas mal feitas?

— Então, pode explicar como devem ser feitas. Mas nada de esfregar o chão, lavar roupa ou tirar o pó!

— E quanto a cozinhar?

— Meu cozinheiro é muito eficiente. Se por acaso ele tiver saído, o que acho altamente improvável, então, naturalmente, pode ensinar ao que o substituir. Mas você não deve, de modo algum, cozinhar.

Ela suspirou.

— Vejo que o senhor está me transformando em uma grande dama. Não é de admirar que tenha encomendado tantos livros para eu ler. O que posso fazer?

— Pode, por exemplo, andar a cavalo. Tenho a impressão de que ficará bem, a cavalo.

— Costumávamos andar num pônei, quando éramos crianças. Mas, depois que ele morreu, não pudemos comprar outro.

— Vou ensiná-la a andar a cavalo. — Depois, como se de repente a idéia lhe ocorresse, acrescentou: — A não ser que Gerald queira fazer isto.

Mais ou menos às três e meia da tarde, o trem entrou na estação onde deviam desembarcar.

Antes de chegar a Kandy, tinham comido um lanche delicioso, de uma cesta que lorde Hawkston havia trazido da casa do governador. Pratos

deliciosos, que Dominica nunca tinha provado, e também um vinho maravilhoso.

Agora, ao descer na estação, ela sentiu um pouco de enjôo e ficou imaginando se seria por ter comido muito ou se era por medo.

Uma carruagem os esperava. Lorde Hawkston dava ordens ao carregador, quando um homem se aproximou dele.

— Ranjan! Que amabilidade vir nos esperar! Apertou a mão do homem e virou-se para Dominica.

— Este é Ranjan, meu capataz, que ficou encarregado da plantação, quando fui para a Inglaterra. É um prazer revê-lo.

— O mesmo digo eu. Esperamos que tenha vindo para ficar.

— Está tudo em ordem?

— Não, *durai*. Muita encrenca.

— Ouvi dizer que houve alguns problemas, mas prometo-lhe que vou endireitar tudo.

— O que aconteceu não pode ser endireitado — disse Ranjan, em voz baixa.

Dominica afastou-se, por delicadeza, mas ainda podia ouvir o que os dois homens diziam.

— Que aconteceu? — perguntou lorde Hawkston, secamente.

— Seetha, a moça que *sinna durai* mandou embora, morreu. Encontramos o corpo no rio, hoje de manhã.

Dominica percebeu que lorde Hawkston se contraía. Ele ficou imóvel, olhando para o capataz de sarongue colorido.

— Então, ela se matou?

— Sim, *durai*. O pai dela, Lakshman, jurou vingança!

— Você precisa encontrá-lo, Ranjan. Vá procurá-lo imediatamente. Diga-lhe que lhe darei ampla compensação pelo que sofreu.

— Vou tentar, *durai*. Mas ele está louco. É tarde demais para se resolver o assunto com dinheiro.

— Precisa tentar, Ranjan. Diga que acabei de chegar. Diga que estou muito perturbado com o que aconteceu e peça-lhe que venha me ver imediatamente.

— Vou fazer isto, *durai* — prometeu o homem. Mas Dominica achou que ele não estava muito confiante.

— Mais tarde nos veremos — disse lorde Hawkston. Em outro tom de

voz, dirigiu-se a Dominica:

– Venha. Você não deve ficar ao sol sem sua sombrinha.

– Não, claro que não. Obediente, ela abriu a sombrinha.

Parte da bagagem foi empilhada na carruagem que os levaria para a fazenda. O resto iria com Ranjan, num carreta esquisita, feita de palha, e que Dominica calculou que servia para transportar verduras ou bambu, na fazenda.

A carruagem partiu velozmente, mas logo o terreno começou a subir e os cavalos diminuíram o passo.

Lorde Hawkston estava em silêncio e, dali a alguns momentos, Dominica perguntou, nervosa:

– Quem é... Seetha?

– Você ouviu o que o capataz me disse?

– Não pude deixar de ouvir.

– Ele devia ter sido mais discreto.

– O senhor disse que a moça... se matou. Por quê?

Sabia que a pergunta não seria bem recebida, mas o instinto lhe dizia que o assunto era importante para ela. Após uma pausa, lorde Hawkston respondeu:

– Você mora no Ceilão há muito tempo, Dominica, e deve ter percebido que, em geral, um fazendeiro leva uma vida solitária, isolada, nos morros. Fica lá sozinho, com seus cules. Por isso, eu estava aflito para encontrar uma esposa adequada para meu sobrinho.

– Seetha é cingalesa – disse Dominica.

– Pelo nome, é óbvio – respondeu ele, bruscamente. – Ela devia estar fora de si, para se atirar na correnteza. É uma queda de centenas de metros. Se caiu nas rochas, deve ter ficado inconsciente e se afogado.

– Por que ela se matou?

Lorde Hawkston não respondeu. Dali a pouco, ela perguntou, baixinho:

– Foi porque o sr. Warren... a mandou embora? Foi a ele que o capataz se referiu, quando disse *sinna durai*, não foi?

Lorde Hawkston pensou em mentir, mas achou que seria um insulto à inteligência de Dominica. Uma pena, Ranjan ter contado a morte de Seetha na frente dela, mas não podia saber que o patrão estava trazendo uma noiva para o *sinna durai*. Ranjan estava tão aborrecido e tão perturbado, que nem

pensara em ser discreto na frente de uma pessoa estranha.

Escolhendo cuidadosamente as palavras, lorde Hawkston disse:

— Sempre há mulheres dispostas a fazer companhia a fazendeiros jovens e solitários.

Notou que Dominica se contraiu. Teve a impressão de que ela esperava por aquilo, mas que, dito assim, lhe causara um choque.

— Quer dizer que o sr. Warren e Seetha... se amavam? — perguntou, hesitante.

— Não quero dizer nada disso. Não é uma questão de amor, Dominica. É que o homem tem necessidade física da mulher e, quando uma mulher está disposta a satisfazê-lo, isto pode se tornar um arranjo amigável, comercial, por assim dizer.

Dominica ficou em silêncio durante alguns minutos. Finalmente, disse:

— Creio que é uma das tentações contra as quais papai pregava com tanto ardor. Em Colombo, ele tentou fechar as casas onde os plantadores encontravam as cingalesas, porque achava que essas associações eram... pecaminosas.

— Seu pai tem um ponto de vista drástico a respeito, o que é compreensível. Mas, afinal de contas, até sua mãe morrer, ele era um homem casado; portanto, não estava exposto à solidão, nem às tentações que, digolhe francamente, são reconhecidas nesta parte do mundo.

— A moça que se matou... Por que seu sobrinho a mandou embora?

— Quero que saiba que isso nada tem a ver com sua vinda para cá, nem com a carta que, mandei a meu sobrinho, participando nossa chegada. Para dizer a verdade, aconteceu antes mesmo de eu chegar a Colombo.

Achou que talvez suas explicações melhorassem as coisas. Mas viu que Dominica estava muito pálida e que havia em seu olhar uma expressão que ele não compreendia.

Era natural que ficasse chocada, mas esperava que, se compreendesse que a situação nada tinha a ver com ela, pessoalmente, não ficasse perturbada demais.

— Quero que me prometa uma coisa, Dominica.

— O quê? — perguntou, baixinho.

— Você e eu ficamos amigos nos últimos dias e gosto de pensar que confia em meu critério. Quer confiar em mim um pouco mais, quando eu lhe pedir que esqueça o que ouviu e afaste o incidente de seu pensamento? Deixe

que eu resolva as coisas da melhor maneira possível.

— Sim... senhor.

— Precisa lembrar que só ouvimos um lado da história. Quando cheguei a Colombo, ouvi dizer que tinha havido uma complicação com essa mulher, mas ainda não ouvi o que Gerald tem a dizer. Sei que você concorda em que devemos ser justos e ouvir a explicação dele, antes de o censurarmos pelo que pode ter sido apenas um infeliz acidente.

Dominica não tinha o que responder. Lorde Hawkston continuou:

— Como bem pode imaginar, os cules de uma fazenda, que não têm muito em que pensar, exageram as coisas dramaticamente. Fazem um drama de tudo! Acredito que, quando chegarmos ao fundo da questão, veremos que é muito diferente do que parece. Ao dizer isto, desejou sentir o otimismo que procurava demonstrar. James Taylor lhe havia dito que Gerald tinha feito uma confusão na fazenda, mas isto agora era muito pior.

Rapaz idiota!, disse, intimamente.

Sabia muito bem que a notícia logo correria por todas as plantações.

Pior ainda, ia deixar os trabalhadores inquietos e prejudicar a fazenda. Isto nunca poderia perdoar.

Tinha fama de ser um patrão exigente, mas absolutamente justo. Além do mais, pagava generosamente seus empregados. Apesar de exigir muito dos cules, estes o respeitavam e sempre tinham sido leais. Não se lembrava de jamais ter visto um homem ir embora por achar que encontraria emprego melhor. Ou que se queixasse do tratamento recebido.

Que teria feito Gerald durante os últimos dois anos? E como pudera destruir a confiança e a boa vontade de um homem como Ranjan?

A única coisa boa, pensou lorde Hawkston, era que nem Seetha nem o pai eram empregados da fazenda. Isto teria sido o pior dos erros. Lorde Hawkston ficou grato por Gerald não ter feito a asneira de se envolver com uma de suas empregadas.

Se Lakshman, o pai de Seetha, não viesse procurá-lo, ele iria aonde o nativo estivesse. Tinha a impressão de que vivia em uma aldeia nos morros, não muito longe da fazenda.

É uma questão de dinheiro, disse a si mesmo, esperando não estar enganado.

Os cingaleses eram tranqüilos, suaves, mas lorde Hawkston tinha medo de que o pai da moça, devido à tristeza e à cólera, tivesse enlouquecido.

Isso já havia acontecido, e as conseqüências tinham sido muito desagradáveis.

Nesse meio tempo, tinha dois problemas: encontrar Lakshman e acalmar Dominica.

Lorde Hawkston não era um homem insensível. Compreendia que, para qualquer moça e principalmente para uma com o caráter e personalidade de Dominica, seria um choque saber que o homem com quem ia casar, não só tinha tido uma amante, como a levava ao suicídio.

Tarde demais, percebeu que, assim que Ranjan começara a falar de problemas, ele devia ter visto que se tratava de Gerald e chamado o capataz para um lado, longe da moça. Mas a verdade é que pensara que o homem se referia a algo relativo à colheita. Era a coisa mais presente em seu espírito, por causa do desastre do café!

Ainda agora, às vezes acordava de noite, transpirando, horrorizado, lembrando-se de como estendera a mão para pegar as folhas, esfregando as partes afetadas, tentando se convencer de que não era o fungo que tanto temia, mas sabendo, o tempo todo, que não havia esperança.

Foi com um tremendo esforço que conseguiu falar despreocupadamente e, assim esperava ele, normalmente.

— Depois da próxima curva, você já vai poder ver minha casa. A carruagem tinha subido o tempo todo. O ar, embora ainda quente. Tinha um frescor que Dominica não sabia que existia em Kandy. Quando iam fazer a curva, lorde Hawkston disse:

— Feche os olhos!

Dominica obedeceu; depois, ouviu-o dizer ao cocheiro que parasse.

— Agora, olhe!

Lá embaixo havia um vale profundo cercado por morros e, atrás deles, uma cordilheira de picos verdejantes. Bem à frente da carruagem via-se uma cascata que caía no lago.

Ofuscada pelo sol, Dominica viu a casa grande, branca, baixa, com terraços largos nos dois andares. Os jardins eram um mosaico de cores flamejantes: amarelo, dourado, branco-rosado, vermelho e até mesmo azul, que ela sabia serem flores do *nelu*.

Subindo do vale, até os jardins, viam-se os pés de chá, de um tom verde-escuro.

Dominica ficou de respiração suspensa.

- Agora sei por que Adão e Eva vieram para o Ceilão!
- Acha que aqui é um outro Éden?
- O primeiro não poderia ter sido mais belo!

Notou que ele ficou satisfeito; não com essas palavras, mas com a sinceridade com que foram ditas.

– Foi o que pensei, quando vi o vale pela primeira vez – confessou lord Hawkston.

A vista era tão linda e tão inesperada, que Dominica continuou olhando-a, enfeitiçada.

- Gosta da casa que construí?
- É linda! Linda!
- Acha, mesmo?
- Parece que faz parte de um conto de fadas. E garanto que o lago é encantado.

- Você precisa aprender a nadar.
- Foi o que sempre desejei, mas papai não nos deixava tomar banho de mar. Dizia que é indecente.

– Aqui ninguém a verá. Principalmente se você entrar na água quando todo mundo estiver trabalhando.

– É o que farei.

Viu a moça olhar para a correnteza e soube que pensava em Seetha, que se suicidara ali. Apertou os lábios. Dissesse o que dissesse para acalmar Dominica, a tragédia da nativa sombreara sua chegada à fazenda.

Fez um sinal ao cocheiro, e a carruagem seguiu pela estrada ao longo do morro, em direção à casa.

Ele mesmo construíra a estrada e orgulhava-se dela.

À medida que se aproximavam, notou que Dominica se comprimia contra o encosto do banco, como se sentisse uma súbita fraqueza.

Ele sorriu.

– Não fique nervosa. Há muitas coisas interessantes que quero lhe mostrar e que tenho certeza de que vai gostar.

Dominica virou-se para ele, com um olhar ansioso.

- Está tudo bem – disse lord Hawkston. – Apenas, confie em mim.
- Vou... tentar – murmurou a jovem.

Só depois que Dominica foi dormir é que lord Hawkston pôde conversar com o sobrinho.

Gerald Warren recebera-os no *hall*. Adiantara-se com um sorriso que o tio achara forçado, e lorde Hawkston levava seu segundo choque, naquele dia. Em dois anos, Gerald tinha mudado, a ponto de estar irreconhecível.

Havia engordado pelo menos uns vinte quilos, o rosto estava vermelho e balofo, e, mesmo antes de sentir seu hálito, lorde Hawkston soube qual a causa dessa transformação.

Quando o vira pela última vez, Gerald era um rapaz esbelto, elegante, com um charme que fazia com que as mulheres se apaixonassem por ele facilmente, como tinha acontecido com Emily Ludgrove.

A vida no Ceilão destruíra sua elegância, transformando-o a ponto de o tio mal acreditar que fosse o mesmo homem.

Obviamente, estivera bebendo, antes da chegada dos dois, embora lorde Hawkston notasse que estava vestido formalmente, o mais apresentável possível.

Via-se claramente que se sentia nervoso por encontrar tanto o tio quanto Dominica. Mas, à medida que a noite foi passando e ele consumiu uma grande quantidade de uísque, ficou mais relaxado. Dava umas risadas roucas, entremeadas de longas queixas sobre as dificuldades da cultura do chá e o tédio por estar tão longe da civilização.

Lorde Hawkston achou que Gerald ia procurar se esforçar, mas se aquilo era o melhor que podia fazer, francamente, não era grande coisa.

Esperava, entretanto, que, como não o tinha conhecido antes, Dominica não ficasse surpresa com sua aparência. E que, sendo Gerald jovem, ela o achasse, pelo menos, uma companhia agradável.

Quanto a ele, ficava cada vez mais furioso por ver como aquele rapaz fracassara num cargo de confiança, não apreciando, a oportunidade que lhe davam.

A culpa foi minha, pensou lorde Hawkston. Nunca devia tê-lo mandado para cá.

Durante o jantar, conseguiu manter a conversa pelo menos passavelmente interessante, esperando que Dominica não percebesse a quantidade de uísque que Gerald consumia. Achou que ela estava cansada, e isso foi confirmado, quando a moça se levantou, assim que acabaram de tomar café na sala de portas-janelas altas e largas que davam para o vale.

- Se me der licença, milorde. vou me deitar. Foi um dia longo.
- Foi mesmo. Boa noite, Dominica, espero que durma bem.

— Tenho certeza que sim. Boa noite, milorde. Boa noite, sr. Warren.

Fez uma reverência para os dois homens e saiu da sala.

Ao chegar, lorde Hawkston ficou aborrecido por ver que Gerald havia fechado a parte de cima, onde o dono sempre tinha dormido, sendo agora, os quartos no andar térreo.

— Por que você fez isso? — perguntou.

— Não posso me dar ao luxo de ter muitos criados. Não havia razão para eles ficarem sentados, sem ter o que fazer. Como Dominica estava presente, lorde Hawkston conteve a resposta que queria dar. Tinha certeza de que, com o ordenado que pagava Gerald, este podia ter os criados que quisesse. Pelo que James Taylor lhe havia dito, calculou que todo o dinheiro do rapaz era gasto em farras e uísque. Mas teve o cuidado de não mostrar sua raiva, esperou Dominica se retirar e ficar a sós com o sobrinho. Aí, então, falou em voz calma, controlada, mas que feria como chicotadas.

— Ouvi falar da morte de Seetha. Como pôde ser tão tolo, tão idiota, a ponto de despedir a moça sem lhe pagar o que é de costume? Qualquer um, aqui, poderia lhe dizer a quanto a moça tinha direito.

— Eu sabia muito bem quanto ela esperava — respondeu Gerald, emburrado. — Mas não tinha esse dinheiro. Compreende? Não tinha o dinheiro!

— Você podia ao menos prometer pagar depois que eu chegasse. Ou fazer um empréstimo no banco.

— Já fiz um.

— De quanto?

— De mil dólares. E eles não quiseram fazer outro.

— Gastou mil dólares, além do que lhe mandei? — perguntou lorde Hawkston, atônito.

— Há outras dívidas — disse Gerald, em tom de desafio. O tio caminhou pela sala, procurando se controlar.

— Vejo agora que é tolo demais ou preguiçoso demais para dar conta deste serviço. Mas acreditei em você e julguei que tivesse as qualidades necessárias para continuar meu trabalho aqui. Enganei-me.

— Gostaria de voltar para a Inglaterra.

— E, quando chegar lá, o que pretende fazer? Viver às custas de sua mãe? Ela tem muito pouco dinheiro, como bem sabe, e você já esbanjou grande parte dele.

— Pelo menos, estarei no meio de gente civilizada.

— Escute aqui, Gerald, não vou permitir que se comporte como uma criança mimada e corra para sua mãe, só porque estragou tudo aqui. — Em tom mais áspero, continuou: — Foi pena Emily ter mudado de idéia sobre o casamento, mas acho que, se você tivesse ido esperá-la em Colombo, ela ficaria tão chocada com sua aparência, que desmancharia o noivado imediatamente.

— Nunca pensei realmente que Emily casasse comigo. Não, se soubesse que teria que morar neste fim do mundo.

— Pois bem, é aqui que vai morar. Eu lhe trouxe uma esposa que vai tomar conta de você e, assim o espero, o manterá na linha. Vou fazer com que a fazenda volte a funcionar e, depois, quando eu voltar para a Inglaterra, você assumirá o cargo, até eu encontrar alguém para substituí-lo. Estou sendo claro?

— Qual a alternativa?

— A alternativa é você trabalhar a bordo para ganhar sua passagem! Nunca mais verá um níquel do meu dinheiro, e, quando eu voltar para a Inglaterra, tomarei providências para que não veja também o dinheiro de sua mãe!

Houve um momento de silêncio. Depois, Gerald jogou a cabeça para trás e riu. Foi uma risada feia, sarcástica.

— Organizou tudo direitinho, não é, tio Chilton? Estou amarrado e nada posso fazer a respeito. Pois bem, vou casar com a mulher que escolheu para mim. É muito bonitinha e talvez consiga fazer com que este lugar não pareça um mausoléu. Suponho que nos dará o suficiente para vivermos.

— Vou pagar suas dívidas e lhe darei uma mesada que, no Ceilão, fará com que pareça relativamente rico. Contanto que pare de beber.

— Completamente?

— Você vai assinar um compromisso!

— Ora, tio Chilton... — começou Gerald, em tom conciliador.

— São essas as minhas condições. É pegar ou largar. Houve uma pausa.

— Muito bem, com mil diabos! Aceito. — Olhou para o tio com animosidade e pegou a garrafa de uísque. — Se vou assinar o compromisso amanhã, é melhor me divertir hoje à noite. Obrigado, tio Chilton, por sua generosidade. Suponho que espere que eu fique profunda e humildemente

grato. — Seu tom era sarcástico.

E sua saída teria sido mais digna, se não tivesse cambaleado, esbarrando na porta, ao deixar a sala.

CAPÍTULO V

Dominica ficou acordada, pensando no que tinha acontecido durante o dia.

Quando foi para a cama, estava cansada, mas não pôde dormir.

Evitou pensar em Gerald e, embora no fundo do coração soubesse que não podia casar com ele, não ousava dizer isto claramente a si mesma.

A dificuldade estava em explicar a situação a lorde Hawkston.

Tinha acreditado que o sobrinho seria parecido com o tio e inúmeras vezes pensara na descrição que lorde Hawkston fizera de Gerald: “alto e simpático”. Quando viu o homem gordo, de rosto vermelho, que os esperava no *hall*, não compreendeu logo que era o noivo a quem prometera a mão, mesmo sem conhecê-lo.

Era bastante esperta para perceber o quanto Gerald bebia. Disse a si mesma que as críticas que o pai fazia a qualquer tipo de bebida eram uma obsessão e que cavalheiros como lorde Hawkston tomavam vinho às refeições com a maior naturalidade. Mas Gerald cheirava a álcool. Quando viu seu copo sendo constantemente enchido de uísque pelos criados, Dominica soube que ele estava bebendo demais, e isso devia ser a causa de sua aparência.

Além disso, o horror da morte de Seetha a dominava, a ponto de ser difícil pensar em outra coisa. Dominica gostava das cingalesas por sua suavidade, doçura e pela confiança quase infantil que depositavam nas pessoas a quem serviam. Tinha amigas entre essas mulheres que freqüentavam a igreja do pai, sendo que muitas a procuravam com seus problemas. Podia compreender que Seetha tivesse ficado impressionada por Gerald devido à sua posição, à casa onde morava, que, para a nativa, devia ter parecido um sonho maravilhoso. Talvez a moça o tivesse amado, apesar do que lorde Hawkston dissera.

Conhecendo bem as criaturas, Dominica sabia que um camponês cingalês que morava nos lugares montanhosos era um homem com uma filosofia de vida que não trocava por uma prosperidade material. Quando a

fome o obrigava a trabalhar, ele o fazia bem, porque era habilidoso e inteligente. Mas preferia ser pobre e dono de sua vida a ser rico e sujeito a outras pessoas.

Dominica tinha conversado com as mulheres de outras províncias cujos maridos foram para Colombo e sabia que os cingaleses nunca tinham se conformado em ver seus belos morros entregues à necessidade de uma cultura estranha. Procuravam ficar afastados das plantações de café e de chá, e, a não ser quando estavam com fome, raramente trabalhavam no campo de um modo regular.

Por este motivo, desde o princípio, os fazendeiros perceberam que era essencial contar com o trabalho dos nativos da tribo tâmil, que vinham principalmente da costa Coramandel e do sul da Índia. Foram eles que limpavam o terreno, preparando-o para o plantio de café e depois, do chá.

O emprego deles tornou a vida dos plantadores mais difícil, porque tiveram que aprender uma nova língua para poder se comunicar com os trabalhadores, que não tinham tanta facilidade quanto os cingaleses para aprender inglês. Eram, em geral, pessoas felizes, descontraídas, corteses, e Dominica ficou imaginando por que agonia Seetha não teria passado, para atentar contra a própria vida. Estaria realmente— tão infeliz por ser repudiada por Gerald Warren? Por que não procurara o conforto de sua gente? E por que o pai, se realmente gostava tanto dela, não tentara evitar o suicídio?

Todas essas perguntas intrigavam Dominica, mas achava que nunca saberia as respostas, porque era um assunto que nem lorde Hawkston nem Gerald discutiriam com ela.

Inquieta, levantou-se da cama, sabendo que já era madrugada, porque uma luz fraca se filtrava pelas cortinas. Abriu-as e ficou olhando a vista que a tinha encantado na véspera.

Seu quarto ficava na extremidade da casa e tinha uma porta-janela larga que dava para o vale e outra para o jardim e o lago.

A névoa matutina ainda cobria o fundo do vale, mas já se via uma luz fraca atrás dos morros distantes. As estrelas começavam a se apagar.

Foi para a outra porta-janela e viu os primeiros raios de sol iluminarem a cascata que descia do morro para o lago. Podia ouvir o rugido da torrente caindo até o vale enevoadado.

Tudo era de grande beleza, acrescida pelo colorido das flores do

jardim, À medida que o dia clareava, distinguiu mais nitidamente as rosas, os gerânios, as campânulas, as magnólias e os oleandros. Havia também leves bambus, orquídeas e musgo, e inúmeras outras flores que reconheceu como inglesas, como as dedaleiras, as lobélias e várias espécies de rosas.

Percebeu que o jardim, que devia ter sido feito com grande cuidado por lorde Hawkston, estava abandonado, tornando-se desordenado. Vários tipos de mato e pragas já se haviam insinuado, e as ervas daninhas ganhavam terreno, sufocando algumas plantas.

Dominica refletiu que, se isso tivesse acontecido com ela, teria ficado muito triste, ao ver um jardim plantado com amor e carinho arruinado deste jeito por falta de cuidados.

Na noite anterior, percebera que lorde Hawkston estava muito zangado e que só as boas maneiras e o autodomínio o impediram de explodir. Já tinha sido ruim ela ficar constrangida na presença de Gerald, mas o que não devia o dono da casa ter sentido, ao ver tudo desorganizado, seus criados despedidos, seu jardim maltratado?

Ele demonstrou muita coragem, pensou a moça. E ficou imaginando se, depois de ela ir para a cama, ele teria falado com o sobrinho com a raiva que estava sentindo.

Ele ama esta casa e tudo o que há nela, disse a si mesma.

Então, como se seus pensamentos o atraíssem, ela o viu. Lorde Hawkston saiu dos fundos da casa e seguiu, a cavalo, ao longo da margem do lago. Usava uma camisa branca aberta no peito, com as mangas enroladas até os cotovelos. Estava de cabeça descoberta e em traje de montaria, parecia muito moço, esbelto e atlético muito diferente do sobrinho!

Dominica soube que também ele não tinha podido dormir e que saía a cavalo, sozinho, para examinar a plantação ou procurar Lakshman.

Ao pensar em Seetha e em sua tragédia, ela estremeceu.

Era difícil imaginar o que a nativa sentira antes de se atirar na correnteza para morrer, batendo nas pedras que deviam estar cobertas pelo nevoeiro, como estavam agora.

Achando tais pensamentos mórbidos, Dominica pegou o robe que *madame* Fernando incluía em seu enxoval, vestiu-o e amarrou a faixa na cintura. Era de musselina, enfeitado de rendas e de laços de fita azul-turquesa. Tão bonito e tão feminino, com laços e franzidos na barra, que o achou elegante demais para ser usado no quarto.

Depois, olhou em volta e percebeu que estava em perfeita harmonia com o ambiente.

Na véspera, intimidada pela presença de Gerald, ela não pudera examinar bem a casa, mas notou que tudo era de muito bom gosto, o que não se esperaria de um homem, em matéria de decoração. Lembrou agora, confusamente, peças de mobília feitas de ébano, uma das madeiras mais apreciadas pelos marceneiros cingaleses, além de outras madeiras das árvores encontradas na ilha.

No quarto de Dominica havia uma arca de calamanda, mais forte e melhor do que a paurosa, e outra de *nedun*, muito apreciado pelos artesãos locais.

O quarto era bonito. Quando chegou, ela soube que todos tinham nomes de flores.

— Onde é que Dominica vai dormir? — perguntou lorde Hawkston, ao sobrinho.

— Eu disse aos criados que lhe desse o quarto dos lótus brancos. E o senhor está no quarto pegado, o quarto dos lótus vermelhos.

Falou com expressão de desprezo, como se achasse os nomes ridículos. Mas Dominica compreendia.

O lótus-gigante, vermelho ou branco, era uma flor magnífica, reverenciada pelo povo do Oriente. Um botânico tinha dito a Dominica que os hindus acreditavam que o lótus existia antes da Criação e que dele emanavam todas as perfeições. Mostrou-lhe o lótus-gigante, o vermelho era como uma rosa rubra repousando numa plataforma de folhas verdes.

— Vi muitos lagos nas planícies, onde nenhum homem jamais esteve — disse o botânico. — Estão cobertos de lótus vermelhos e brancos. São as flores de Buda, nas quais muitas de suas estátuas repousam.

Dominica tinha agora certeza de que lorde Hawkston sabia disso, quando desenhara o quarto onde ela dormia.

O tapete era de um verde profundo e a cabeceira da cama, entalhada com pétalas de lótus pintadas de branco, com leves toques de cor-de-rosa. As paredes brancas também tinham um suave tom rosado quando se encontravam com o teto. As cortinas tecidas à mão reproduziam lótus.

Tudo muito bonito, assim como o único quadro na parede, representando Buda cercado por botões de lótus apenas entreabertos. Era pintado com arte e, ao vê-lo, Dominica sentiu a mesma emoção que sentia ao

ouvir música.

Aproximou-se de novo da janela, olhando para o jardim e imaginando se veria lorde Hawkston novamente. Mas lá fora havia apenas o sol brilhando na cascata e tornando as flores ainda mais vividas.

Parece que a gente as vê desabrochando ao sol, pensou.

Continuou olhando para as flores e depois para o vale, onde o nevoeiro se dissipava, até que percebeu que o tempo estava passando e que precisava se vestir.

Havia um banheiro anexo ao quarto. Depois de se lavar, colocou um vestido bonito de musselina, um dos que *madame* Fernando tinha chamado de “vestidos simples”.

Não eram simples aos olhos de Dominica, mas eram bonitos. Querendo se apresentar bem, fez um penteado novo, os cabelos caindo dos lados do rosto e depois puxados para trás, terminando numa trança grossa que prendeu no alto da cabeça.

Era uma maneira fácil de dispor de tanto cabelo. Ao mesmo tempo, a fazia parecer mais alta e a enfeitava.

Tinha acabado de se vestir, quando bateram à porta. — Entre!

Entrou uma criada, trazendo uma bandeja onde havia um bulezinho de chá, uma xícara e uma leiteira.

— Bom dia, *nona* — disse a mulher, usando a palavra que Dominica sabia ser usada em lugar de senhora.

— Bom dia.

— Levantou-se cedo, *nona*. Trouxe-lhe chá, mas o desjejum está pronto no terraço.

— Então vou tomá-lo lá.

A empregada levou-a para o terraço largo da sala de jantar, onde estava posta uma mesa coberta com uma toalha de linho branco. Não havia sinal de Gerald ou do tio, e a jovem ficou imaginando se devia esperar por eles. Mas os criados tinham outras idéias. Serviram o chá e trouxeram uma papaia.

Dominica começou a comer, percebendo que era o que esperavam dela, mas comeu devagar, achando que talvez lorde Hawkston aparecesse.

Dali a pouco Gerald chegou, vindo do lado do lago. Tinha ido nadar e estava apenas de calção, nu até a cintura.

Dominica corou.

Nunca tinha visto um homem branco seminu e não pôde deixar de achar que era muito pouco atraente.

Os cabelos molhados caíam-lhe na testa e o corpo gordo, peludo, com uma barriga pronunciada, estava queimado de sol em vários lugares.

Ele segurava uma toalha branca, grande, e Dominica ficou imaginando porque não se cobria com ela.

— Bom dia — disse Gerald, em voz alta, aproximando-se. — Levantou-se cedo! Pensei que estivesse cansada.

Dominica ergueu-se nervosa.

— Estou habituada a levantar-me cedo.

— Sente e continue a comer. Vou vestir um roupão e volto logo para lhe fazer companhia.

Entrou em casa pela porta-janela e a moça sentou. Não pôde deixar de notar que os olhos dele estavam vermelhos e que o rosto parecia ainda mais inchado do que na véspera.

Tomou uns goles de chá, mas não sentia mais fome.

Gerald voltou, tendo vestido um roupão comprido de atoalhado, fechado no peito. Mas o pescoço aparecia e, embora ele tivesse penteado os cabelos, ainda tinha uma aparência desagradável.

Dominica achou que seu pai ficaria scandalizado por ela tomar o desjejum em companhia de um homem usando apenas um roupão, mas não podia negar que cobria o corpo dele. Além do mais, seria errado criticar uma pessoa que vivia naquele fim de mundo por mostrar-se natural e despreocupada.

— Café, *sinna durai*? — perguntou um dos criados, ao lado de Gerald.

O rapaz hesitou.

— Onde está o *juggernaut*?

Dominica fitou-o, admirada.

— É uma boa descrição de meu tio — explicou ele. — Mas, se você prefere, onde está o chefão?

— Vi-o sair a cavalo, há algum tempo — respondeu Dominica. Achou que era de muito mau gosto Gerald referir-se ao tio daquele modo, na frente dos criados.

— Neste caso, quero um uísque — disse ele ao criado. — E depressa!

Dominica encarou-o, surpresa. Nunca havia imaginado que alguém pudesse tomar uísque no café da manhã.

Percebendo o ar atônito da moça, Gerald disse:

— É melhor eu aproveitar, enquanto posso. Sabe o que meu tio me propôs ontem à noite?

— Não tenho a... mínima idéia — respondeu, baixinho.

— Disse que tenho que assinar um compromisso! Pois bem, digo-lhe que se eu fizer isto, será cruzando os dedos de modo que meu juramento, seja ele qual for, não terá valor!

— Quer dizer que... vai mentir para ele?

— Não comece você também! Já estou farto de sermões.

O uísque foi colocado à sua frente e ele bebeu a metade da dose, de uma só vez.

— Assim é melhor! — disse, com um suspiro. — Agora, você e eu podemos conversar.

Dominica fitou-o, apreensiva. Achou que não era o momento apropriado para conversarem, na frente de dois criados. Mas Gerald agia como se eles não estivessem presentes, recusando a papaia com um gesto desdenhoso e olhando com apetite para o prato de ovos com toucinho que foi colocado à sua frente.

— Se temos que viver neste buraco, é melhor que você e eu procuremos gozar um pouco a vida — disse, dali a um momento. — Se meu tio pão-duro nos der dinheiro suficiente, poderemos nos divertir em Kandy. Não é tão divertido como Colombo, é bom que saiba, mas no ano passado abriram lá um clube razoável e há algumas pessoas agradáveis.

— Você não vai ter que trabalhar... na fazenda? — perguntou Dominica, hesitante.

— Não, se puder evitar! — Deu uma risada rouca. — Claro que vou fingir que me interesso, até o chefão ir para a Inglaterra. Mas, depois de nosso casamento, não creio que ele demore muito aqui. Pelo menos, espero que não!

Dominica apertou as mãos no colo. Não era apenas o que Gerald dizia que a desolava, mas também sua maneira de falar. Havia qualquer coisa de áspero e de desprezível em seu tom, algo que indicava que odiava o tio, assim como odiava aquela bela casa e o vale encantado.

O que ele queria dizer com “gozar um pouco a vida”? Não tinha certeza, mas soube, instintivamente, que era tudo que ela detestava.

Achando que devia dizer alguma coisa, perguntou, baixinho:

— Há concertos em Kandy? Alguém se interessa por música?

— Creio que não. A não ser que você se refira à música dos bailes. Há um, todos os sábados à noite. Embora os rapazes se mostrem um tanto turbulentos, as moças se divertem a valer! Há muitas oportunidades para abraços e beijos no jardim do clube, ao luar. Você vai gostar.

Dominica prendeu a respiração. Não havia o que pudesse dizer, e teve a impressão de que sua mente estava vazia.

Gerald tomou outro gole, esvaziando o copo. Estalou os dedos, e um criado serviu outra dose.

Ele bebeu e olhou para Dominica.

— Acho que preciso lhe ensinar muitas coisas. Mas você vai aprender. As mulheres aprendem depressa. Tenho a impressão de que vamos nos divertir, você e eu!

Qualquer coisa na maneira de Gerald falar e em sua expressão fez com que Dominica sentisse como se uma cobra tivesse aparecido a seu lado. Era repulsa! Desejava fugir, mas não tinha coragem de se mover. Então, ouviu passos, e lorde Hawkston apareceu.

Aliviada, percebeu que Gerald acabou o uísque de um só gole, entregando o copo ao criado, que o levou embora, disfarçadamente.

Dominica achou degradante que enganassem o dono da casa daquela maneira.

Lorde Hawkston não demonstrou ter visto o ocorrido.

Dominica percebeu que tinha trocado a camisa, depois do passeio a cavalo, e que estava de gravata. Não usava paletó, mas nos punhos havia abotoaduras de ouro.

— Bom dia, Dominica — disse com uma voz grave, fazendo com que a sensação de pânico da jovem desaparecesse. — Bom dia, Gerald! Vejo que esteve nadando.

— Claro! É bom para a silhueta!

— Acho que um exercício melhor seria andar a cavalo. Os animais também estão precisando se exercitar.

Gerald não respondeu, ficando com ar emburrado. Um criado trouxe chá para o patrão. Enquanto o tomava, ele disse a Dominica:

— Sempre sinto um grande prazer, quando tomo meu próprio chá, sentado no meu terraço, olhando para o meu vale.

— Compreendo isso — ela comentou, sorrindo. — E o fato de tomar o chá da sua fazenda é o mais importante de tudo, não?

— É, sem dúvida, a pedra fundamental. Você dormiu bem? Dominica não queria dizer a verdade, mas o hábito de uma existência a impediu de mentir.

— Eu tinha muito em que... pensar — disse, com ar de desculpa. — E, naturalmente, achei excitante estar aqui. — Julgou que isto era inadequado e continuou: — O jardim é lindo! Nunca vi flores tão bonitas!

— *Era* lindo — corrigiu lorde Hawkston. Olhou para Gerald. — Posso perguntar o que aconteceu com os jardineiros que treinei com tanto cuidado?

— Eu não estava em condições de mantê-los! Além do mais, quem é que quer um jardim?

— *Eu* quero!

— Vejo que trouxe para cá muitas flores de outros países — disse Dominica, para aliviar o mal-estar. — Mas creio que, por ter vivido sempre no Ceilão, gosto mais de nossas flores.

— As orquídeas e as magnólias — disse lorde Hawkston, sorrindo.

— E, naturalmente, os lótus.

— Eles crescem, ou cresciam, num tanque que mandei fazer no outro lado da casa. Vou mostrar o tanque a você, mas será uma pena se os lótus não estiverem mais lá.

— É verdade. E o meu quarto é lindo!

— O quarto dos lótus brancos — disse o dono da casa, como que para si mesmo. — Tive sorte em encontrar bons entalhadores. Preciso lhe mostrar os quartos do andar de cima. O das palmeiras, onde copiaram as palmeiras arecas, é incomparável, na minha opinião.

— Gostaria de vê-lo.

— Acho que antes de mais nada, devemos visitar a fazenda — sugeriu lorde Hawkston, olhando para o sobrinho. — Quero que me mostre, Gerald, o trabalho que foi feito e as inovações que introduziu nos últimos dois anos.

— Acho que vai encontrar tudo como deixou.

— Espero que sim. Se você for se vestir, mandarei que tragam os cavalos. Dominica pode ir conosco. Ela já montou, em criança, e não vai achar o cavalo que montei hoje nada feroso.

A moça olhou-o, com ar ansioso.

— Não quero atrapalhar.

— Não vai atrapalhar. Vá vestir seu traje de montaria. *Madame* Fernando lhe entregou um e agora chegou o momento de usá-lo.

Dominica dirigiu-lhe um sorriso e foi para o quarto.

Quando ele falou sobre a visita à plantação, ela teve medo de ser deixada de lado, mas agora que tinha sido convidada, seu coração saltava de alegria, ao pensar que ia conhecer a fazenda que tanto significava para ele.

Levou poucos minutos para tirar o vestido de musselina e envergar a roupa de montaria de algodão cor-de-rosa, enfeitada com tranças brancas. Havia um chapéu de palha para combinar. Quando foi para o *hall* e encontrou o dono da casa, ficou contente por ele ter se aprontado antes de Gerald.

— Não vai ter medo? — perguntou lorde Hawkston. — Garanto-lhe que o cavalo que montará é muito manso.

— Creio que não me esqueci de andar a cavalo, embora tenha montado pela última vez há cinco anos.

— Acho que é uma coisa que a gente não esquece.

Saíram. Os animais já estavam à espera e lorde Hawkston ajudou a moça a montar.

Quando colocou a mão na cintura dela, Dominica teve uma sensação que não soube explicar.

Pegou as rédeas, e ele sorriu encorajador.

— Vejo que não esqueceu.

— Espero não envergonhá-lo.

— Você nunca poderia fazer isso.

Percebeu, talvez pela primeira vez, que os olhos dele eram de um azul profundo. Pareciam ainda mais azuis, porque estava queimado de sol.

— Tem certeza de que a espora está de comprimento exato? Dominica demorou a entender o que ele queria dizer.

— Sim, sim... Está bem.

Lorde Hawkston montou outro cavalo.

— Acho melhor irmos. Gerald nos alcança depois.

— Creio que sim.

Tomaram o caminho que serpenteava pela encosta, até o vale, lá embaixo.

Lorde Hawkston guiou o cavalo lentamente. Dominica começou a adquirir confiança, mas um cavalo grande era muito diferente do pônei que tinha montado em criança.

Lembrou quanto tinha desejado tomar parte na gincana que era um

dos divertimentos anuais das crianças de Colombo, mas o pai nunca o permitira, apesar dos pedidos da mãe.

— Vocês podem ir assistir, se não tiverem nada de melhor para fazer — disse ele, como uma concessão.

Mas não permitia que elas competissem, embora Dominica soubesse que havia muitas provas que ela e Fé tinham chance de ganhar.

Agora, ela ficou pensando se esses sacrifícios as haviam tornado pessoas melhores, ou até melhores cristãs.

Por que a religião tinha que ser sempre tão sombria, tão austera?

Por que a felicidade e o riso deviam ser condenados pelo Deus que seu pai adorava?

Depois, esqueceu estas coisas, porque lorde Hawkston lhe dava explicações sobre o chá.

— O chá pode ser colhido o ano inteiro, seis dias na semana, com exceção de dois ou três grandes festivais hindus.

Antes de ver os cules que trabalhavam no meio dos pés de café, Dominica ouviu suas vozes.

— Os nativos da tribo Tâmil são barulhentos e às vezes briguentos — disse ele. — Mas são bons trabalhadores.

Quando se aproximaram, Dominica viu que os cules carregavam nas costas grandes cestas de vime presas por uma corda que passava na testa. As mulheres usavam roupas coloridas, enroladas nos seios, à moda grega. Na cabeça, tinham uma espécie de turbante acolchoado, para protegê-las da corda que segurava a cesta.

As vestes coloridas, de vários tons de verde, vermelho e dourado, eram muito pitorescas.

Dominica ficou fascinada com a velocidade e a habilidade com que as mulheres colhiam as folhas, juntando-as em montinhos, nas mãos, e jogando-as na cesta, por cima do ombro, com gestos rápidos.

— A fiscalização do trabalho está a cargo dos homens — explicou lorde Hawkston. — São chamados *kanganies* ou feitores.

Dominica teve que se conter para não rir dos feitores. A insígnia do posto era geralmente um paletó do tipo europeu, um turbante e uma sombrinha (sendo esta um sinal de superioridade) presa na gola e caindo nas costas.

— Quatro vezes ao dia, as folhas são pesadas cuidadosamente e a

quota de cada trabalhador é anotada num livro chamado *kannacka-pillar* — disse lorde Hawkston. Olhou para os trabalhadores com orgulho. — Nunca há roubo. Quando há uma dúvida, a conta dos cules é aceita como certa, pois eles sabem exatamente quanto colheram.

Todo mundo parecia feliz, e via-se claramente que muitos dos cules estavam contentes por rever o patrão. Quando falavam com ele, demonstravam prazer, e Dominica percebeu que lhe devotavam grande amizade.

Muito diferente do que aconteceu, quando Gerald chegou.

Estava vermelho, gotas de suor escorrendo-lhe pelo rosto. Com uma atitude que Dominica achou que era um esforço para impressionar o tio, ele desmontou e se aproximou dos cules, pondo defeito em tudo e dirigindo-se a eles de um modo que fez com que ela agarrasse as rédeas com força, furiosa.

Ninguém respondeu. Todos continuaram trabalhando, mas Dominica tinha certeza de que se ressentiam do jeito dominador de Gerald, da voz alta com que dava ordens, da atitude de arrogante superioridade.

Os três foram ver a paisagem do chá, num barracão que tinha sido construído antes para o café.

Para a moça, o tempo passou depressa demais, e logo estavam voltando para casa, por um caminho diferente.

Gerald falava gaguejando, dando longas e confusas explicações para o fato de a produção ter caído no ano anterior. Culpou os cules, os feitores, o tempo, até as próprias plantas, embora, na opinião de Dominica, fizesse isto para encobrir sua incompetência.

Lorde Hawkston falava pouco, mas ela sabia que estava decepcionado por ver que a plantação que tinha deixado em ótimas condições, melhorando cada vez mais, havia regredido, em vez de progredir, sendo de esperar que houvesse prejuízo, em vez de lucro.

Às vezes, quando o tio não respondia, Gerald ficava calado durante algum tempo, e Dominica gostava de poder seguir em silêncio, apreciando a beleza à sua volta.

Ficou fascinada por ver que, nas partes não cultivadas, a floresta era ainda mais bela do que imaginara. Havia uma imensa variedade de bambus; no vale, lá embaixo, fetos gigantes, atingindo mais de seis metros de altura.

Em toda parte via-se o azul vivo do *nelu*, como um lençol colorido, ao lado de magnólias, murtas e vários tipos de camélias.

Quando olhou para uma delas, encantada com a perfeição da flor, lorde Hawkston disse:

— Você sabe, naturalmente, que a planta do chá é prima da camélia?

— Não, não sabia. Mas, agora que diz, vejo que há uma certa semelhança.

— Vou lhe mostrar uma coisa ainda mais bonita — disse lorde Hawkston.

Andaram mais um pouco e ele apontou para a *katuimbul* ou algodoeiro sedoso.

Dominica tinha visto alguns, em jardins de Colombo, mas ali havia vários, espalhados desordenadamente. No chão sob os arbustos, as pétalas caídas pareciam um tapete rubro. Era tão bonito, que não tinha vontade de sair dali. Prometeu a si mesma que voltaria, antes que as flores acabassem.

Quando chegaram em casa, lorde Hawkston ajudou-a a apear e disse:

— Talvez ache que voltamos cedo, mas aqui os homens tomam o desjejum assim que amanhece, de modo que almoçam ao meio-dia.

— Seja que hora for, estou com fome!

Era verdade, pois não comera quase nada, de manhã, porque Gerald a perturbava. Agora disse a si mesma que estava sendo estúpida e exigente. Ele era sobrinho de lorde Hawkston e ela devia tentar compreendê-lo. Está constrangido, como eu, por causa dos arranjos que foram feitos para nós, pensou.

Parecia uma explicação sensata, mas, no íntimo, achava repulsiva a idéia de que aquele homem que bebia demais pudesse significar alguma coisa para ela, ou ela para ele.

Depois do almoço, lorde Hawkston insistiu para que Dominica fosse descansar.

— É um erro querer fazer demais no primeiro dia. A altitude, embora a gente às vezes não se lembre disso, afeta as pessoas que vêm do nível do mar. Além do mais, Gerald e eu vamos sair a cavalo, para uma vistoria demorada, e seria muito cansativo para você.

Ficou desapontada, mas não pôde deixar de achar que ele tinha razão. Na realidade, quando foi deitar, pretendia ler um dos muitos livros que encontrou à sua espera, mas logo pegou no sono.

Não tinha dormido na noite anterior e agora dormiu tranqüilamente, só acordando às seis da tarde.

— Devia ter-me acordado — disse à empregada, depois de tocar a campainha para saber a hora certa.

— O *durai* disse para deixar a senhora dormir, *nona*. Quer tomar banho?

— Sim, obrigada... Quando terminou o banho, eram quase sete horas. Pos um bonitos vestidos de noite que *madame* Fernando incluía em seu enxoval. Era amarelo-claro, de corpete justo, bem decotado na frente e atrás. As mangas eram franzidas, de tule amarelo, e havia também babados de tule na saia rodada. Parecia elegante demais e muito decotado para uma noite tranqüila na montanha, mas Dominica desejou que lorde Hawkston a admirasse.

Um tanto intimidada, foi para a saleta.

Era um aposento comprido e bonito, cheio de peças de artesanato local, que Dominica estava ansiosa para examinar. Com grande decepção, viu que não era o dono da casa que se encontrava na sala, e sim, Gerald. E sozinho.

Tinha na mão um copo de uísque e ergueu o olhar, apreensivo, como se temesse ver o tio.

— Ah, é você, Dominica! Está adiantada. Ainda não me vesti para o jantar.

— Gostou do passeio?

— Não muito. Senti-me como um colegial que esqueceu de fazer as lições!

Pela primeira vez, Dominica teve pena dele.

— Seu tio ficou muito zangado?

— Caí em desgraça, como você bem sabe! Mas não vamos esquentar a cabeça. Há muitas coisas agradáveis que podemos fazer, em vez de chorar! — Largou o copo e disse, inesperadamente: — Por exemplo, você poderia começar me dando um beijo. Vamos casar e ainda não tivemos tempo de travar conhecimento.

Estendeu os braços e puxou-a, brutalmente. Instintivamente, a moça lutou e se libertou.

— Não! Não!

Havia uma nota de medo na voz trêmula.

— Por que não? Está se fazendo de difícil? Afinal, veio para cá para casar comigo.

— Sim... eu sei — disse ela, ofegante. — Mas é cedo... demais. Acabamos de nos conhecer... mal nos falamos. .

— A culpa não é minha! E agora que estou olhando bem para você, vejo que é muito bonita! Além do mais, tem uma pele muito branca. Gosto disso! É bom, para variar!

Agarrou-a tão depressa, que ela não pôde evitar. Depois, ao contato dos lábios dele, percebeu o que o rapaz havia dito: “Para variar”!

Variar de Seetha... Variar da moça que se matara por causa dele.

Enquanto todo seu corpo se rebelava, Dominica sentiu de novo na pele os lábios quentes e gulosos de Gerald.

— Não! Não! — disse, preparando-se para gritar.

Nesse momento, a porta se abriu e lorde Hawkston apareceu. Embora devesse ter visto o que estava acontecendo, disse, em voz totalmente inexpressiva:

— Vai se atrasar para o jantar, Gerald, se não andar depressa. O rapaz soltou Dominica e ela teve a impressão de que ia desmaiar.

Estendeu as mãos e se apoiou no espaldar de uma cadeira.

— Não me demoro — disse Gerald, saindo da sala. Dominica procurou recuperar o fôlego. Estava de costas para lorde Hawkston e não se virou. Sabia apenas que se sentia profundamente aliviada com sua presença e, ao mesmo tempo, constrangida por ter ele visto Gerald beijar seu ombro nu.

Que estaria ele pensando? Será que acreditava que ela havia permitido semelhante coisa?

Depois disse a si mesma que era isto o que ele esperava! Tinha-a trazido para casar com o sobrinho e devia estar contente pelo fato de os dois procurarem se conhecer melhor e por Gerald se sentir atraído pela noiva.

Sentiu o calor dos lábios dele, o bafo de uísque, a aspereza com que a havia abraçado.

Não posso fazer isto!, disse a si mesma. Não posso! Preciso dizer a lorde Hawkston que não posso!

Ouviu-o atravessar a sala e se dirigir para a janela.

— Você viu o pôr-do-sol? — perguntou ele, em voz serena. Isto impediu que Dominica falasse, que explicasse que Gerald a revoltara, que nunca mais permitiria que a tocasse e que, agora, não podia mais ficar ali.

Depois lembrou-se de tudo o que devia a lorde Hawkston! Todo o

enxoval, que devia ter custado uma fortuna, vestidos e chapéus para suas irmãs. Lembrou-se da bondade dele durante a viagem e também ali, fazendo o possível para que ela se sentisse em casa.

Como é que podia ser tão ingrata? Como dizer que ia quebrar a promessa?

A sensação de fraqueza passou aos poucos, mas ainda parecia sentir nos ombros o calor dos lábios de Gerald. Achava-o repugnante, no entanto, precisava ser corajosa.

Que mais poderia fazer, devendo tanto a lorde Hawkston? Mesmo que trabalhasse cem anos, não conseguiria lhe pagar.

Com um esforço supremo, aproximou-se dele e saíram juntos para o terraço.

— Às vezes, acho que é esta a hora mais bela do dia — disse ele. — Quando morava aqui sozinho, sempre procurava voltar a tempo de ver o pôr-do-sol e as estrelas surgirem. É mais bonito do que o que possa haver em qualquer peça de teatro. E os sons da noite são para mim uma música mais magnífica do que qualquer ópera.

Dominica percebeu que procurava acalmá-la, dizer que, se não entrasse em pânico, se usasse o bom senso, tudo daria certo.

Mas daria mesmo?

Poderia suportar a presença de Gerald, deixar que a tocasse, permitir que a beijasse?

Estendeu a mão para se apoiar numa coluna do terraço. Estava trêmula.

Como é que ia dizer a verdade?, perguntou a si mesma. Mas sabia que era impossível.

CAPÍTULO VI

Foi outra noite desagradável, com lorde Hawkston procurando

conversar e pouca cooperação tendo por parte de Gerald e Dominica.

A moça fez um esforço, mas achava difícil conversar e sorrir e, mais ainda, deixar de sentir repulsa, quando olhava para o noivo.

Parecia que o dono da casa não percebia o mal-estar reinante nem notava que Gerald tinha ingerido uma grande quantidade de uísque, antes de aparecer vestido para o jantar.

Durante a refeição, bebeu acintosamente o suco de lima preparado por Dominica, mas, terminado o jantar, quando saiu durante alguns minutos, ela teve certeza de que tinha ido tomar um trago.

Tomaram café no terraço, e agora as estrelas começavam a surgir. Havia um leve brilho sobre o vale. Logo a névoa se dissiparia, permitindo que se visse a plantação de chá.

Ouviam o ruído da torrente e o som dos pássaros noturnos e dos morcegos-voadores. Eram animais muito pequenos, que voavam em volta do terraço, como que curiosos. Sempre que se acendiam as luzes numa casa cingalesa, apareciam aos bandos, como que por uma misteriosa atração.

Os insetos eram em tão grande número, que não puderam ficar durante muito tempo no terraço, indo para a saleta.

Lorde Hawkston explicou a Dominica que as peças de mobília tinham sido feitas em várias partes do país e trazidas pelos mais diferentes meios de transporte. Uma delas viera nas costas de um elefante!

Durante todo o tempo em que falava, Dominica tinha consciência de Gerald esparramado numa poltrona, provavelmente imaginando quando poderia arranjar outro drinque, sem que o tio percebesse.

Ainda não eram dez horas, quando ela resolveu ir para a cama. Deu boa-noite aos homens, fazendo uma reverência, e foi para o quarto, aliviada por ficar sozinha.

Ao mesmo tempo, gostaria de ter continuado conversando com lorde Hawkston.

Despiu-se, apagou a vela, abriu as cortinas e ficou olhando o lago.

O jardim estava muito tranqüilo. O luar iluminava o lago e as flores tinham uma fragrância forte.

É lindo, tudo!, pensou. Se pudesse viver aqui com alguém...

Interrompeu o pensamento.

De que adiantava desejar o impossível?

Se ficasse ali, seria com Gerald, como sua esposa.

Saiu da janela, como se a beleza lá de fora a machucasse. Deitou na cama e fechou os olhos, procurando esquecer o que tinha sentido quando ele a tocara, quando a beijara no ombro, dizendo, com incrível insensibilidade: “Para variar!”

Como poderia ela esquecer Seetha, sabendo que se matara por ter sido repudiada por Gerald?

Não vou pensar nisto! Não vou!, disse a si mesma.

Apesar disso, parecia que Seetha estava a seu lado, dizendo-lhe o quanto havia sofrido.

De repente, Dominica soube porque a moça se suicidara. Porque tivera vergonha de ser despedida sem pagamento!

Isso significava que nenhum homem casaria com ela sem um dote e que os parentes e amigos a desprezariam.

A morte era preferível à desonra!

Como Gerald tivera coragem de fazer isso com a moça? Como?

Depois que Dominica saiu da sala, lorde Hawkston disse ao sobrinho:

– Tenho uma coisa para lhe falar, Gerald.

– O quê?

– Levantei-me cedo hoje e fui a cavalo até a aldeia onde Lakshman mora. Tinha esperança de vê-lo, mas não estava lá. Ainda assim, descobri algo importante a seu respeito.

Gerald não respondeu. Apenas olhou para o tio, com ar emburrado, como se não gostasse daquela intrusão em sua vida particular.

– Os aldeões me disseram que Lakshman foi atacado de loucura por causa dos *rakshyos*.

– Que diabo significa isso?

Lorde Hawkston fez um gesto impaciente.

– Você está aqui há dois anos. Certamente, tentou saber alguma coisa a respeito dessa gente. Principalmente os que vivem nos morros, com os quais lida.

– Se está se referindo às crianças religiosas, não entendo nada dessas bobagens!

O tom do rapaz fez com que lorde Hawkston apertasse os lábios, impaciente. Mas foi com voz calma que disse:

— Deve saber que, embora os cingaleses sejam budistas, os aldeões dependem, em grande parte, dos deuses hindus. Acreditam em bons e maus augúrios, em espíritos maus e em demônios, que eram as crenças de seus antepassados *yakkho*. — Percebeu que Gerald não estava muito interessado. Mesmo assim, continuou: — Na realidade, ainda são adoradores do diabo e nem mesmo sua devoção e um Buda pacífico, suave, impede isto. A crueldade e a morte, a doença e a dor estão nas mãos de legiões de demônios e de espíritos maus que, para eles, existem num mundo desconhecido. — Lorde Hawkston fez uma pausa e continuou, com um sorriso: — Na minha opinião, há realmente muito pouca diferença entre os espíritos e os demônios dos cingaleses e a doutrina de Satanás e do inferno que é pregada com tanto fervor em Colombo pelo pai de Dominica.

— Você me disse que ele é pastor. Por que, em nome dos Céus, escolheu a filha de um pastor para minha esposa?

Lorde Hawkston respondeu, agora em tom gélido:

— Escolhi Dominica porque tem personalidade e caráter, qualidades que, lamento dizer, você não tem.

— Já tornou isso bem claro — rosnou Gerald. — Continue o sermão.

Lorde Hawkston não deu importância à rudeza do sobrinho.

— Os bons espíritos dos aldeões são os *yakshyos*, suaves e bondosos, venerando Buda. Por outro lado, os *rakshyos* são ferozes e malévolos. Habitam os lugares dos mortos e as florestas, onde cada um tem sua árvore particular de onde fere com a loucura aquele que por ali passar! Pode parecer estranho e absurdo para você e para mim, mas as pessoas daqui acreditam e me disseram, com toda sinceridade, que Lakshman foi levado à loucura por um *rakshyo*.

— Então, azar dele! — respondeu Gerald, despreocupado. — Não vejo o que eu possa fazer a respeito.

— Isso é mais sério do que imagina.

— Por quê?

— Você estava aqui no Ano-Novo Cingalês. Deve saber, se tiver o mínimo interesse por este povo, que o festival, que é uma ocasião de reuniões de família em toda a ilha, provoca uma enorme quantidade de males, principalmente o jogo e a embriaguez. — Olhou para o sobrinho e continuou calmamente: — Sob a tensão de tanta coisa, a parte excitável dos cingaleses domina sua habitual suavidade e passividade. Há brigas, esfaqueamento e,

como você bem sabe, a taxa de assassinatos é alta no Ceilão.

— Está querendo dizer que Lakshman vai me matar?

— Acho possível. O *kappurala*, ou o demônio-dançarino, quê mora na aldeia e que é quem desencadeia ou aplaca os maus espíritos, me falou seriamente de Lakshman. Conhece sua gente, e estou disposto a ouvir seu aviso.

— Pois eu, não! — disse Gerald, com firmeza. — Se quer saber a verdade, acho tudo isso uma idiotice inventada pelos padres para extorquir dinheiro dos tolos que lhes dão ouvidos. Conheço Lakshman. Vi-o, quando veio me oferecer a filha. É um sujeito quieto, inofensivo, que tem a metade do meu tamanho. Não tenho mais medo dele do que teria de um galo garnisé!

— Muito bem. Ordenei que se dê uma busca cuidadosa, para se encontrar Lakshman, para que eu possa lhe entregar o dinheiro que você lhe deve e tentar compensá-lo de certo modo pela morte da filha. Só o que posso dizer é que estou atônito com seu comportamento neste caso, Gerald, e com sua incrível indiferença em relação à morte daquela infeliz jovem!

Como se tivesse medo de falar mais alguma coisa, lorde Hawkston saiu da sala e fechou a porta.

Gerald ficou imóvel durante alguns segundos. Depois, bateu palmas, chamando um criado para que lhe trouxesse um uísque, do qual sentia uma imperiosa necessidade.

Dominica estava sonhando. No sonho, ouviu Prudência chorar.

Às vezes, depois da morte da mãe, Prudência tinha pesadelos. Acordava chamando a mãe e, quando não a via mais ali, desatava em lágrimas. Dominica sempre deixava aberta a porta de seu quarto e de Fé, para poder ouvi-la, se chorasse, já que o quarto da menina ficava no outro lado do corredor.

A perda da mãe foi terrível para todas, mas Prudência só tinha sete anos e sentiu tanto a falta da mãe que Dominica às vezes tinha medo de que isso viesse a prejudicar sua saúde. A verdade é que a garota nunca tinha sido muito forte. Era prematura, frágil e sempre se mostrara mais sujeita a doenças do que as outras. Talvez por ser a mais fraca, a sra. Radford parecia gostar mais dela, mas nenhuma das filhas tinha ciúme.

Prudência era especial. Quando saiu de Colombo, Dominica decidiu que a primeira a ser convidada para passar uns tempos em seu novo lar não seria Esperança, e sim, a caçula.

Sabia perfeitamente que, com sua natureza sensível, Prudência achava difícil suportar a severidade do pai e sua atitude para com as filhas.

Ele as castigava como se fossem pecadores que precisassem purificar-se do mal, e o fato de incluir a menina era, para Dominica, prejudicial, não apenas fisicamente, como mentalmente.

Antes de pegar no sono, ficou pensando em Prudência, imaginando como ela se adaptaria àquela casa.

Dominica tinha acreditado que Gerald era parecido com o tio, também bondoso e compreensivo. Mas agora seus sonhos se desvaneciam, assim como os planos que tinha feito em relação às irmãs.

Que iria pensar Fé, ao ver como ele bebia?

Tinha certeza de que Caridade, com sua viva inteligência, logo perceberia de que maneira Gerald tratava os empregados e os cules, e talvez chegasse mesmo a descobrir a verdade a respeito de Seetha.

As meninas nunca deveriam ter conhecimento desse episódio, pensou. Ficariam chocadas e horrorizadas, porque, assim como Dominica, gostavam das mulheres cingalesas, tão gentis e tão atraentes.

Ao mesmo tempo, sabia que o ar da montanha seria bom para Prudência, fazendo, talvez, com que sua palidez desaparecesse. A menina apreciaria a comida, pois, embora tivesse despedido alguns criados, Gerald havia conservado o último cozinheiro de lorde Hawkston. Dominica achava todos os pratos deliciosos, como nunca experimentara antes.

Ainda meio sonolenta, sentou na cama, achando que precisava ir confortar Prudência. Lembrou-se, então, do lugar onde estava, a quilômetros da casa paroquial. O grito que julgara ser da irmãzinha devia ter vindo de algum animal, no jardim.

Saiu pela porta que dava para o jardim e percebeu que não fora um grito, mas um gemido, como o de um animal pequeno.

Sabia que muitos animais, na floresta, emitem sons estranhos. Tinha lido sobre viajantes que haviam ficado apavorados com os gritos dos chacais e de outros bichos. Não havia razão para ficar com medo do que ouvia agora. Prestou atenção: o animal estava bem embaixo de sua janela.

Com certeza, irá logo embora, pensou, deitando novamente. Mas era impossível não dar importância àqueles sons. Eram comoventes, e Dominica sabia que não poderia dormir, se continuassem.

Irá logo embora, disse a si mesma. Seria ridículo eu tentar socorrê-lo.

Talvez estivesse sofrendo, mas não permitiria que ela se aproximasse.

Virou a cabeça para o outro lado, mas continuou tensa.

Desejou não ter deixado a porta-janela aberta. E se o animal entrasse? Pior ainda: e se aparecesse uma cobra?

Seu coração bateu mais depressa, de medo. Depois, ouviu um rosnado que a fez pular de susto. Não adiantava fingir que não se tratava de um animal selvagem e perigoso! O rosnado se transformou em rugido.

Ficou apavorada. O pânico baniu todos os outros pensamentos. Atravessou o quarto correndo e abriu a porta que dava para o corredor.

Não sabia para onde ia; não raciocinava, mas o instinto de preservação fez com que fugisse dali.

Abriu outra porta e, desesperada, correu para onde ela sabia que estaria em segurança.

Lorde Hawkston também acordou com o barulho e percebeu logo que eram dois leopardos brigando. Intimamente, xingou o sobrinho por sua indolência e indiferença em relação ao que era o dever normal de um fazendeiro.

Os leopardos, em certa época, tinham sido tão prolíferas, que constituíam uma ameaça para os plantadores de chá. Depois que seu número foi controlado, tornaram-se mais raros e, em circunstâncias normais, não eram tão perigosos. Atacavam veados e gado e tinham uma espécie de poder hipnótico sobre os macacos, que pareciam considerar seus inimigos naturais.

Mas, se um fazendeiro deixasse que esses animais selvagens entrassem na plantação e se tornassem uma ameaça, não tanto para os trabalhadores, como para os animais domésticos como porcos e cães, não podia culpar ninguém, a não ser ele mesmo.

Enquanto pensava nisto, uma criaturinha apavorada irrompeu no quarto e atirou-se sobre ele.

Tomou Dominica nos braços e percebeu que estava trêmula de medo.

— Está tudo bem — disse. — Eles não lhe farão mal.

A moça agarrou-se ainda mais a ele, como se achasse um santuário em seus braços.

— Parece terrível — disse lorde Hawkston, com voz grave e calma —, mas, nesta época do ano, quando os animais acasalam, freqüentemente há brigas na floresta e os elefantes selvagens são os que fazem mais barulho!

Enquanto falava, percebeu que suas palavras pouco efeito produziam

em Dominica. Ela ainda tremia, com o rosto escondido no ombro dele.

— Os leopardos ainda estão no jardim. Deixe-me ir buscar uma arma para matá-los. Depois, nunca mais a assustarão.

— Não... não! Não me deixe! — Falou baixinho, mas apavorada.

— Não vou fazer nada que a assuste, mas precisa ser sensata Dominica interrompeu-o:

— Não sou sensata! Nunca fui sensata! Procurei fazer o que o senhor queria... mas é impossível! Tenho medo de... tudo! Tentei esconder isso... mas não adianta.

— Não é verdade. Acho que foi corajosa a respeito de muitas coisas.

— Não! Não sou! Estive mentindo... mas o senhor não percebeu. Sempre tive medo, desde criança. Tinha medo dos anjos. Então, papai me fez passar a noite inteira na igreja, sozinha, e agora tenho medo do escuro! Tenho medo de cobras e de leopardos! Tenho medo do... sr. Warren... e de ter que casar com ele!

As palavras foram pronunciadas num ímpeto apaixonado, e lorde Hawkston achou que, de certo modo, devia ter esperado por elas.

— O senhor vai me desprezar e tenho medo de que fique zangado, mas precisa saber a verdade. Tenho vergonha de tê-lo enganado...

Desatou a chorar desoladamente. Era como se ele segurasse nos braços uma criança infeliz.

Por um momento, não soube o que dizer. Continuou segurando-a, deixando que desse vazão às emoções.

Dominica havia se dominado durante tanto tempo, que agora não podia mais se conter, sentindo uma grande insegurança.

— Não chore. Farei com que tudo dê certo para você. Não é tão mau como parece.

— Ê, sim! — disse a moça, ainda chorando. — Quebrei minha promessa. Mas não há o que eu possa fazer. Sou uma covarde!

— Não é nada disso. — Percebeu que ela já não tremia tanto e que os ruídos tinham cessado, no jardim. — Os leopardos já foram embora. De certo modo, é uma pena, porque o leopardo é um animal impressionante. Tem manchas pretas no corpo, como o tigre, mas não tão pronunciadas. Seu pulo é um dos movimentos mais graciosos, entre os de todas as criaturas do reino animal. — Falava para distraí-la e percebeu que ela o ouvia. — Há também, na ilha, o leopardo-preto. É um belo animal. Só vi três, desde que vim para o

Ceilão.

Dominica deu um suspirozinho e parou de chorar, mas continuou com o rosto escondido no ombro dele. Esquecera que estava usando uma camisola fina. Nem mesmo percebia que estava nos braços de um homem.

Ele significava segurança, um santuário contra o medo, uma proteção contra tudo o que pudesse machucá-la. Não havia naquilo nada de pessoal. Só havia procurado porque era o homem de quem precisava naquele determinado momento.

— Tudo está calmo — disse ele, suavemente. Dominica ergueu a cabeça.

Ele não podia vê-la, no escuro, mas sentia a maciez dos cabelos que chegavam bem abaixo da cintura. Tinham um perfume que ele, a princípio não pôde identificar. Depois percebeu que era a suave fragrância de lavanda. Um perfume estranhamente inglês, diferente dos aromas exóticos do Oriente, que fez com que pensasse em tudo o que amava na Inglaterra e também em sua mãe morta.

— Não precisa mais ter medo, Dominica.

— Não estou com medo — respondeu, em tom patético, como o de uma criança.

— Amanhã tomarei providência para que os leopardos não a incomodem mais. Vou mandar preparar os quartos do andar de cima. Devia ter feito isto, assim que chegamos.

— Eu me sentiria mais segura lá em cima. Mas não se estivesse... sozinha.

— Meu quarto também é em cima, o quarto das palmeiras. Mas você sabe que, esteja onde estiver, eu a protegerei.

— Foi por isso que vim procurá-lo — murmurou.

Seu rosto não estava mais escondido no ombro de lorde Hawkston, mas Dominica não procurou se afastar da proteção dos braços dele.

Continuava tensa, à escuta, como se temesse que os ruídos recomeçassem.

— Eu gostaria que você passasse uma boa noite. Estava cansada e, provavelmente, também perturbada com tudo o que aconteceu, desde que saímos de Colombo.

— Eu não poderia voltar... para aquele quarto.

— Não, claro que não. Vamos trocar de quarto. Você fica aqui e eu vou

para lá, para ficar de guarda. Mas garanto que os leopardos não voltam mais.

— Não me deixe ainda. Só mais um minuto. Sentiu que a moça se agarrou ao seu camisolão.

— Não a deixarei, enquanto quiser que eu fique. Mas acho que devia procurar dormir. Sugiro que deite. Ficarei a seu lado, até que amanheça, ou até que você pegue no sono.

— O senhor deve achar que sou uma tola.

— Acho que fez muito bem em vir me procurar, quando ficou com medo.

Lorde Hawkston soltou-a, suavemente. Levantou-se depois e estendeu a mão, à procura do roupão que estava numa cadeira junto à cama. Vestiu-o, enquanto Dominica deitava e puxava o lençol até o queixo.

— O senhor ainda não vai embora, não é?

Lorde Hawkston sentou na cama e pegou a mão dela.

— Prometi que ficaria.

— Está... zangado comigo?

— Não estou zangado, não a desprezo, nem acho que seja tola. Acho, como sempre achei, que é uma pessoa excepcional e muito corajosa.

— Não sou... O senhor sabe que não sou! Mas agrada-me que pense assim.

— Garanto que estou dizendo a verdade. — Houve silêncio. Depois ele disse: — Feche os olhos. Acho que vai dormir logo. Além do mais, já é quase madrugada. Não preciso olhar o relógio para saber que daqui a menos de meia hora o dia vai clarear acima dos morros, trazendo uma bela manhã ensolarada.

Sentiu que os dedos dela relaxavam. Dali a minutos, percebeu que Dominica tinha adormecido, respirando regularmente.

Sabia que estava exausta, tanto devido ao medo quando à crise de lágrimas, mas que, assim que relaxasse, pegaria no sono, como ele tinha visto acontecer com homens que dormiam após um exercício forçado ou uma grande tensão emocional.

Lorde Hawkston ficou ali, imóvel, segurando a mão da jovem, até que a luz da madrugada começou a aparecer por entre as cortinas agitadas por uma leve brisa.

Apesar disso, continuou ali. Quando ficou mais claro, distinguiu o contorno da mobília e o rosto de Dominica sobre os travesseiros.

Os cabelos cobriam-lhe os ombros e as pestanas ainda estavam úmidas contra o rosto pálido. Parecia muito moça e indefesa, e lorde Hawkston fitou-a durante longo tempo. Depois, delicadamente, soltou a mão dela, se levantou e dirigiu-se para a porta entreaberta.

Saiu e fechou-a, de mansinho.

Atravessou o corredor e entrou no quarto de Dominica. Viu as roupas atiradas para um lado, na cama, e a porta-janela aberta para o terraço.

Atravessou-a e saiu para o jardim. O gramado onde os leopardos tinham brigado estava estragado, as flores quebradas e as plantas com as raízes expostas.

Lorde Hawkston examinou os estragos e depois olhou para a borda da varanda.

Viu, preso num dos pilares, um pedaço de corda, que podia ter prendido um animalzinho, como um filhote de veado!

Olhou para os morros cobertos de vegetação. Escondido em algum lugar, devia estar Lakshman, esperando para vingar a morte da filha.

Se Dominica tivesse saído para socorrer o veadozinho, os leopardos a teriam atacado!

Lord Hawkston soube, então, que precisava encontrar Lakshman o mais depressa possível.

Quando acordou e viu que estava numa cama estranha, Dominica lembrou dos acontecimentos da véspera.

Olhou para o relógio de cabeceira. Era tarde, tinha dormido até a metade da manhã. Não era de se admirar. Ao mesmo tempo, teve vergonha de sua fraqueza e ficou constrangida por ter tirado lorde Hawkston da cama, só porque tinha tido medo.

Como pude ser tão tola?, perguntou a si mesma.

Mas só o fato de lembrar o ruído dos leopardos lhe causava novo terror. Havia dito a verdade, ao contar a lorde Hawkston que sempre tinha sido tímida. Esforçava-se para não o demonstrar, sabendo que devia ser um exemplo para as irmãs mais moças, mas nunca esqueceu a terrível experiência que teve, aos sete anos, com o castigo imposto pelo pai.

A mãe estava doente, na ocasião, e não soube o que estava acontecendo, embora mais tarde, ao saber, tivesse ficado muito zangada.

O pai estava dando a Dominica uma lição sobre as Escrituras, falando dos anjos que guardavam as pessoas e as protegiam dos demônios do

inferno. Fazia com que tudo parecesse muito real; ficou tão empolgado e descreveu o inferno de modo tão vivido, que Dominica comentou:

– Tenho medo dos demônios, papai. Tenho medo de que me peguem.

– Você estará segura, enquanto for boazinha. Deus manda os anjos para protegê-la, Dominica. Os anjos estão sempre à sua volta, salvando-a do pecado.

– Tenho medo dos anjos também. Não quero nada à minha volta. Quero ficar sozinha!

O padre considerou isto um sacrilégio e repreendeu a filha. Aos sete anos, a menina já era audaciosa e o desafiou.

– Tenho medo dos anjos, papai. Diga o senhor o que disser, eu tenho medo... tenho!

O resultado foi ela ficar fechada na igreja a noite toda, para meditar sobre os anjos e compreender que estava segura nas mãos de Deus.

Dominica lembrava de tudo vividamente; de que a escuridão parecia povoada, não de anjos, mas de demônios.

No dia seguinte foi encontrada dormindo de pura exaustão, com a cabeça apoiada na almofada vermelha de um genuflexório.

O vigário nunca mais infligiu esse tipo de castigo às filhas, temendo a cólera da esposa.

Mas aquela noite terrível deu a Dominica uma sensação de insegurança que jamais a abandonou. Fez com que ficasse com medo do escuro, de modo que, mais tarde, foi um conforto dormir no mesmo quarto tom Fé.

Mas, sendo a mais velha, procurou assumir uma posição de autoridade. Quando a mãe morreu, tentou tomar seu lugar, não só junto às irmãs, como junto ao pai.

Com ele, nem sempre era fácil, mas Dominica às vezes conseguia fazer com que se mostrasse menos severo.

Mas, quando se tratava de obter dinheiro para comida e outras necessidades, ela reconhecia que era um fracasso total. Mesmo assim, nunca agira com tanta fraqueza, como na noite anterior. Nem de maneira tão humilhante.

Sabia que devia ter sido a gota d'água, depois de tantos acontecimentos: o choque, ante a proposta de lorde Hawkston, a tristeza de sair de casa, a repulsa que sentira ao conhecer Gerald e, principalmente, o

horror do contato dos lábios dele em seu ombro e o futuro.

Ficou imaginando o que lorde Hawkston estaria pensando dela e se teria se arrependido de trazê-la para sua casa.

Ficou com lágrimas nos olhos. Sentia-se cansada e fraca, após a experiência da véspera.

Preciso levantar-me, pensou. Mas continuou deitada, vendo o sol penetrar no quarto pelas cortinas entreabertas e iluminar os lótus vermelhos pintados nas paredes.

A cama era de madeira entalhada, no mesmo estilo da de seu quarto, com pétalas pintadas em um rosa vivo! As cortinas também tinham flores de lótus, mas o quadro da parede era diferente. Não um Buda, e sim, uma reprodução do lago em Kandy, cheio de lótus vermelhos.

Ao longe, no outro lado do lago, divisava-se o Templo do Dente Sagrado e, debruçando-se sobre a água, as árvores floridas do templo, como Dominica as vira, quando passara por lá em companhia de lorde Hawkston.

Aquele dia tinha sido de grande beleza. Nunca pensara que tal magia pudesse existir.

Agora, olhando para o quadro, compreendeu de repente por que Kandy lhe parecera tão bela, por que o lago tivera um brilho especial, por que o colorido das flores era mais forte.

Por que estava na companhia de lorde Hawkston porque tinha consciência da presença dele e estava feliz. Mais feliz do que nunca na vida.

E a razão dessa felicidade lhe ocorreu com uma luz súbita. Era muito simples e, no entanto, não havia percebido até então. Estava amando!

Amando lorde Hawkston!

O homem que a tinha trazido para casar com o sobrinho!

Já era quase meio-dia, quando Dominica se levantou. Mas, ao sair do quarto, viu que a casa estava vazia. Lorde Hawkston e Gerald não estavam em parte alguma.

Pegou a sombrinha, com intenção de ir para o jardim.

Achava que o penteado novo, com uma corola no alto da cabeça lhe ia bem e não quis estragar o efeito, usando chapéu.

Fosse como fosse, não havia ninguém para vê-la.

Mas, quando chegou à porta, ouviu o ruído de cascos de cavalo e viu

lorde Hawkston chegar, vindo pelo caminho que levava aos morros.

Ele apeou e, pela aparência do cavalo. Dominica achou que devia ter sido uma dura cavalgada.

Notou também que o dono da casa tinha uma pistola no cinto. Achou que tinha ido atrás dos leopardos, mas era difícil pensar em qualquer coisa, a não ser que seu coração batia acelerado. Ao mesmo tempo, estava bastante encabulada.

A camisa branca estava aberta no peito e ele tinha enrolado as mangas, como na manhã anterior, quando saíra a cavalo.

— Aonde vai? — perguntou, com um sorriso.

Dominica achou que ele olhava com ar aprovador para o vestido de musselina que usava, de saia rodada e com fitas no decote.

— Eu ia para o jardim, andar um pouco, antes do almoço — disse, imaginando por que era difícil falar. As palavras pareciam presas na garganta.

Um criado levou o cavalo embora.

— Se tiver tempo, podemos ir ver os lótus-gigantes — sugeriu ele.

— Com muito... prazer — respondeu, ofegante. Atravessaram o gramado juntos, e ela ficou pensando como ele parecia atlético e jovem, quando se vestia de maneira informal.

Ao mesmo tempo, porque o amava e sentia o estado de espírito dele, teve a impressão de que estava preocupado e desejou que lhe contasse o que havia.

Em vez disso, lorde Hawkston falou do jardim, mostrando-lhe as diferentes flores que havia plantado, indicando as árvores raras, sendo que de algumas Dominica jamais tinha ouvido falar.

— Daqui a dois meses, os rododendros estarão em flor. Nas grandes altitudes florescem tarde, mas as cores são indescritíveis.

Dominica queria perguntar se ele achava que ela estaria ali dali a dois meses, mas soube que não poderia fazer tal pergunta.

Lorde Hawkston confiava nela. Acreditava nela. Lembrou que, em Kandy, ela lhe tinha dito que, quando a gente ama, não há sacrifício que não esteja disposta a fazer.

Pois bem, estava apaixonada, e o sacrifício exigido dela era que fizesse a vontade de lorde Hawkston e casasse com seu sobrinho.

Só de pensar nisso, teve vontade de chorar, como tinha chorado na

noite anterior, no ombro dele, mas sabia que, se o fizesse, ele a desprezaria mais ainda.

Lorde Hawkston estava sendo cortês e gentil, porque queria tornar as coisas mais fáceis e fazer com que ambos esquecessem a atitude dela, correndo para seu quarto e aninhando-se em seus braços.

Naquele momento, parecera a única coisa a fazer, mas agora Dominica ficava corada, ao lembrar seu comportamento.

Era verdade que, na ocasião, não pensou nele como homem, e sim, como uma força, um conforto e um protetor.

Mas ele era um homem, ela lembrara disto, ao acordar em sua cama.

Eu o amo! Eu o amo!

Nunca devia deixar que ele soubesse de seus sentimentos. Pelo contrário, teria que sacrificar sua vida, para satisfazer a vontade dele.

Procurou prestar atenção ao que lorde Hawkston dizia, mas só podia pensar no quanto era emocionante estar ao lado dele. Quando tocava no braço dela por acaso, ao examinar uma flor ou um arbusto, sentia uma onda de excitação percorrer-lhe o corpo.

Admirou-se, agora, de na véspera, quando se vira nos braços dele, não ter percebido, que era isso o que desejava mais do que qualquer outra coisa na vida.

Ficou imaginando o que ele diria, se lhe pedisse que a enlaçasse de novo para lhe dar a sensação de segurança e de proteção que tinha afastado o medo, permitindo que. adormecesse ainda segurando a mão dele.

Nenhum homem poderia ser mais bondoso, mais compreensivo!

Sabia que seu pai ficaria muito zangado com seu comportamento.

Sabia que qualquer pessoa, se soubesse do acontecido, ficaria chocada por ela se agarrar a lorde Hawkston, vestindo apenas uma camisola transparente.

Teria ele achado que era leviana e ousada?

Provavelmente a considerava apenas uma criança aborrecida, um jovem tola que tinha medo do escuro e que, embora tendo sempre vivido no Ceilão, temia dois leopardos que brigavam e não representavam perigo para ela.

Posso parecer uma criança para ele, mas eu o amo como uma mulher, pensou. Amo-o com todas as fibras do meu coração e sei que é assim que o amor deve ser, amor que existe desde o princípio do mundo.

O que sentia por lorde Hawkston era um desejo espiritual, quase divino. Uma coisa que Gerald, por exemplo, jamais compreenderia.

Como poderia viver, ano após ano, com um homem grosseiro e materialista, sem a mínima sensibilidade?

Como poderia suportar a atitude de Gerald em relação à vida? Como poderia pensar no momento em que não somente ele a beijaria, mas ambos se uniriam como marido e mulher?

Instintivamente, sentindo medo outra vez, chegou mais perto de lorde Hawkston.

Como se percebesse que alguma coisa a perturbava, ele disse:

— Talvez estejamos perdendo tempo. Venha. Prometi lhe mostrar os lótus-gigantes, antes de voltarmos para casa, para almoçar.

Levou-a por um caminho que, obviamente, tinha sido aberto no meio da floresta. De cada lado havia plantas em flor, mas Dominica achou que o caminho se havia estreitado, provavelmente por falta de trato, as plantas invadindo a trilha, a ponto de, em certos pontos, terem que caminhar em fila indiana.

Mas era tudo muito belo e o perfume das magnólias, dos jasmims e dos *champees* fazia com que tivesse impressão de estar no Jardim do Éden.

Depois, de repente, surgiu o tanque que procuravam.

Era cercado de árvores e não muito grande. O sol filtrava-se na água, dando à clareira uma aparência de misticismo difícil de descrever. . A água estava cheia de lótus, alguns abertos, outros em botão, formando um quadro de beleza e cor que deixou Dominica fascinada.

No outro lado via-se um pedestal com uma estátua de Buda.

Seguindo o olhar de Dominica, lorde Hawkston disse:

— É um de meus tesouros prediletos, que eu fazia questão de lhe mostrar. Creio que veio de Anuradhapura, mas encontrei-o abandonado no meio de algumas ruínas na floresta e trouxe-o para cá; de modo que agora, pelo menos, tem uma moldura adequada.

— É verdade!

— Venha ver a beleza do entalhe.

Deram a volta, tendo dificuldade em passar no meio das samambaias e das plantas que se haviam insinuado por entre das árvores, num lugar onde não havia jardineiro para controlá-las.

Chegaram até a estátua e Dominica viu que lorde Hawkston a tinha

colocado contra um fundo de árvores *champees*, que podiam ser encontradas perto de cada *wihara* budista da ilha.

O budismo era a religião das flores, e achou que lorde Hawkston era um dos poucos ingleses que teriam tratado com respeito o emblema de uma religião que não era a sua.

Quando chegaram junto à estátua, que ficava um pouco acima deles, Dominica notou que ele se aborreceu por encontrar ali algumas heras enroladas na pedra.

Estendeu a mão para arrancá-las do pedestal do Buda.

— Deve ser muito antigo... — começou Dominica. Então, um movimento chamou sua atenção.

Virou a cabeça e gritou.

Bem atrás deles, tendo surgido silenciosamente, havia um homem!

Seu rosto estava contorcido pelo ódio, um ódio diabólico, e na sua mão erguida segurava um *kris* pontiagudo, de cabo de madeira.

Sem pensar, o instinto lhe dizendo que devia salvar o homem amado, Dominica se atirou contra lorde Hawkston, quando ele se inclinava sobre o pedestal.

Ela cambaleou com o impacto, e a faca, que deveria atingi-lo na nuca, errou o alvo, atravessou o coque no alto da cabeça de Dominica. A força do golpe atirou-a para trás, contra uma árvore.

Tudo aconteceu muito depressa. Recuperando o equilíbrio, lorde Hawkston sacou a pistola e atirou no louco que os ameaçava.

No momento em que atirou, percebeu que o homem era Lakshman, que estivera procurando a manhã inteira.

O nativo foi atingido no peito e caiu de costas na água, no meio dos lótus-gigantes.

Lorde Hawkston virou-se para Dominica e percebeu que tinha desmaiado, continuando de pé apenas porque o *kris* que atravessara seus cabelos a mantinha presa à árvore.

Segurou-a, tirou a faca, sentindo medo, ao ver que estava suja de sangue.

Quando jogou a arma no chão e examinou a cabeça da moça, viu que não era o sangue dela que manchava a faca.

Ainda estava inconsciente. Tomou-a nos braços e contornou o tanque.

Só quando chegou à trilha que levava à casa foi que olhou para a água

e percebeu que Lakshmun havia desaparecido.

As flores de lótus se haviam fechado novamente, no ponto onde ele caíra.

A não ser pelo *kris* ensangüentado que estava aos pés da estátua, nada indicava que tinha havido uma tentativa de assassinato naquele lugar calmo e que duas pessoas tinham escapado à morte por um triz e por um grito assustado.

Carregando Dominica nos braços, caminhou rapidamente em direção à casa.

Ao chegar ao jardim, encontrou Gerald. Estava caído de bruços na grama, com a camisa branca manchada de sangue, no lugar onde Lakshman o golpearia, nas costas.

Dominica moveu-se.

Lembrou-se de ter readquirido consciência mais de uma vez, mas era tudo muito vago...

Alguém lhe dera alguma coisa para beber e tinha adormecido... o sono profundo, sem sonhos, do esquecimento total.

Agora era diferente. Era como se sentisse que tomava a viver; sua mente recomeçou a funcionar e não sentiu mais sono.

Abriu os olhos lentamente e achou difícil imaginar onde estava. Era um quarto que nunca tinha visto e a cama onde estava deitada era muito larga. Na extremidade havia duas colunas que chegavam até o teto.

O sol entrava pelas cortinas entreabertas e as janelas estavam abertas para o terraço.

De repente, percebeu que estava no quarto do qual lorde Hawkston havia falado, o quarto das palmeiras.

Ao pensar em lorde Hawkston, teve um estremecimento. Agora lembrava!

Viu de novo o rosto contorcido de Lakshman, quando tentara matá-lo.

Ela havia percebido imediatamente que o louco era pai de Seetha, buscando vingança pelo tratamento que Gerald tinha dado à filha, devia querer matar, não apenas Gerald, o responsável pela morte da filha, como qualquer homem branco relacionado com ele.

Antes de desmaiar devido ao horror do que estava acontecendo, Dominica ouviu o ruído do tiro e viu Lakshman cair na lagoa.

Aí, então, uma escuridão misericordiosa a envolveu e não viu mais

nada.

Há quanto tempo isso teria acontecido? Parecia-lhe que já fazia algum tempo, mas não tinha certeza de nada.

Estranhamente, não sentia mais medo.

Talvez fosse pelo fato de estar no quarto de lorde Hawkston. Embora sozinha, parecia-lhe que o ambiente lhe dava uma sensação de proteção.

Ergueu os olhos e ficou atônita com o que viu. As colunas eram entalhadas em formato de palmeira, do chão ao teto, e entre elas, executados com habilidade, havia murais da floresta. Havia árvores, fetos e trepadeiras; havia uma planta conhecida como *kudumirris*, que se enrolava de árvore em árvore. E cipós que formavam trançados fantásticos na copa das árvores, caindo até o chão como maravilhosas grinaldas. E, naturalmente, havia flores. Orquídeas de todos os tamanhos, formatos e cores, magnólias e camélias, rododendros e rosas.

Era tudo tão belo, que Dominica continuou deitada, olhando em volta, maravilhada.

Viu ali reproduzidos os pássaros que tinha conhecido a vida inteira: a águia, o gavião, o martim; os alcíones, pequenos, resplandecentes, de corpo azul, o azul mais azul que se podia imaginar!

Como lorde Hawkston tinha criado um quarto tão interessante e tão belo?

Lembrou que ele lhe dissera que era incomparável, único, e achou que, realmente, não podia haver nada no mundo que se assemelhasse àquilo.

Sentou melhor na cama, para continuar olhando. Viu que nas árvores, tinham sido pintados uns macaquinhos e que, num canto do quarto, havia o *walura*, ou javali, que Dominica sabia ser um animal tranqüilo e pacífico, a não ser quando se via acuado. Aí, então, podia ser perigoso.

Através da folhagem, podiam-se divisar também um urso, um *sambhur* e um leopardo.

Mas o mais bonito eram as borboletas de todos os tamanhos e de todas as cores, assim como as lagartixas, bichinho que Dominica tinha tentado domesticar quando era da idade de Prudência.

Era como ver um conto de fadas projetado à sua frente. Continuou olhando e imaginou quantos amigos de lorde Hawkston, principalmente na Inglaterra, o achariam capaz de tal fantasia criativa.

É porque ele gosta muito deste país, pensou. Gosta tanto que quer telo

à sua volta, mesmo quando está dormindo.

E soube que, tanto quanto lorde Hawkston gostava do Ceilão, Gerald o detestava.

A lembrança do rapaz obscureceu tudo, por um momento. Então, a porta se abriu e uma mulher entrou.

Dominica nunca a tinha visto, mas lembrava de sentir sua presença, mesmo quando inconscientemente.

Era uma inglesa agradável e sorridente. Usava uma blusa e uma saia malfeitas. Alguns fios dos cabelos opacos e cinzentos tinham escapado do coque na nuca.

— Já acordou! Pensei mesmo que estaria acordada.

— Quanto tempo dormi?

— Três dias. — Dominica pareceu incrédula e a outra continuou: — Sou a sra. Smithson e estive tratando de você.

— Obrigada. É enfermeira?

A mulher atravessou o quarto e foi abrir as cortinas, para deixar o sol penetrar no quarto.

— Sou o que chamam de missionária médica. Mas enfermeira é melhor, porque, quando alguém fica doente no distrito, sou a única pessoa que podem chamar, a não ser que queiram ir até Kandy. — Virou-se e aproximou-se da cama. — Estou contente por ver que acordou, srta. Radford, porque vim dizer-lhe que preciso ir embora.

— Já avisou... lorde Hawkston?

— Lorde Hawkston vai chegar de Kandy, de trem. Foi ao enterro.

— Enterro?

— Do sobrinho, o sr. Warren.

Percebeu que Dominica se contraía e que seus olhos tinham uma expressão de surpresa.

— Lakshman matou-o, antes de atentar contra a vida de milorde. Ele me contou que você o salvou!

— Lakshman matou... Gerald? — perguntou Dominica, baixinho.

— Morreu instantaneamente. O *kris* é uma arma mortal! — Dominica nada disse, e a enfermeira continuou: — Sinto muito o que aconteceu. Deve ter sido um choque para você. Mas sei que compreenderá que nada pode fazer, a não ser procurar esquecer. Essas tragédias acontecem, mas não são muito freqüentes, graças a Deus.

— Lorde Hawkston matou... Lakshman? — perguntou a moça, hesitante.

— O pobre homem estava louco! Para dizer a verdade, quando tratei dele, de uma doença nos olhos, há uns meses, achei que estava realmente perturbado. Era um homem difícil e ninguém o queria como empregado. — A enfermeira apoiou-se na coluna da cama e olhou para Dominica. — Esqueça tudo, menina. Se quiser meu conselho, levante-se, vá para baixo e fique à espera de milorde.

— Como é que dormi tanto?

— Foi idéia de lorde Hawkston e concordei com ele. Não lhe demos nada muito forte, apenas, algumas ervas que costumo dar às mulheres que estão com dores, para que fiquem um pouco tontas. Vai se sentir completamente boa, depois que tomar uma xícara de chá. — Deu uma risadinha. — Sempre digo que não há nada como uma xícara do nosso próprio chá, para reanimar uma pessoa! — Olhou para o relógio. — Vou mandar os criados lhe prepararem seu banho. Sinto não poder ficar para nos conhecermos melhor, mas provavelmente não faltará ocasião.

— Por que vai embora?

— É o que vim explicar. Diga a lorde Hawkston que a sra. Davidson, mulher de um plantador do outro lado do morro, está para ter o primeiro filho e mandou me chamar. Sei que ele vai compreender.

— Garanto que vai. E obrigada por ter cuidado de mim.

— Foi um prazer! Cá entre nós, não há o que eu não faça para Chilton Hawk. Perdão... para lorde Hawkston! Pode lhe dizer, da minha parte, que, quanto mais tempo ficar aqui, melhor! Precisamos dele!

— Darei o recado.

A enfermeira estendeu-lhe a mão.

— Adeus, srta. Radford! Procure não se aborrecer com o que aconteceu. Há sempre o dia de amanhã. É o que costumo dizer.

— Vou procurar seguir seu conselho — disse Dominica, sorrindo. A sra. Smithson apertou a mão da jovem.

— Adeus! E cuide-se bem. Qualquer dia, passarei por aqui para vê-la. Depois que ela saiu, Dominica reclinou-se nos travesseiros.

Então, Gerald tinha morrido!

Talvez fosse errado, talvez fosse mesmo muita maldade, mas não pôde deixar de sentir um imenso alívio.

Agora não precisava casar com ele! Agora estava livre da promessa feita a lorde Hawkston!

De repente, outro problema se apresentou. Isto significaria que teria que voltar para casa imediatamente? Que não poderia mais ficar naquela casa? Que teria que voltar para a vida que levava antes de lorde Hawkston trazê-la para um mundo que não conhecia?

Um mundo que continha drama e perigo e estranhas paixões, mas, ao mesmo tempo, um mundo tão belo, tão maravilhoso, que havia mudado todo seu ser!

Sentiu que queria ver de novo lorde Hawkston, falar com ele, ficar a seu lado. No momento, não podia pensar em mais nada!

Dominica estava embaixo, na saleta, quando ouviu o ruído da carruagem que tinha ido esperar o dono da casa na estação.

As portas estavam sempre abertas, para deixar entrar o ar fresco. Ficou tensa, quando ouviu os criados cumprimentarem o patrão. Ouviu-o dizer:

– Quero tomar banho e vestir uma roupa mais confortável.

– Seu banho está pronto, *durai*.

Lorde Hawkston subiu a escada. Dominica sabia que, tendo-lhe dado seu quarto, ele dormia em outro no andar de cima.

Já tinha percebido que, mesmo durante os três dias em que estivera dormindo, as coisas tinham mudado, na casa. Havia mais empregados e tudo parecia brilhar.

Olhando para o jardim, notou que havia cinco homens trabalhando lá, tirando o mato e as ervas daninhas, substituindo as plantas arrancadas pelos leopardos e regando a grama.

Notou também que algumas peças de mobília tinham sido mudadas de lugar e adivinhou que estavam de volta ao lugar onde lorde Hawkston as havia colocado, a princípio.

A saleta estava cheia de flores e no quarto de Dominica também havia grandes vasos floridos, parecendo fazer parte dos murais das paredes.

Na saleta havia vasos em todas as mesas; no hall, viam-se enormes vasos de lírios que perfumavam a casa toda.

Dominica levou mais tempo do que habitualmente para se vestir e tornar-se o mais atraente possível. Emagrecera, nos últimos dias, e os olhos pareciam tomar todo o seu rosto.

Não teve coragem de pentear os cabelos como antes. Só o fato de

pensar no coque no alto da cabeça fazia com que lembrasse o impacto do *kris* de Lakshman, quando o atravessara, prendendo-a na árvore.

Em vez disso, fez um coque na nuca, desejando que lorde Hawkston não achasse que era um penteado muito antigo.

Escolheu seu vestido mais bonito. Depois de pronta, pensou se não deveria trocá-lo.

Sentia que era importante ter a melhor aparência possível, porque seu futuro dependia do que ele resolvesse, assim que chegasse. Tal pensamento a preocupava...

Sentada na saleta, procurando fazer com que o coração se acalmasse, reconhecia que estava com medo.

Desejava ardentemente tornar a vê-lo, mas temia que, assim que a visse, ele lhe dissesse que teria que voltar para casa, talvez até mesmo no dia seguinte.

Como poderia suportar isso?

Refletiu que seria humilhante se desatasse em lágrimas, escondendo a cabeça no ombro dele, como havia feito quando tivera medo dos leopardos.

Mas, quando ele entrou na sala, sentiu o coração pular e não conseguiu dizer uma única palavra. Levantou-se e ficou olhando para ele, os joelhos trêmulos.

— Dominica! Eu estava com esperança de que você já estivesse boa para poder levantar-se. Mas... onde está a sra. Smithson? Os criados me disseram que foi embora.

Com um tremendo esforço, a moça disse, como se a voz viesse de muito longe:

— Ela me pediu que lhe dissesse que precisava ir embora... A sra. Davidson vai ter... um bebê. A enfermeira disse que achava que o senhor ia compreender.

Lorde Hawkston aproximou-se.

— Sim, compreendo. Ao mesmo tempo, acho inconveniente. Dominica murchou. Evidentemente, ele não queria ficar ali, sozinho com ela. Gostaria que a sra. Smithson estivesse presente, talvez para que não pudessem conversar intimamente.

Os criados entraram com refrescos e sanduíches. Lorde Hawkston pegou um copo e aproximou-se da janela.

— Fazia muito calor em Kandy — disse, em tom natural. — Eu estava

aflito para voltar.

Os criados saíram, e Dominica não soube o que dizer. Ficou olhando para ele, achando-o muito bonito, notando a elegância com que usava o terno branco.

— Como se sente?

— Estou... bem.

— Era o que eu esperava ouvir. — Colocou o copo numa mesinha e continuou: — Mas é muito aborrecido a sra. Smithson ter ido embora tão depressa. Gostaria de que ela ficasse, enquanto falássemos de seu futuro, Dominica, e agora você não tem uma acompanhante!

— É assim tão... importante?

— É o que as convenções exigem, como bem sabe.

Ficou de costas para a lareira. Dali a um momento, Dominica perguntou, timidamente:

— Vai me mandar... embora?

Ele não olhou para ela, e sim, para a janela.

— Estive pensando nisso. Para falar a verdade, não pensei em outra coisa, nos últimos dias. Parece que há duas opções.

— Quais são?

— A primeira, naturalmente, é você voltar para a casa de seu pai. Considerando-se que quase casou com meu sobrinho, é mais do que justo que eu lhe dê um dote.

— Não é preciso!

— Pelo contrário, acho que é. Por outro lado, creio que você não veria a cor desse dinheiro e que seu pai o gastaria com aqueles que julga mais necessitados.

Isto era tão verdadeiro, que Dominica não achou preciso responder.

— Por outro lado, posso levá-la para a Inglaterra. — Fitou-a e notou que o rosto dela se iluminava. — Uma vez lá, não será difícil arranjar-lhe um marido adequado.

A luz do rosto desapareceu.

Os olhos de ambos se encontraram, parecendo que não podiam se separar.

Era impossível fazer um movimento, impossível respirar. Depois, ela disse, com uma voz apenas audível:

— Deixe-me ficar aqui com... você.

— Sabe o que está pedindo? Sou velho demais para você, Dominica.

Por um momento, pareceu que ela não compreendia. Depois, aproximou-se dele, instintivamente, procurando-o como na noite em que tinha tanto medo.

Ele tomou-a nos braços e Dominica se sentiu no céu, abraçada pelo homem que amava, como sempre tinha desejado...

— Eu disse que sou velho demais — repetiu lorde Hawkston, num tom estranho, que ela nunca tinha ouvido antes.

— Eu amo... você!

As palavras foram apenas murmuradas, mas eram bem claras.

— Tem certeza? Oh, minha querida, tem certeza? Ela ergueu o rosto para ele.

Por um momento, lorde Hawkston fitou-a bem nos olhos, puxando-a depois contra o peito e beijando-a nos lábios.

Dominica teve a impressão de que o mundo inteiro se iluminava.

Os lábios dele eram dominadores, mas sentiu que lhe davam tudo o que havia de belo na vida, tudo o que havia de bom! Era o que ela havia buscado na música que tocara, assim como no sussurro da brisa.

Significava também o que encontrara no brilho das flores, em Kandy, e na magia da floresta.

— Eu o amo! Eu o amo!

Não soube se disse isto em voz alta, ou se deixou que seus sentimentos passassem de seus lábios para os dele.

Amava-o tão intensamente, que achava que já fazia parte dele, que pertenciam um ao outro; que eram indivisíveis, uma única pessoa.

Finalmente, lorde Hawkston levantou a cabeça.

— Minha querida, minha bem-amada! — disse, emocionado. — Isso está errado! Você devia procurar uma pessoa da sua idade.

— Só existe você, no mundo inteiro!

— É mesmo verdade?

— Acho que soube disto desde o momento em que o conheci. Mas não sabia que era... amor.

Beijou-a de novo, e Dominica vibrou com uma sensação que jamais tinha experimentado na vida, que nem mesmo sabia que existia.

Lorde Hawkston olhou para o rosto radiante e perguntou, em tom autoritário:

— Quando foi que me amou, pela primeira vez? Vamos, diga! Quero saber.

— Acho que a primeira vez foi quando você foi tão... bondoso... dando às minhas irmãs um vestido e um chapéu. E quando disse a *madame* Fernando que deviam ser todos diferentes. Achei que era mais compreensivo do que eu poderia esperar. — Deu um suspiro de felicidade e continuou: — E quando foi tão inteligente com Prudência, dizendo que ela precisava comer bastante, para poder ir ao baile que pretendia dar em sua homenagem. Aí, eu soube...

Dominica interrompeu-se, corando.

— Soube o que, meu amor?

— Soube que era assim que eu queria que... o pai de meus filhos fosse... — murmurou, escondendo o rosto no ombro dele.

Apertou-a com tanta força, que ela teve dificuldade em respirar. — — E quando foi que descobriu que me amava?

— Quando estávamos em Kandy. Era tudo tão bonito, que não pude pensar em outra coisa, a não ser no amor. Depois, quando vi o quadro, em seu quarto, soube por quê. Era porque eu amava você. Amava-o com todas as fibras do meu ser... mas tinha medo de que me desprezasse.

— Eu a amei desde o primeiro momento. Percebi que vida dura você levava e quis tirá-la de lá, protegê-la! — Fez uma pausa e continuou: — Nunca na vida desejei proteger e tomar conta de uma mulher por causa dela, e não pelo meu prazer pessoal. Mas queria proteger você, colocar-me entre você e tudo o que pudesse machucá-la.

— Foi por isso que corri para seu quarto, quando tive medo. Sabia que estaria segura a seu lado.

— Como sempre estará. E, quando a vi de vestido de noiva, soube que era a encarnação de tudo o que um homem podia desejar numa mulher. — Beijou-a na testa. — Quer usar aquele vestido amanhã, querida, quando formos a Kandy, para casar?

Dominica virou o rosto para ele, e seus olhos pareciam estrelas fulgurantes.

Depois, lorde Hawkston percebeu que ela se contraía e abaixava a cabeça.

— Que aconteceu, querida?

— Esqueci que, na Inglaterra, você é muito... importante. Tenho

pensado em você aqui, como fazendeiro. Talvez se envergonhe de mim, no meio de seus amigos elegantes.

Lorde Hawkston pegou o queixo de Dominica e fez com que ela o olhasse.

— Não tenho amigos entre os quais você não venha a brilhar como o próprio sol! Você é minha, Dominica! Minha, como sempre estive determinado que seria, como talvez tenha sido no passado! Agora que disse que me ama, nunca mais a deixarei, nunca mais!

— É só o que desejo. Ser sua, para sempre!

— É assim que vai ser. E como sei que isto lhe agradará, e é também o que desejo, pretendo passar aqui seis meses por ano. Não se leva muito tempo para ir à Inglaterra. Iremos para lá no verão, cumpriremos nosso dever para com a família e a propriedade, mas no inverno viremos para cá. Fica contente, assim?

— Sabe que sim! E sabe que serei feliz em qualquer parte, contanto que... esteja com você!

O tom de Dominica fez com que o olhar de lorde Hawkston brilhasse. Depois, beijou-a novamente, até ela não poder mais pensar, sabendo apenas que seu coração e sua alma pertenciam àquele homem.

As estrelas brilhavam, quando lorde Hawkston e Dominica saíram do quarto das palmeiras para o terraço.

Ela usava o vestido branco com o qual casara naquele mesmo dia.

Tinha mudado de roupa para a viagem de trem, mas, chegando em casa, pusera de novo o vestido de noiva, porque sabia que o marido gostava de vê-la assim.

Foi um casamento simples e íntimo, com James Taylor como padrinho. Mas, para Dominica, foi uma cerimônia de devoção, e sabia que o mesmo acontecia com o noivo.

Terminada a cerimônia, Taylor disse:

— Estou satisfeito por você, Chilton. Sempre precisou de uma esposa.

— Para me manter na linha? — perguntou ele, com um sorriso.

— Para completar seu sucesso! Depois que a lua-de-mel terminar, venha me procurar. Tenho não só uns novos métodos de cultura para lhe mostrar, como um rapaz que é exatamente o administrador que lhe convém.

Está aqui há dois anos e é digno de toda confiança.

— Obrigado, James.

Dominica achou muito comovente voltar para a casa do morro e saber que seria seu lar, com o homem amado.

Ao ver a casa acima do vale, como uma jóia cercada pelos belos jardins e pelo lago prateado, ela apertou a mão do marido.

— Vamos ser felizes.

— Agora sei que construí a casa para você e que estava faltando alguma coisa no quarto das palmeiras.

Dominica corou e ele beijou-lhe a mão.

— Você nunca mais precisará ter medo de ficar sozinha no escuro, meu amor.

Tinham tanta coisa que falar, que ainda ficaram lá embaixo, sentados, depois do maravilhoso jantar. Quando passaram para o terraço, era tarde demais para verem o pôr-do-sol.

Dominica ergueu o olhar.

A lua crescente movia-se no céu, e lorde Hawkston perguntou:

— Você sabe como o povo chama o quarto crescente?

— Não. Diga-me.

Até mesmo o som da voz dele a fazia vibrar, e, sentindo o braço do marido em volta da cintura, ela desejou ser beijada.

— É chamada “lua dos amantes”. E isto, minha querida esposa, é o que significa para nós.

— Uma lua dos amantes sobre o Jardim do Éden! — disse Dominica, meigamente. — Que mais podem os amantes desejar?

Ergueu a cabeça para ele e o luar iluminou seu rosto repleto de felicidade.

— Você é tão linda, tão perfeita! Quero dizer-lhe uma coisa.

— O que é?

— Quando vim para o Ceilão, com apenas vinte e um anos, eu achava, como todos os jovens, que cedo ou tarde encontraria alguém que eu amasse e com quem casaria. Mas o que aconteceu foi muito diferente.

Dominica fitou-o, um tanto apreensiva, e ele continuou:

— Apaixonei-me, não por uma mulher, mas por um país. Amei o Ceilão! Significava para mim tudo o que um homem pode desejar na mulher amada. Era macio e quente, doce e amigável, e, além de dar tantas coisas

materiais, tinha também uma mensagem espiritual para aqueles que a queriam ouvir.

— Posso compreender isso.

Lorde Hawkston beijou-lhe os cabelos e sentiu o perfume dos jasmims que ela havia colocado no meio das flores de laranjeira da grinalda feita por *madame* Fernando. Era um perfume do Ceilão, pensou ele, uma fragrância irresistível e essencialmente feminina.

— Às vezes, quando ficava aqui neste terraço, eu pensava que continuaria sozinho o resto da vida. Ninguém jamais significaria para mim o que este país significava. Nenhuma mulher poderia ser tão bela, nem tão desejável. — Apertou Dominica contra o peito. — Depois, encontrei você, minha querida! E soube que era tudo o que eu queria, tudo com que havia sonhado, a máxima perfeição que uma mulher poderia atingir.

— Suponhamos que eu... o decepcione.

— Isso jamais poderia acontecer! Certamente, teremos dificuldades, contratempos, talvez até mesmo brigas, mas, fundamentalmente, somos uma pessoa só, pertencemos um ao outro, e nada pode mudar isto!

— Outro Adão e outra Eva!

Sentiu na pele os lábios carinhosos do marido.

— Você é a minha Eva. Amo-a com todo o amor que existe no mundo. E vou passar minha vida fazendo com que tenha certeza disto.

Apertou-a de novo contra o peito e os lábios de ambos se encontraram. Dominica pôs os braços em volta do pescoço do marido, puxando-o para mais perto ainda.

— Amo você! Amo você!

Sentiu que ele lhe tirava os grampos, para que os cabelos caíssem em ondas sedosas.

Ele beijou os cabelos de Dominica, o pescoço, os ombros. Depois, desabotoou o vestido e beijou os seios de bicos rosados.

— Você é como uma flor de lótus e eu a adoro, querida — disse, apaixonadamente.

Então, suavemente, levou-a para dentro do quarto, e as cortinas se fecharam atrás deles.

Lá fora, a lua dos amantes subia no céu estrelado, prateando o vale adormecido.



QUEM É BARBARA CARTLAND?

As histórias de amor de Barbara Cartland já venderam mais de cem milhões de livros em todo o mundo. Numa época em que a literatura dá muita importância aos aspectos mais superficiais do sexo, o público se deixou conquistar por suas heroínas puras e seus heróis cheios de nobres ideais. E ficou fascinado pela maneira como constrói suas tramas, em cenários que vão do esplendor do palácio da rainha Vitória às misteriosas vastidões das florestas tropicais ou das montanhas do Himalaia. A precisão das reconstituições de época é outro dos atrativos desta autora que, além de já ter escrito mais de trezentos livros, é também historiadora e teatróloga. Mas Barbara Cartland se interessa tanto pelos valores do passado quanto pelos problemas do seu tempo. Por isto, recebeu o título de Dama da Ordem de São João de Jerusalém, por sua luta em defesa de melhores condições de trabalho para as enfermeiras da Inglaterra, e é presidente da Associação Nacional Britânica para a Saúde.

Não perca a próxima edição!

MILAGRE DE AMOR

Desde os nove anos de idade, Syrilla amava o belo duque de Savigne, que, em sua imaginação, era um heróico cavaleiro de armadura dourada, lutando contra terríveis dragões. Agora, aos dezoito, ela sente que todos os seus sonhos de amor estão prestes a se tornar realidade: o homem que adora quer que seja sua esposa! Vivenda. tranqüilamente no campo, com o pai, Syrilla não sabe da vida desregrada que Aristide de Savigne leva em Paris. Nem que seu nome se torna sinônimo de depravação e libertinagem. O cavaleiro de armadura é, na verdade, um cínico que não respeita nada nem ninguém. E que pretende abandonar a noiva depois da noite de núpcias!